



É proibido

O que a Bíblia permite e a igreja proíbe

Ricardo Gondim

EDITORA MUNDO CRISTÃO

São Paulo

*Ao pastor Manoel Gonzaga dos Santos
Só agora entendo como ele foi corajoso
quando optou andar comigo.*

Sumário

Introdução

Primeira Parte

OS USOS E COSTUMES NAS DIVERSAS CULTURAS

1. A cultura, a Bíblia e os usos e costumes
2. Os usos e costumes na cultura judaica
3. O que a Bíblia diz sobre moda, jóias e adornos
4. O que é e o que não é vaidade?
5. Casos aparentemente difíceis

Segunda Parte

NÃO VER, NÃO OUVIR, NÃO FAZER — CAMINHO PARA A SANTIDADE?

6. Cinema: arte ou degeneração?
7. Você ouve música não-evangélica?
8. Uma teologia do esporte e lazer

Terceira Parte

QUESTÕES HUMANAS OU PRINCÍPIOS DIVINOS?

9. A maravilhosa graça de Deus
10. Buscando a santificação



Abrindo o debate

Para Jeílson, pastor de uma igreja muito ativa e crescente, o dia começou como tantos outros. Ao acordar pela manhã, ajoelhou-se ao pé da cama e orou. Logo à mesa do café, começaram as muitas preocupações: notícias da congregação que rejeitava o novo obreiro; problemas com o pedreiro na construção do templo; finanças apertadas. No pequeno alpendre da casa pastoral, mais de uma dezena de irmãos já aguardava aconselhamento. As necessidades eram as mais diversas: ajuda para internar o filho doente; a nova convertida, proibida de participar dos cultos, queria saber como contornar a antipatia do marido; um ancião precisava resolver a situação da aposentadoria... Jeílson enfrentava com certa naturalidade aquele amontoado de dificuldades; seu dia-a-dia já era assim há anos. Ele só não se preparara para a notícia que receberia ainda naquelas primeiras horas do dia. "Miriam, sua filha mais velha", relatou-lhe sua esposa, "cortou o cabelo".

Tudo, menos aquilo. Aturdido, sem acreditar no que lhe acontecera, Jeílson abandonou seus compromissos, deixou todos os irmãos esperando no alpendre e correu enfurecido pelo corredor até chegar ao quarto que ficava nos fundos da estreita casa pastoral. Miriam - constatou ele - aparara de fato as pontas do cabelo. Desde a infância de sua filha, Jeílson jamais permitira que uma tesoura tocasse nas mechas castanhas que agora, aos 18 anos de Miriam, já alcançavam a cintura. Totalmente descontrolado, Jeílson perguntou rispidamente, mas sem esperar resposta: "O que você quer comigo? Está querendo envergonhar-me, acabar com o meu ministério?".

Movido por uma ira descomedida, desafiou o cinto, dobrou em duas voltas e bateu em Miriam até que os vergões se desenhasssem em suas costas e pernas. Envolvido pela mesma ira com que a surrava, desabafou: "Não vou tolerar uma desviada dentro da minha casa. Enquanto você morar aqui, não vou admitir que corte seu cabelo novamente, você está me ouvindo?". Ainda Ruborizado e com o coração acelerado, voltou ao alpendre para tratar dos seus assuntos ministeriais.

Duas horas depois, recebeu a notícia mais devastadora de sua vida: Miriam havia derramado álcool sobre todo o corpo e ateado fogo. Jeílson correu mais uma vez, agora desesperado, e encontrou no mesmo quarto sua filha agonizando com quei-

maduras profundas. Naquele mesmo dia, à tarde, Miriam morreu no ambulatório de um hospital.

Embora os nomes e alguns detalhes da história acima sejam fictícios, ela é verdadeira. Aconteceu em alguma cidade do Brasil. Pior, ela se repete, claro que sem os mesmos extremos, quase todos os dias em alguma família evangélica brasileira. Retrata exatamente a severidade com que algumas denominações brasileiras encaram o problema dos usos e costumes.

Sei de muitas jovens que hoje vivem longe de suas igrejas e totalmente indiferentes à mensagem do evangelho porque sofreram exclusões e disciplinas públicas quando foram vistas usando calças compridas, um colar ou até mesmo brincos. Muitas vezes um jogo de futebol entre crianças ou soltar pipas ocasionam 45 minutos de repreensão do pastor. Em determinadas igrejas, raramente o sermão expõe a Bíblia, pois quase sempre começa com um versículo e acaba tratando do *que pode e do que não pode*. Alguns ficariam estarecidos com o número de pessoas que sai pela porta dos fundos de suas igrejas, rejeitando e odiando o cristianismo, devido a esse rigor legalista sobre usos e costumes.

Nossa igreja realiza, pelas ruas de São Paulo, um trabalho de assistência a mendigos, prostitutas e viciados. Chocam-nos encontrar inúmeros desviados que cresceram nas igrejas, mas, por não suportarem o fardo do *legalismo*, acabaram nas sarjetas das grandes cidades. Filhos e filhas de pastores estão entre alguns dos que perambulam pelas ruas do Brasil. Vítimas do *legalismo* religioso, cometem uma espécie de suicídio gradativo. Envolvidos em drogas, crime e prostituição, estão em pleno processo autodestrutivo.

Esse jugo pesado, quando não aliena, gera também uma outra excrescência: a hipocrisia. Existem muitos que se acomodam ao sistema religioso e mostram-se coerentes com as exigências do pastor somente quando estão na igreja. Longe da fiscalização religiosa, porém, vivem noutra realidade. Esse largo contingente de evangélicos conseguiu desenvolver uma duplicidade comportamental. Na esfera privada agem e convivem com mais liberdade, brincam e riem, vestem-se de acordo com as últimas novidades da moda. Mas, quando vão à igreja, passam por uma metamorfose impressionante. Assumem um ar mais grave. Agem dentro do ambiente religioso de acordo com os códigos impostos pela liderança, mas com revolta. A cada palavra dita no púlpito, haverá sempre um árduo exercício de decodificação. Como defesa, desprezam os sermões legalistas que ouvem. O jugo apregoado não lhes diz respeito. Vivem uma espécie de hipocrisia involuntária, que os agride.

Quase que invariavelmente a conversa durante qualquer refeição entre amigos pertencentes a essas igrejas gira ao redor de usos e costumes. As críticas ao sermão

do pastor são sempre ácidas. O rigoroso discurso de alguns líderes hoje, mal sabem eles, faz parte do cardápio dos encontros entre os membros de suas igrejas. Esses líderes morreriam de vergonha se soubessem o que se comenta sobre eles, e em que situações eles são vistos nessas conversas: como ridículos.

Porém, devemos reconhecer com tristeza, que algumas igrejas chegam a alterar o rigor de suas exigências de acordo com o nível social dos seus membros. Quanto mais rico o rebanho, menos policiamento; quanto mais pobre, maior a disciplina. A condição social define claramente quão rigorosos são alguns pastores quando cobram "santidade" nos trajés de seus membros ou definem se é ou não permitido assistir à televisão.

Denominações já experimentaram até cismas por causa de usos e costumes. Aquelas que se auto-intitulam "Igrejas da Restauração" geralmente reagem contra o que consideram libertinagem em suas congregações. Com um conservadorismo sufocante, tentam restaurar os "costumes dos nossos pais"; brigam com aqueles a quem chamam de liberais, acusando-os de jogar a igreja no esgoto do mundanismo. Entre eles, as mulheres que fazem uso de qualquer tipo de maquilagem recebem a pecha de "Jezabel"; os que assistem à televisão são tachados de "aliados do diabo"; os jovens que escutam qualquer tipo de música que não seja "evangélica" são vistos como desviados.

Algumas igrejas históricas principiaram trabalhos de evangelização no país, atribuindo seu crescimento numérico à unção do Espírito Santo. Sempre creram ser ele o responsável pelo poder que as capacitaria para cumprir a missão de propagar o evangelho. A revista *Obreiro*, destinada aos obreiros em geral das Assembléias de Deus (abril/maio de 1996), registra dados sobre esta que talvez seja a maior denominação evangélica do Brasil. Durante a "Década da Colheita" (estratégia de evangelização denominacional para a década de noventa), levantaram-se dados sobre o vertiginoso crescimento desse segmento evangélico em seus oitenta e cinco anos de fundação:

- 12 milhões de membros;
- 9 mil *igrejas-sede*;
- 12 mil pastores;
- 100 mil templos;
- milhares de crentes congregados.

Há, lamentavelmente, alguns que atrelam o crescimento *de suas igrejas* ao rigor nos usos e costumes. Eles saudosamente acreditam que sua denominação cresceu

porque era rigorosa nesse item, e não como resultado de uma exuberante atuação do Espírito que capacitava e ungia os crentes para o mandato evangelístico. Esse grupo não só atrasa o processo de atualização cultural da denominação, como é responsável pela estagnação numérica da igreja. Para cada 10 convertidos, quantos saem sem suportar o pesado jugo do legalismo?

Essa falta de sintonia de algumas igrejas com as mudanças sociais e culturais entristecem. Pior, suas conseqüências vêm-se revelando desastrosas para as denominações. Segundo algumas pesquisas, o crescimento em muitas igrejas está sendo vegetativo, ou seja, na mesma faixa dos dois por cento de crescimento anual da população brasileira. Os dados demonstram que há uma sangria de membros alarmante; cerca de 10 a 20% dos membros vão para outras igrejas evangélicas.

Infelizmente essa parcela legalista, responsável pelo descompasso cultural da denominação, não pára de crescer. Espelhando-se no exemplo de outras igrejas que também se estagnaram, ela retarda o crescimento da denominação com um *legalismo* destruidor. Advoga um recrudescimento nas normas da denominação e quer que esta volte aos costumes dos anos cinqüenta, quando as mulheres, segundo eles, trajavam-se com roupas mais modestas e meias grossas, e os homens usavam chapéus. Esquecem-se de que um dos pais da igreja, Cipriano de Cartago, exortava seus contemporâneos no primeiro século: "Uma antiga tradição pode ser simplesmente um antigo erro".

O sociólogo Ricardo Mariano, na sua dissertação de mestrado sobre as mudanças que ocorrem em denominações brasileiras, responsabiliza essa estreiteza quanto a usos e costumes por inúmeras anomalias comportamentais entre os jovens educados sob esse rigor legalista:

A aplicação prática dos tradicionais costumes e hábitos de santidade gera conflitos domésticos, sobretudo na relação pais e filhos. Acuados por imposições, privados de usufruir de prazeres ou entretenimentos mundanos elementares, como assistir à TV, a criança e o adolescente tendem a rebelar-se contra a tirania paterna. Não raro, a reação ou insubordinação das crianças e sobretudo dos adolescentes desencadeia sérias contendas familiares. Depois de frustradas tentativas de persuasão quando finalmente se vêem impotentes diante da rebelião filial arremetida contra sua autoridade, que por ser bíblica não pode ser contestada, muitos pais lançam mão da violência. A relação vertical entre pais e filhos descamba para atos de privação, cárcere, agressão física, maus tratos, podendo, até mesmo, provocar o abandono do lar.¹

Em alguns casos, o zelo pela defesa de usos e costumes chega sim às raias do fanatismo. *O Globo*, em 2 de abril de 1992, e *O Jornal da Bahia*, em 3 de abril de 1992, relataram uma pesquisa feita pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência) do Rio de Janeiro. Constatou-se que 33% dos casos registrados de agressão física contra menores ocorreram em razão do "fanatismo religioso". O sociólogo Ricardo Mariano escreveu para a ABRAPIA e recebeu de uma funcionária evangélica uma resposta preocupante:

O tema em questão — 'violência contra criança por motivos e com justificativas bíblico-religiosas' — é sumamente complexo... Na maioria das vezes, a violência começa com a privação da criança e sobretudo do adolescente à vida social. A privação de participar em festinhas, ir ao cinema, ver TV, sair com os amigos, acaba numa relação pais-filhos/filhas muito conflitiva. A justificativa dos pais, nestes casos, é proteger a criança das perversidades do mundo e preservá-las para Deus. Para isto, vale até surrá-las, trancá-las, tirá-las da escola, etc. Quando se trata de uma criança normal, todas estas regras rígidas são desobedecidas, o que provoca a ira santa dos pais ou responsáveis. A partir daí, para tirar o demônio do corpo da criança vale tudo. Muitas vezes, a criança foge e vai somar-se a muitos "meninos de rua". Outras vezes, o controle permanente dos pais mantém os filhos em regime de escravidão e tortura. As explicações religiosas são repetidas como argumento para tais atitudes. O mais grave ao nosso entender é que a religião tem reforçado o poder dos pais sobre os filhos, construindo uma relação desigual, de dominação do mais forte sobre o mais fraco. Nesta relação, a mãe, por ser mulher, está também em desobediência ao 'cabeça da família', o homem.²

A própria expressão " vaidade no vestuário " já está carregada de valores espirituais e éticos em muitas igrejas. Em certas denominações, as questões sobre o aspecto da mulher e sua indumentária (desde o tamanho do cabelo à dúvida relativa ao uso das calças compridas) ou sobre o uso de barba por parte dos homens ainda são tão explosivas, que não há sequer espaço para um diálogo maduro e isento de preconceitos entre elas.

Nesta introdução, peço a compreensão dos segmentos evangélicos que consideram de menor importância essa discussão. Quem julga ser desnecessário o debate sobre a problemática abordada por este livro desconhece quão sufocante é a

vida cristã em determinados redutos evangélico-brasileiros. O número de pessoas desviadas ou vivendo um cristianismo mascarado demonstra, todavia, que o assunto precisa urgentemente de uma resposta bíblica.

Reconheço que, diante dos temas levantados ainda nos primeiros séculos, tanto pelos apóstolos como pelos pais da igreja, discutir roupas e televisão é meio ridículo. Concordo em que a questão da deidade e nascimento virginal de Cristo, assim como a do cânone das Escrituras foram vitais para a própria sobrevivência da igreja. Não defendê-las significaria tergiversar e cair na pode não alterar a dimensão mais substancial da fé, certamente pode libertar muita gente da culpa e do fardo pesadíssimo que dele advêm.

Há minúcias consideradas de menor importância teológica, isto é, não essenciais ao pleno desenvolvimento do cristianismo; são as formas de culto (quais hinos devem ser cantados na liturgia), a arquitetura de templos, as formas de governo, o número de vezes em que se celebra a Santa Ceia, etc. Estas e tantas outras doutrinas periféricas podem, entretanto, sinalizar o grau de compreensão que se tem das doutrinas fundamentais, tais como a da regeneração, a da expiação e a da graça. Nosso interesse em tratar de usos e costumes na igreja não significa que desejemos assumir uma postura eticamente liberal e *antinomista* (*sem qualquer referencial ético*); pretendemos, tão-somente, reavivar a *Teologia da Graça*.

Quando Lutero pregou suas noventa e cinco teses na Catedral de Wittemburgo, ele não almejava simplesmente acabar com um sistema iníquo de levantamento de fundos da Igreja da época. Queria, mais do que isso, restabelecer a pregação de que o justo não mais vive por obras da lei, mas pela graça.

Preocupa-me imaginar a possibilidade de que muitos crentes hodiernos não tenham alicerçado sua fé na graça de Deus; infelizmente, ainda dependem de suas boas obras como garantia de salvação. Têm sido acrescentadas fórmulas e exigências comportamentais à mensagem da salvação, tornando o sacrifício de Cristo ineficaz. Indago-me freqüentemente se muitos crentes não se estribam nas doutrinas e proibições de suas igrejas como um meio de alcançarem a salvação.

No Brasil, devido ao largo preconceito sobre o tema e por falta de literatura que discorra bíblicamente sobre usos e costumes, alguns evangélicos continuam com dúvidas sobre seu Comportamento. Em muitas das minhas viagens por este país, ouço homens e mulheres questionando: "Como distinguir a doutrina bíblica dos costumes provenientes das tradições humanas?" Inquietos, querem saber se podem jogar futebol, usar uma jóia ou até mesmo ouvir uma música no rádio sem entristecer o Espírito Santo.

Ao dizer a algumas pessoas que intentava escrever sobre este assunto, ouvi comentários positivos e negativos. Estou certo de que para as mulheres, especialmente, a leitura deste livro mostrar-se-á libertadora. Como as lideranças evangélicas são masculinas, a maioria das proibições visa às mulheres. Revoltadas, mas sem poder para contestar, elas sofrem humilhações públicas. Nos púlpitos, os pregadores vociferam acusando-as de vaidosas. Em muitas ocasiões esses pastores, trajando um terno caríssimo e ostentando uma bela gravata de seda importada (às vezes presa por um grampo de ouro), exigem simplicidade no trajar das mulheres. As pobres irmãs, enojadas com tanta hipocrisia, anseiam por liberdade espiritual.

Entendo que os argumentos aqui apresentados não encontrarão a concordância de algumas lideranças evangélicas. Eu as respeito. Peço apenas que ninguém discorde sem antes ler a argumentação. Por favor, tente discernir o propósito com que escrevo cada capítulo. Antes de me condenar à fogueira como um libertino herege, peço que refute os meus argumentos com outros argumentos. Não desçamos ao nível de ataques pessoais.

Não viso a ofender, contender ou zombar de qualquer postura denominacional. Não pretendo criar um novo motivo de divisão no corpo de Cristo, já lamentavelmente muito fragmentado. Meu intento é ajudar aquelas pessoas que carregam m enorme ponto de interrogação sobre qual procedimento bíblico deve ser adotado quando se vestem, se maquilam, cortam o cabelo, usam calças compridas, se divertem e lêem. Busco ajudar você, querido leitor, a manter-se santo diante de Deus sem *legalismos* e sem um conceito libertino de vida cristã. Conheço muitas pessoas que também não desejam quebrar a lei de Deus, todavia, estas entendem que o *legalismo* religioso produz muito mais prisão que a liberdade dos Evangelhos.

Na primeira parte do livro, tentarei responder às indagações mais freqüentes, tais como: As mulheres podem ou não aderir à moda? Jóias, colares, brincos e pulseiras podem fazer parte da indumentária cristã? Por que Paulo discorre sobre cabelo em sua carta aos Coríntios? O que é indumentária masculina e feminina? Até que ponto Deus se preocupa com esse assunto?

Dividi a primeira parte deste livro em tópicos distintos, procurando demonstrar que:

1. Moda, adornos, usos e costumes não constituem valores espirituais em si mesmos; não fazem parte da lei moral de Deus; devem ser concebidos como valores culturais.
2. Não é negativa a abordagem bíblica sobre a moda e sobre a utilização de adornos no corpo; a Bíblia está repleta de passagens em que homens santos e o próprio Deus participam em atividades de adorno.

3. O conceito evangélico-brasileiro sobre " vaidade " não se coaduna com o significado desse termo, usado largamente tanto no Antigo como no Novo Testamento.
4. As roupas masculinas e femininas podem perder, com o passar do tempo, suas repercussões culturais iniciais e, conseqüentemente, deixar de ser um veículo de identificação da masculinidade ou da feminilidade de alguém.
5. Os trechos bíblicos usados para combater a moda e o uso de adornos são comumente lidos de uma maneira errônea. Muitos são tirados de seus respectivos contextos e adaptados para sustentar a doutrina de uma determinada igreja e de seus líderes.

Na segunda parte deste livro trataremos de questões mais ligadas à cultura, aos esportes e ao lazer. Os evangélicos brasileiros demonstram grande fragilidade em compreender o real Significado da palavra " cultura ". Não sabem discernir eticamente sobre o que podem ou não experimentar. Por exemplo, numa reunião de diretoria, numa determinada igreja, decidiu-se que:

Ir à praia ou piscina pública, ficar seminu e tomar banho; ir à praia ou piscina pública e só assistir aos banhistas e ficar no seu traje normal vendo o pecado, é proibido segundo a Bíblia em: Sl 1:1; Rm 6:12-13; 1 Co 5:8; Ap3:18; Ap 16:15.

Punição: Banhistas

Membros:

1ª vez — 6 meses;

2ª vez — 1 ano;

3ª vez — exclusão

Obreiros

1ª vez—1 ano;

2ª vez—exclusão

Punição: Assistentes

Membros

1ª vez—3 meses;

2ª vez—6 meses;

3ª vez —1 ano;

4ª vez — exclusão

Obreiros

1ª vez — 6 meses;

2ª vez—1 ano;

3ª vez —exclusão

Será que o lazer de uma piscina ou um banho de praia estão proibidos aos cristãos que quiserem viver santamente? Ou será que as igrejas que adotam essa política comportamental não entendem corretamente as exigências morais de Deus?

Procurarei mostrar que estando no mundo não devemos ausentar-nos dele, mas sim influenciá-lo como filhos da luz. Por incrível que pareça, continua vigoroso o debate sobre os crentes poderem ou não assistir à televisão. Em outras três reuniões de diretoria da igreja supracitada, ficou aprovado:

Todos os obreiros deste ministério não poderão ter aparelho de televisão em sua casa e não mais será separado o obreiro que a possua, devendo tirar o referido aparelho de sua casa. É proibido segundo a Bíblia em SI 25:15; SI 101:3, etc. Exceção: Quando o aparelho for da esposa ou filhos não crentes.

Essa resistência aos meios de comunicação será mero obscurantismo ou advém de um *legalismo* hipócrita? Por que essa comunidade evangélica não soube aproveitar a televisão como meio de comunicação do evangelho perdendo, dessa forma, um precioso momento de realmente influenciar o povo brasileiro?

Não concordo com a tese de que muitos desses posicionamentos nasceram de uma conspiração das elites religiosas ávidas por se manterem em posição de autoridade. Creio que, na verdade, o *legalismo* origina-se de uma fraca compreensão do que significa o vocábulo "mundo" na Bíblia. Buscarei mostrar que muitas vezes agimos ambigualmente ao nos relacionarmos com a produção cultural dos *não-cristãos*. Rejeitamos suas músicas, mas aceitamos suas descobertas médicas; julgamos ser o teatro algo estritamente mundano, mas aceitamos as propostas de um partido político e chegamos a franquear o púlpito de nossas igrejas aos seus discursos.

Na terceira parte deste livro me concentrarei em estudar sobre a graça. Sem entender que todas as pessoas, mesmo caídas, ainda mantêm a imagem de Deus, não há como conviver no mundo. Os reformadores protestantes do século XVI concordavam em que há uma graça comum distribuída a todas as pessoas, mesmo às pagas. Essa graça é o favor de Deus que capacita as pessoas a fazer o bem, a agir dignamente e a executar a justiça. Caso contrário, esse mundo se transformaria em completo caos. Devido a essa graça comum, um juiz pode, mesmo não sendo cristão, julgar com justiça. Do mesmo modo, é possível um artista fazer arte com beleza ainda que não seja convertido.

A cultura, como parte da nossa humanidade, traz reflexos da imagem de Deus. No entanto, também participa de nossa natureza caída. Não se pode *a priori* condenar toda cultura, mas os cristãos necessitam saber julgá-la. Proibi-los de participarem dela não significa promover a santidade; pelo contrário, força-os a uma vida dupla ou

diminui sua capacidade de discernir corretamente sobre o que pode ou não ser consumido por um cristão.

Sem a compreensão da graça, os crentes irão manter-se vulneráveis ao fermento do legalismo e do farisaísmo. A carta de Paulo aos Gálatas atesta que mesmo aqueles que começaram na fé podem rapidamente ser degenerados em um cristianismo de obras. O mesmo processo que ocorreu naquela igreja pode repetir-se em qualquer comunidade. Importa saber como se dá essa decadência espiritual.

Estudaremos a graça de Deus não apenas como um favor imerecido de Deus; veremos que ela é a capacitação divina para sabermos como obedecer e nos comportar conforme a sua vontade.

Espero que este livro contribua para tornar o cristianismo brasileiro menos antipático. Precisamos urgentemente de uma mensagem mais positiva e menos proibitiva. Muitas pessoas não se interessam por conhecer os conteúdos do evangelho em virtude de as igrejas passarem a imagem de que são sempre do contra. Somos conhecidos como os que proíbem tudo. Urge mostrar uma face mais real e simpática do cristianismo.

Muitos aguardam o dia em que não terão mais de representar diante dos seus pastores e líderes. Querem viver coerente-mente tanto na igreja como em suas atividades seculares. Espero ajudar a aliviar a culpa daqueles que anseiam participar intensamente da vida. Tudo o que fizermos poderá ser feito para a glória de Deus. A igreja não deve ser um lugar onde nos sentimos reprimidos, mas sim amados. Não devemos ensinar nossos jovens sobre um Deus estraga-prazeres, disposto a impedir a felicidade de seus filhos. Temos de apregoar que o Senhor

proporciona vida em abundância. Os pastores não se devem enxergar como fiscais dos atos de seus membros. Devem, de maneira oposta, facilitar para que os talentos e dons sejam usados para a expansão do reino de Deus. A igreja é lugar de celebração; Deus, a fonte de toda felicidade; os líderes, pastores do rebanho de Cristo.

Notas

1 MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo, os Pentecostais Estão Mudando. (Dissertação de Mestrado em Sociologia / USP.) São Paulo, 1995, p. 204.*

2 MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo, os Pentecostais Estão Mudando. Idem, Ibidem.p.205.*

Primeira Parte

OS USOS E COSTUMES NAS DIVERSAS CULTURAS



Capítulo 1



A cultura, a Bíblia e os usos e costumes

Ao final da década de 80, uma expressiva liderança evangélica brasileira participou do Segundo Congresso de Lausanne, realizado nas Filipinas. Interagimos com líderes de vários outros países. Numa determinada tarde, diversos pastores e eu comparecemos a uma programação cultural que o maior seminário teológico de nossa denominação em Manila nos oferecia. Almoçamos, cantamos e conhecemos os principais líderes de quase todos os continentes. Um homem corpulento chamou-nos a atenção. De Bíblia na mão, ele trajava uma saia marrom amarrada à cintura com um cipó. Para completar, ainda vestia paletó e gravata. Eu sabia que os escoceses usam saias quadriculadas, mas confesso que aquela saia pareceu-me esquisita demais. Ele também despertou a atenção de outros líderes; muitos buscaram posar para

fotografias ao seu lado. Meio constrangido, indaguei quem era aquele pastor trajado de forma tão bizarra. A resposta veio como uma bomba: "Ele é o presidente desta denominação do Fiji". Ninguém conseguiu disfarçar o espanto. Dava para perceber no rosto de todos a exclamação: "...Mas de saias!?".

Por que as pessoas se vestem tão diferenciadamente de um lugar para outro? E por que aquele pastor sentia-se tão à vontade com a sua saia e nós não conseguíamos sentir-nos confortáveis só em vê-lo vestido daquele jeito? A resposta simplesmente é que sua cultura é diferente da nossa. Nem nossa maneira de nos trajar é melhor e mais santa diante de Deus, nem há como atribuir qualquer valor negativo à maneira como aquele digno pastor se vestia. Unicamente crescemos em ambientes diferentes. Como as nações desenvolveram-se em condições históricas, geográficas, sociais e políticas distintas, espera-se que elas também possuam culturas diferentes. Assim como há comidas diferentes e ritmos musicais diversos, há também trajes típicos pertencentes aos mais variados países, regiões e etnias.

O que é cultura?

A definição de cultura não é tão simples como parece. Os antropólogos já criaram mais de trezentas definições. O conceito mais básico de cultura é relativo ao jeito próprio de as pessoas enfrentarem suas atividades cotidianas e perceberem o mundo em que vivem. "Este conceito refere-se a coisas muito concretas, como a forma de dormir, levantar-se, comer, beber, trabalhar, brincar, lutar, expressar amor, casar-se, criar e educar os filhos, adoecer, morrer, etc. Existem, por exemplo, várias maneiras de dormir. Nem todos dormem do mesmo jeito, usando cama, colchão e lençóis. Em muitas comunidades do interior, dorme-se no chão ou numa plataforma de barro com pelegos de carneiro. Na selva, como também em várias regiões do continente, usam-se rede e estrados de madeira".¹

Os hábitos de higiene pessoal diferem muito de país para país. Sabe-se que os franceses não são muito achegados ao banho diário. Para disfarçarem os maus adores desenvolveram a maior indústria de perfumaria do mundo. Nós, brasileiros, nos banhamos todos os dias; em alguns lugares, devido ao excessivo calor, várias vezes ao dia. Já os escandinavos banham-se em saunas. Nos climas frios nórdicos pouco se transpira, e a sauna produz artificialmente um ambiente em que os poros se dilatam e o suor limpa a pele de bactérias mortas. Edward Taylor, antropólogo norte-americano, assim definiu a cultura:

Cultura, tomada em seu amplo sentido etnográfico, é o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, ou qualquer outra

capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.²

Examinando os primeiros relatos históricos das civilizações mais antigas, observamos que as sociedades transformavam em arte o que primeiramente haviam criado apenas para atender suas necessidades mais básicas. Além de caçar, os povos primevos buscavam desenhar suas aventuras nas paredes das cavernas. Os potes de barro, inicialmente usados apenas para conter alimentos e cozinhá-los ao fogo, passaram também a receber adornos. O mesmo processo aconteceu com as roupas. Desde os tempos mais remotos, há nítida demonstração de que as roupas não eram usadas apenas para cobrir e proteger

O corpo. Elas adquiriram valores artísticos e estéticos, expressando a criatividade própria das pessoas e de uma determinada sociedade.

O clima, na maioria das vezes, pode determinar não apenas o tipo, mas também as cores e até o material usado na Confecção de roupas. Nos ambientes frios, as roupas não só escondem o corpo completamente, como adquirem cores pretas e cinzentas, por serem as que melhor conservam as pessoas aquecidas. Nos climas tropicais, com fartura de sol, as Vestimentas são brancas ou muito coloridas, além de possuírem tecidos bem leves. A moda escocesa dos homens se vestirem com saias de lã e grossas meias só tem sentido no clima do norte da Europa.

O deserto árido e seco obriga os árabes a se vestirem com grandes blusões de algodão branco; já o clima tropical e úmido da Amazônia leva os índios a andarem nus. Os vaqueiros nordestinos usam gibões de couro, mesmo vivendo sob o sol causticante das caatingas, porque necessitam proteger-se dos garranchos espinhosos da mata. As mulheres bolivianas, de forma igualmente peculiar, vestem-se com várias camadas de roupas para se defenderem do frio andino.

Não se pode atrelar qualquer valor moral a essas diferenças; as pessoas não optaram por se vestir de certa maneira em razão de ser moralmente depravadas ou mais santas que outras. Pode-se concluir, deste modo, que a topografia e a vegetação são os fatores que exigem a utilização dos mais diversificados tipos de vestes.

Uma sociedade que veste pouca roupa, ou até nenhuma, não sente vergonha de viver assim e não compreende porque outros povos (de clima frio) precisam usar tanta roupa. Quando um europeu observa um africano trajando roupas tão coloridas, ele também acha estranho. No Nordeste brasileiro é muito comum homens calçarem sandálias. Já estive em congressos em que alguns pastores compareceram às reuniões com uma chinela de couro. Esse comportamento seria totalmente inaceitável num congresso de pastores nos Estados Unidos.

E. A. Nida, em seu livro de antropologia missionária *Costumes e Cultura*, mostra porque é importante saber respeitar as diferenças culturais no cumprimento do mandato missionário:

...estudos contemporâneos sobre os costumes e os valores estéticos e morais dos tipos de roupas têm concluído que o uso de pouca roupa por parte de certos povos pouco tem a ver com a moralidade de uma sociedade. O que afeta a moralidade de uma sociedade é o desobedecer às leis que determinam quais as roupas que podem e devem ser usadas dentro daquela sociedade.

Isso significa que a moralidade de um povo não pode ser medida segundo as leis de nossa sociedade, mas sim, pelas leis particulares de cada sociedade em si.³

A própria origem da palavra "roupa" fornece algumas pistas para a compreensão de seu valor cultural. A *Enciclopédia Mirador* mostra que este vocábulo advém do século XII. "De origem portuguesa, 'roba' procede do vocábulo germânico 'rauba', que significa 'saquear, roubar com violência'."⁴ Possivelmente as roupas, como despojo de guerra, valorizavam o guerreiro vencedor.

As civilizações, portanto, criam roupas e adornos específicos de acordo com os seus parâmetros próprios. Estes, por sua vez, são consoantes às suas próprias convenções sociais e podem ou não ser apropriados em outras culturas. Há roupas e adornos característicos dos anciãos e das crianças que podem ter relevância numa cultura, mas não significar nada em outra. Em determinadas tribos, os guerreiros se adornam para uma batalha pintando os olhos com uma cor, enquanto noutras o ornamento de guerra é alguma pele de animal selvagem. No Brasil, por exemplo, os militares possuem diversos tipos de vestes, uma para cada ocasião específica. As noivas, em virtude da cerimônia do casamento, também se vestem de maneira diferenciada; nossa cultura aceita que uma mulher se case de branco, com grinalda, véu e muito bordado. Porém, se uma mulher se vestir com roupa de noiva e for a uma cerimônia fúnebre, as pessoas certamente irão considerá-la louca, pois, segundo nossos costumes, seu procedimento seria impróprio. Há roupas específicas, inclusive para os sacerdotes. Desde as religiões pagãs da Babilônia, Pérsia, Grécia até as dos índios mais primitivos, criaram-se roupas sagradas para uso exclusivo dos sacerdotes. Na cultura judaica, a indumentária dos sacerdotes foi meticulosamente detalhada no Pentateuco.

Em Êxodo 28:1-6, Deus forneceu uma minuciosa descrição de como o sacerdote deveria trajar-se. O próprio texto fornece o objetivo de se usar roupas tão distintas das que usariam os demais judeus:

Faze também vir para junto de ti Arão, teu irmão, e seus filhos com ele, dentre os filhos de Israel, para me oficiarem como sacerdotes, a saber, Arão, e seus filhos Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Farás vestes sagradas para Arão, teu irmão, para **glória e ornamento**. Falarás também a todos os homens hábeis, a quem enchi do espírito de sabedoria, que façam vestes para Arão, para consagrá-lo; para que me ministre o ofício sacerdotal. As vestes, pois, que farão são estas: um peitoral, uma estola sacerdotal, uma sobrepeliz, uma túnica bordada, mitra e cinto. Farão vestes sagradas para Arão, teu irmão, e para seus filhos, para me oficiarem como sacerdotes. Tomarão ouro, estofos azul, púrpura, carmesim e linho fino... retorcido, obra esmerada, (grifos do autor)

A Igreja medieval tentou imitar o Antigo Testamento e vestiu seus padres com vários tipos de vestes clericais. Havia, também, vestes sacerdotais que distinguiam as hierarquias: o papa, os cardeais, bispos e padres. Na Reforma Protestante, no século XVI, Lutero não reformou a liturgia tão profundamente, de sorte que muitos pastores luteranos continuaram basicamente com os mesmos paramentos clericais. Calvino, por sua vez, entendendo que a função do sacerdote não era mais sacramental, resolveu vestir os pastores com as roupas dos juizes. As togas dos pastores deveriam mostrar à congregação que as funções do homem de Deus no púlpito eram de, à semelhança do que faz um juiz com as leis, interpretar e explicar a Bíblia.

Até para expressar luto, cada sociedade adota um tipo de traje. No Brasil, devido à influência católica luso-italiana, veste-se de preto para indicar a dor da morte. Alguns anos atrás, exigia-se que as viúvas trajassem roupas negras e fechadas durante um ano; aquelas que violassem esse código social seriam consideradas levianas. Já em Israel, para expressar luto, as pessoas vestiam-se com roupas de saco e sentavam-se em cinzas. Na Índia, as mulheres quando choram os seus mortos trajam-se de branco. Em Israel a cor roxa significava realeza; mas, no Brasil, durante anos essa foi a cor das casas mortuárias.

A cultura é semelhantemente responsável, em qualquer sociedade, pelos códigos comportamentais das pessoas. Criam-se regras que valem apenas em determinado círculo social. Dessa forma, fica impróprio um ancião vestir-se com as roupas de uma

criança, assim como um guerreiro trajar-se do mesmo modo como se casou. Para sabermos se um homem está vestido com roupas de mulher, precisamos ter conhecimento de como a cultura em que ele está inserido determinou o que um homem e uma mulher devem vestir. No ocidente, um homem trajar-se com um camisolão pode significar que ele queira travestir-se de mulher; na palestina, contudo, será identificada apenas a sua tribo. Os cabelos longos e brancos podem representar experiência, daí os juizes europeus usarem perucas quando entram nas cortes. O cabelo raspado é um costume típico dos monges budistas, enquanto os judeus mais devotos não cortam as franjas laterais de seus cabelos.

Sendo assim, de acordo com as próprias regras de uma demarcada sociedade, uma vestimenta pode ou não carregar valores morais. E. A. Nida exemplifica:

...uma certa tribo indígena brasileira determina que as mulheres devem usar como roupa um cordão em volta da cintura com outro amarrado na direção oposta. Como brasileiros que so-mos, achamos que isso é muito pouco para cobrir a nudez de uma mulher. Mas dentro daquela sociedade, isso é suficiente. E não é imoral. Os homens não se sentem perturbados por causa daquele cordão apenas. Mas, se uma daquelas mulheres sair para o trabalho sem o cordão, ela estará cometendo um ato grandemente imoral.⁵

As roupas nas culturas portuguesa e brasileira

Posso recordar vividamente de um congresso do qual participei como preletor. Eu havia falado na noite anterior e interessei-me muito em ouvir o preletor daquela noite. Ele também desenvolveria o tema do congresso: Santidade ao Senhor. Considerado como um dos bons pregadores da nova geração dos avivalistas brasileiros, interessei-me por ouvi-lo. Porém, bastaram alguns minutos para que eu percebesse o rumo que ele daria ao seu sermão. Exemplificando com a vida da sua jovem esposa que nunca tocara seus cabelos com uma tesoura e jamais havia vestido uma calça esporte, ele redargüiu aos jovens: "Devemos ser santos." A ala conservadora da igreja gritava glória a Deus, mas o meu coração chorou de tristeza. Saí da reunião lamentando o futuro da igreja. Antes de querer agradecer os mais conservadores, ele deveria discernir o poder que a cultura exerce sobre nossos comportamentos e saber que nossas raízes portuguesas, indígenas e africanas não são mais pecadoras ou santas que as de qualquer outra nação.

Os brasileiros falam, comem, vestem-se e agem de acordo com a cultura brasileira. Tomemos, por exemplo, nosso idioma. Quem já foi a Portugal sabe que o português que falamos aqui é diferente do de lá. Nossa língua sofreu influências aqui

que nos levaram a falar diferente de nossos antepassados lusitanos. Os negros africanos nos ensinaram um jeito mais manso, carinhoso de falar. Quando queremos saber de uma criança se um ferimento está doendo, não perguntamos secamente: dói muito? Perguntamos: está dodói? Repetindo a palavra duas vezes, suavizamos o seu sentido e nos comunicamos com ternura. Isso é muito brasileiro.

Nossa cozinha também tem um sabor singular. No Nordeste e Norte do Brasil, nossos cardápios têm muita influência indígena. A farinha, a rapadura, a carne-seca vêm da mesa dos nativos. Já na Bahia e em Minas Gerais, há muito da cultura africana nos pratos. O azeite de dendê, as frituras são dos nossos pais africanos. Já no sul do país, os churrascos têm muita influência dos pampas e da cultura européia que imigrou para o nosso país.

Na cultura portuguesa as roupas adquiriram seus valores pela fortíssima influência católica. Durante anos os portugueses trajaram-se de forma bem conservadora. Há pouco mais de cem anos, as mulheres não podiam mostrar o torno-

zelo, então considerado muito sensual; cobriam-se completamente com saias, anáguas, meias grossas e mangas longas.

Os homens trajavam-se de calças compridas (somente crianças vestiam-se de calças curtas), com austeros casacos, fraques e coletes.

Enquanto os ingleses, ao viajarem para os países tropicais, vestiam-se de bermudas, os portugueses mantinham-se fiéis às tradições de se trajarem com roupas que eles mesmos consideravam recatadas. Mas, mesmo mantendo-se conservadores quanto aos seus costumes e tradições, os portugueses sabiam que há roupas neutras, as quais, por não designarem o sexo a que se destinam, podem ser usadas tanto por homens como mulheres (chinelas, blusas, camisetas).⁶

Tanto um homem como uma mulher podem calçar chinelas de dedo (tipo japonesa ou havaiana) sem experimentarem constrangimento; todavia, convencionou-se que as sandálias com qualquer tipo de salto são sempre femininas. Nenhum homem sente-se bem ao calçar uma sandália que possua salto alto. Há detalhes que muitas vezes passam até despercebidos: a cultura portuguesa convencionou que as blusas masculinas devem ser fechadas com botões no sentido da esquerda para a direita, ao passo que as blusas femininas devem ser abotoadas no sentido inverso.

A cultura brasileira adotou muitos padrões comportamentais do catolicismo português. Os homens, mesmo num clima tórrido, continuam vestindo-se com paletós; as calças curtas ainda significam trajes infantis, e as mulheres seguem identificando nas longas saias sua feminilidade. Mas a cultura não é estática, ela muda com o passar dos anos. Os brasileiros, depois, passaram a imitar a moda francesa, que na virada do século era o que havia de mais moderno. Após a Segunda Guerra Mundial,

entretanto, os americanos passaram a dar o novo tom das vestimentas. O mais típico exemplo são as calças *jeans*. Desde o século passado, o índigo tem servido para confeccionar as roupas dos trabalhadores rurais da América do Norte. Contudo, elas só se popularizaram como uma vestimenta resistente nos anos cinquenta, ganhando, a partir daí, o mundo inteiro; tornaram-se as vestimentas globais.

Mas por mais forte que tenham sido as influências européia e americana, há um resto de índio e africano em todos nós. Será essa a razão por que temos uma forte inclinação para nos vestir com poucas roupas? Além do calor, esse resquício indígena nos leva a chegar em casa e tirar as roupas pesadas e sóbrias. Procuramos camisetas largas, calções frouxos. Queremos nos sentir mais à vontade. Será que nossos antecedentes africanos não surgem, vez por outra, em nossa indumentária colorida? Essa queda que o brasileiro tem pelo colorido não vem de berço?

A globalização e a cultura

Em tempos mais antigos, os costumes revelavam com exuberância as características próprias de cada povo. Hoje, porém, com o avanço dos meios de comunicação, a rapidez dos transportes aéreos e a globalização da economia, fica cada vez mais difícil notar diferença entre o traje de um executivo de Nova Iorque e o de um executivo de Tóquio; as noivas brasileiras vestem-se basicamente como as norueguesas; os militares franceses usam mais ou menos as mesmas fardas que o exército cubano; os jovens suecos compram os mesmos *jeans* que os argentinos; os pastores ingleses trajam o mesmo paletó que os russos. Há restaurantes chineses em todas as cidades do mundo. Há provavelmente mais pizzarias em São Paulo que na Itália. A televisão a cabo traz o noticiário dos principais telejornais dos Estados Unidos, Alemanha, França, México. Os cientistas das universidades brasileiras têm acesso direto aos descobrimentos dos cientistas americanos ou ingleses. A Internet já é parte do cotidiano da academia. O mundo encolheu. Vivemos em uma aldeia global.

Esse encolhimento do mundo traz um novo conceito de cultura global. A cada dia que passa as pessoas se tornam participantes dos costumes de outros países. Os conceitos outrora arraigados sobre a legitimidade ou não de um determinado comportamento agora têm maiores chances de ser confrontados com outras tradições. Se, em algum tempo, considerou-se um absurdo vestir-se de um determinado jeito, agora é possível confrontar-se com outras nações agem e ver que não há perversão naquele comportamento.

A ética evangélica sobre a moda

Em qualquer cultura as roupas participam da elaboração cultural. A comida, a música, o idioma e as relações sociais também são parte do modo pelo qual um povo se expressa. Assim, não há como desenvolver uma teologia sobre indumentária sem levar em conta as manifestações culturais. Se legislar sobre a quantidade de pimenta que se coloca na comida de um africano é absurdo, então não se pode também querer atribuir valores morais ao modo como os chineses ou africanos se vestem.

Uma das mais duras críticas direcionadas aos missionários jesuítas que evangelizaram a América Latina diz respeito à falta de diálogo *intercultural*. Os pregadores portugueses que aqui chegaram compreendiam-se como mensageiros não só do evangelho, ma também de uma cultura que consideravam perfeita. Partindo de seus preconceitos europeus e enxergando sua cultura como superior, detectavam pecado na nudez dos índios. Por conta disso, violentaram os costumes silvícolas, ordenando que todos se vestissem da maneira como achavam certo (ao estilo europeu). Acontece que a nudez dos índios não advinha do pecado, mas da sua própria elaboração cultural.

Certa vez, no Nordeste, vi um irmão pregando às três horas da tarde, numa temperatura de 40 graus, de paletó e gravata. Por quê? Há uma exigência divina para que os seus pastores se trajem assim? Não. Essa é uma exigência cultural. Nos primeiros anos de meu ministério, alguns pastores mais jovens gostavam de desafiar os limites. Vestiam-se de paletó mas sem gravata. O colarinho da camisa era dobrado por cima do paletó. Não apago da minha memória o dia em que eu e meu amigo evangelista fomos repreendidos de púlpito. O pastor presidente leu naquela noite um texto do livro de Provérbios sobre não removermos os marcos antigos que os pais haviam estabelecido. Por vinte e cinco minutos que mais pareciam uma eternidade, cabisbaixos, ouvimos a acusação de que alguns pastores queriam desenvolver seus ministérios levianamente. Tudo porque estávamos de paletó sem gravata.

O pastor de saias que vimos nas Filipinas estava mal vestido para nossa cultura e nós o olhamos com espanto. Porém, minha resistência ao seu modo de se trajar não indica que ele estivesse com algum tipo de desvio moral. Indica apenas que minha visão da cultura é obtusa e que sou preconceituoso.

Já ouvi duras críticas ao uso de atabaques e tambores em cultos. Contudo, o órgão e o piano fazem parte das exigências do Espírito Santo para abençoar uma reunião? Como recebemos influência dos americanos e dos ingleses sobre a liturgia dos cultos, não conseguimos imaginar que na África não se cultue a Deus com pianos, mas sim com tambores. Escutei contundente rejeição a hinos cantados em ritmo de

samba. Por quê? O samba é um ritmo profano? Qual seria o ritmo divino e sagrado então? Os cânticos gregorianos, a valsa?

Muitos não sabem que a maioria dos hinos compostos por Charles Wesley e tantos evangelistas de seus dias continham melodias dos bares ingleses e em seus dias produziram grandes escândalos. Já presenciei debates sobre qual é a roupa mais adequada para a vestimenta do coral. As becas não representam apenas uma tradição européia que nada significa no clima e na cultura brasileira? Essas questões demonstram que ainda há pouquíssima compreensão nos meios evangélicos de como a fé e a cultura convivem.

René Padilla, escrevendo acerca desse tema, chegou à conclusão de que nenhuma cultura representa totalmente o propósito de Deus e, "por essa razão, o evangelho nunca se encarna totalmente em nenhuma cultura em particular. Ele vai além de qualquer cultura, ainda quando esta tenha sido influenciada por ele".⁷

Essa tentativa de identificar o evangelho à cultura do evangelista muitas vezes diminui, também, a efetividade de comunicação da mensagem. Conforme assinalou Padilla, "desde que a palavra de Deus se fez homem, a única possibilidade quanto à comunicação do evangelho é aquela em que este se encarna na cultura para colocar-se ao alcance do homem como ser cultural. Qualquer tentativa de comunicar o evangelho sem uma inserção prévia e profunda por parte do sujeito comunicante na cultura receptora é subcristã".⁸

A Bíblia está repleta de exemplos de evangelistas e missionários que, chegando a um contexto cultural diferente do seu, respeitaram a maneira de ser daquele povo e procuraram adaptar-se aos seus ouvintes.

Pedro que, notoriamente, resistia a mudanças no judaísmo de sua infância, viu-se obrigado a reconhecer que a cultura judaica não se sobrepunha à dos gentios. Hospedado em Jope, na casa de um certo Simão, ele teve uma visão que não só transformaria sua vida, como abriria caminho para que o cristianismo não se cristalizasse em mais uma seita judaica (At 10). Orando no eirado da casa, "ele viu o céu aberto e descendo um objeto como se fosse um grande lençol, o qual era baixado á terra pelas quatro pontas, contendo toda sorte de quadrúpedes, répteis da terra, e aves do céu". Pedro recebeu ordens para comer. Acontece que aqueles animais, segundo a lei, tradição e costume dos judeus, eram impuros e ele jamais conseguiria cumprir aquela ordem sem romper com suas bitolas culturais. Três vezes sucedeu a mesma visão com ordens específicas para que comesse e não considerasse impuro o que Deus purificara. Enquanto Pedro, perplexo, tentava entender o que lhe sucedia, chegou uma comitiva enviada pelo centurião Cornélio pedindo a Pedro que o visitasse e explicasse a mensagem do Evangelho.

O impacto daquela visão deu a Pedro condições de vencer suas próprias dificuldades de conviver em um ambiente gentílico. Forçosamente, ele necessitaria aprender a respeitar o modo de ser dos gentios e, ainda mais tarde, defendê-los, quando indagado pelos austeros fariseus convertidos sobre o que um judeu fazia no meio de pagãos mundanos. Graças àquela visão, o Evangelho pela primeira vez conseguiu sair da rígida moldura cultural judaica. Pedro pavimentou o caminho de Paulo. Breve o Evangelho não pertenceria mais aos judeus, seria de todas as nações da Terra.

Viajando pelo mundo antigo sem as viseiras restritivas dos judeus, Paulo difundiu o Evangelho como nenhum outro. Seguramente, seu grande sucesso deveu-se à sua habilidade de saber adaptar-se ao contexto cultural aonde chegava:

Fiz-me fraco para com os fracos, com fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. (1 Co 9:22)

Hudson Taylor foi missionário na China. Antes de lá chegar, ele dormia no chão, sobre esteiras, e aprendeu a comer como os orientais, de palitinho; educou-se a comer as mesmas comidas que os chineses. Logo que aportou na China notou que os missionários restringiam seus esforços no litoral e nas grandes cidades. Fechavam-se em vilas missionárias, de muros altos. Hudson Taylor viu que os missionários tinham uma atitude colonialista. Consideravam sua cultura superior e mais santa que a dos chineses. Sem hesitar, ele raspou a cabeça, mas deixou crescer um longo "rabo de cavalo", vestiu-se e calçou-se como um chinês e partiu para o interior da China. Os ingleses não eram (e nem são) superiores a ninguém. Não há cultura sagrada.

Apesar de moralmente as pessoas estarem degeneradas e carentes de restauração, todas as culturas possuem traços positivos e negativos. "É interessante notar que é aos filhos de Caim que se atribui a criação da música, das cidades, do bronze e do ferro (Gn 4:17-24)".⁹ Até mesmo o povo judeu desenvolveu aspectos positivos e negativos em sua cultura. As leis sanitárias, o cuidado com os anciãos, a mordomia da terra são aspectos bonitos da cultura judaica. Mas por diversas vezes Deus condenou os judeus por estarem propagando dimensões pecaminosas para outras nações. O culto mecânico é condenado no capítulo 1 de Isaías, o desprezo pelas viúvas e pelos pobres é condenado em Jeremias, e o egoísmo é condenado em Joel.

O grande desafio para os evangélicos é o de *não* condenar ou afastar-se da cultura por medo de ceder ao mundanismo. Agindo assim, rechaçamos e subestimamos a cultura e assim passamos a viver em guetos. Urge avaliarmos

cuidadosamente a expressão cultural dos brasileiros, de forma que possamos celebrar a multiforme graça de Deus derramada sobre nosso povo. Em muito do que o brasileiro tem de bonito. Importa, igual e concomitantemente, denunciar e descartar o pecado infiltrado em toda nossa nação.

Ser evangélico não significa pertencer a uma cultura própria e separada. Cristo nunca intencionou isso. Tanto que na oração sacerdotal de João 17, ele pediu ao pai que não retirasse as pessoas do mundo, mas que as livrasse do mal. A intenção de

Deus não é que formemos guetos culturais, mas que fôssemos sal e luz dentro de nossa própria realidade. A ética evangélica sobre a cultura deve discernir com precisão o que é produto do pecado e o que é fruto da graça comum de Deus.

Notas

1 -PAREDES, Tito. *A Missão da Igreja*. Minas Gerais: Ed. Missão, 1994, p.245.

2 Citado por Leonardo Boff em *Nova Evangelização: Perspectiva dos Oprimidos*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, p. 19.

3 NIDA, E. A. *Costumes e Culturas*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1985, p. 30.

4 *Enciclopédia Britânica do Brasil*. Mirador, Tomo 18, verbete 'Roupa', p. 10079.

5 NIDA, E. A. *Costumes e Culturas*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1985, p. 30.

6 *Enciclopédia Britânica do Brasil*. Mirador, Tomo 18, p. 10089.

7 PADILLA, René. *Missão Integral*. São Paulo: Temática Publicações - FTL-B, p.98.

8 *Ibidem*, p. 101.

9 PAREDES, Tito. *A Missão da Igreja*. Minas Gerais: Ed. Missão, 1994, p. 251.



Os usos e costumes na cultura judaica

Recordo-me de minha decepção quando li a Bíblia pela primeira vez. Pensava tratar-se de um manual de religião. Qual não foi meu desapontamento quando me deparei com um livro de história. Descobri que as páginas do Antigo Testamento contam a trajetória de um povo, seu relacionamento de obediência, mas também de rejeição a Deus e como aguardavam o seu Messias prometido. O Novo Testamento prossegue relatando a chegada do Messias. Porém, como esse povo que tanto o aguardava não o recebeu como o Cordeiro de Deus, ele se tornou o Cristo de todas as nações.

A Bíblia, portanto, sendo um livro histórico, registra primordialmente a cultura dos judeus. Suas páginas fornecem grande parte do que se sabe hoje sobre os hebreus. Cada episódio narrado traz um contexto cultural riquíssimo. Neste capítulo nos prenderemos especificamente às roupas e aos adornos da cultura oriental, procurando compreender o que a Bíblia ensina sobre o assunto.

Os judeus, como todos os outros povos, criaram uma forma de expressão cultural na sua indumentária. Os povos antigos consideravam a comida e a vestimenta necessidades básicas (1 Tm 6:8). Vestir-se para a labuta não requeria muito esmero, as roupas para trabalhar deveriam ser básicas e muito simples, de forma que se pudesse entrar no trabalho ou dele sair com rapidez. Um antigo palestino podia demorar muitas horas ataviando-se com adereços, perfumes, jóias turbantes, mantos e capas, quando se vestia para uma festa culto religioso ou casamento, mas nunca gastaria esse tempo todo quando se vestia para trabalhar.¹ Na antigüidade, um trabalhador que perdesse tempo vestindo-se para o trabalho era considerado de pouca qualificação. Alguns historiadores enxergam nas roupas largas e frouxas da cultura palestina uma expressão do pensamento entanto, havia uma diversificação enorme na maneira como as pessoas se trajavam; as roupas transmitiam valores, tanto estéticos como morais.

Na cultura judaica, a nudez representava pobreza vergonha e fragilidade moral. Quando empobrecido pelo mordaz ataque do Diabo, Jó viu-se fragilizado e bradou: "Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei; o Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!" Em Gênesis 37 o pecado gerou vergonha quando Adão e Eva perceberam que estavam nus. Assim, os judeus buscavam cobrir-se para demonstrar sua dignidade e pureza diante de Deus

Em Marcos 5:1-20 Jesus expulsou uma legião de demônios de um homem que habitava a terra dos gerasenos. O evangelista relata o estado deplorável em que esse ser humano se encontrava. Alienado da sociedade, vivia habitado por demônios e não por Deus. O confronto de Jesus com esse homem

Impactou a região, pois os espíritos maus transferiram-se para porcos que acabaram caindo em um despehadeiro. As pessoas que saíram para assistir ao que sucedera surpreenderam-se ao notar "o que tivera a legião, assentado, vestido, em perfeito juízo". (Mc 5:15). A ausência de roupas indicava o estado abjeto desse homem que, agora vestido, testemunhava o milagre realizado por Cristo em sua vida. Na Bíblia há uma grande quantidade de textos sugerindo que as roupas podem transmitir, culturalmente, valores tanto espirituais como ornamentais. O uso metafórico dos tecidos e das cores mostra, de modo conclusivo, que havia uma percepção muito clara de que as roupas e as indumentárias passavam mensagens culturais. Lembremo-nos de Isaías, que se alegra por Deus trajar seu povo com vestes de salvação, envolvendo-o "com o manto da justiça, como noivo que se adorna de turbante, como noiva que se enfeita com as suas jóias" (Is 61.10); bem como de Pedro, rogando aos crentes que se "vistam de humildade" (1 Pe 5:5); ou também do fato de a igreja de Laodicéia ser exortada pelo Senhor a comprar "vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez" (Ap 3:18).

Esses textos demonstram claramente que, na mentalidade judaica, vestir-se representava muito mais que simplesmente se cobrir. Verdadeiramente, as vestimentas continham toda uma produção cultural. Assim, a simples menção de um anel, manto ou sandálias (como no caso do filho pródigo), denota uma riqueza espiritual muito grande.

Os cintos, por exemplo, significavam força, como no caso da profecia de Jeremias (13:11), em que o Senhor diz: "como o cinto se apega aos lombos do homem, assim eu fiz apegar-se a mim toda a casa de Israel, e toda a casa de Judá". árabe, que contempla a vida como uma busca do prazer e da felicidade, mas o trabalho como uma maldição divina.

Nas Escrituras, entretanto, a roupa e a comida não representam apenas as meras funções de vestir e alimentar mas também de oferecer ornamento e prazer. O calor da Palestina não exigia roupas diferenciadas para cada estação do ano, no

Os materiais e seu significado cultural

Os materiais com que se confeccionavam roupas eram importantes e também carregavam uma simbologia cultural e espiritual.

Produziam-se roupas a partir de seis produtos principais. Havia a lã, o pêlo de cabritos e de camelos, o algodão, o linho e a seda. Interessante notar que a lei proibia que se usassem roupas de tecidos misturados como a lã e o linho (Dt 22:11). Não havia nenhuma conotação imoral em vestes mescladas de dois materiais, essa proibição era apenas mais um detalhe da lei que procurava imprimir no judeu uma percepção dualista do seu mundo; ele precisava aprender a discernir entre o certo e o errado, o Deus verdadeiro e o ídolo, quem era o povo escolhido e quais eram os povos pagãos. O linho, de origem vegetal, e a lã, de origem animal, não podiam misturar-se. Deus desejava ensiná-los a distinguir uma realidade da outra a fim de que pudessem identificar os valores espirituais opostos. Havia ainda o fato de que a lã, muitas vezes, chegava a Israel importada da Síria. Assim sendo, como as roupas demonstravam valores culturais, vestir-se com roupas de tecido misturado poderia representar que a nacionalidade judaica estivesse comprometida. Para se preservarem, os judeus necessitavam manter-se intolerantes a qualquer amálgama.

O algodão e o linho, devido ao clima quente, tornaram-se os elementos mais comuns na confecção de tecidos. Em princípio, os judeus faziam distinção entre linho e algodão. Ao saberem, porém, que ambos eram de origem vegetal, passaram a aceitar a mistura. A seda, produto muito mais caro em razão de ser importado do Extremo Oriente, não possuía a mesma simbologia dos demais materiais; todavia, nas poucas vezes em que é mencionada, representa prosperidade.

Também te vesti de roupas bordadas, e te calcei com peles de animais marinhos, e te cingi de linho fino e te cobri de seda. ...Assim foste ornada de ouro e prata; o teu vestido era de linho fino, de seda, e de bordados; nutriste-te de flor de farinha, de mel e azeite; eras formosa em extremo e chegaste a ser rainha. (Ez 16:10,13)

Os pêlos de camelos e bodes eram trançados na confecção de tecidos geralmente grosseiros e baratos. O texto de Marcos 1:6 indica que as roupas de João Batista, tecidas com pêlos de camelos, eram baratas e próprias de uma personagem como ele, proveniente da seita dos essênios.

As vestes de João eram feitas de pêlos de camelo; ele trazia um cinto de couro, e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre.

A cor branca, tanto nas roupas de lã como nas de linho, simbolizava pureza espiritual e moral. Nas noivas, por exemplo, representava virgindade.

Alegremo-nos, exultemos, e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou, pois lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos. (Ap 19:7-8)

Chamo a atenção para o fato de que algumas culturas se utilizam do branco para transmitir conceitos pagãos. Em Salvador, na Bahia, vestir-se de branco numa sexta-feira significa reverenciar uma entidade da religiosidade afro-brasileira. Em todo o Brasil, vestir-se de branco na noite do *reveillon* representa esperar pela sorte no ano que irá iniciar.

A aplicação da tintura nos tecidos era generalizada. De procedência animal ou vegetal, as roupas dos levitas eram tingidas com amarelo açafraão, sendo que o azul e o marrom eram as cores mais comuns. As capas listradas de branco e marrom também tinham grande aceitação. A casca da romeira fornecia um aroma muito apreciado, e o vermelho era extraído de um pequeno inseto escamado que vive na noqueira. A tintura mais apreciada, contudo, era a púrpura, obtida de um molusco denominado *murex*, que os fenícios pescavam desde há séculos em toda a costa do Mediterrâneo Oriental. A púrpura, tanto em Israel como em Roma e Cartago, era um sinal de poder. O homem rico da parábola estava vestido de "púrpura e de linho finíssimo" (Lc 16:19).

Na maioria das vezes não há aprovação ou condenação bíblica em relação ao uso de roupas. Simplesmente em determinado momento estas poderiam ser consideradas dignas ou não. Os cintos podiam, como já vimos anteriormente, ter uma conotação positiva; no entanto, seu uso também podia assumir uma concepção negativa. Na velhice de João, o cinto representaria uma debilidade tamanha, que sozinho o apóstolo não iria conseguir atá-lo à sua própria cintura (Jo 21:18).

Deus não atrelava, necessariamente, uma concepção pecaminosa ao desejo de vestir-se bem ou de acordo com a moda. E preciso repetir que as roupas e adereços não estão associados à queda ou ao estado regenerado das pessoas; unicamente fazem parte da produção cultural. Esta sim pode adoecer e tornar-se uma forma pervertida de uma determinada sociedade se expressar.

Observemos alguns textos em que a Bíblia apresenta formas de expressão cultural sem qualquer conotação pecaminosa.

As roupas e o estilo de cabelo podiam classificar socialmente os indivíduos; pois havia vestimenta de pobres:

As vestes do leproso, em quem está a praga, serão rasgadas, e os seus cabelos serão desgrenhados; cobrirá o bigode e clamará: Imundo, imundo! (Lv 13:45)

Assim como as viúvas brasileiras usavam antigamente roupas pretas, em Israel as viúvas também se vestiam de maneira diferenciada; não necessariamente de preto, mas de tal forma que podiam ser identificadas em seu luto:

Não perverterás o direito do estrangeiro e do órfão; nem tomarás em penhor a roupa da viúva. (Dt 24:17)

Cada vez que vamos ao guarda-roupas para escolher nossa vestimenta do dia, a escolhemos cuidadosamente de acordo com várias referências. Analisamos quem vamos encontrar, assim como o ambiente e as regras que a nossa sociedade convencionou como aceitáveis para nos vestirmos. Logicamente, ninguém de sã consciência iria a uma praia de paletó e gravata, bem como ninguém se atreveria a comparecer a um tribunal trajando apenas calção.

Há roupas que consideramos próprias para o trabalho braçal, pois são mais confortáveis, feitas de material mais resistente e sem muita pretensão de beleza. Quem vestir roupas de trabalho numa festa ou em um culto solene estará violando as regras de boa conduta impostas pela sociedade. Separamos roupas para usar em ocasiões especiais, visto que são as mais caras e possivelmente aquelas a que atribuímos um valor (subjetivo, diga-se de passagem) de beleza maior.

Recordo uma frase de minha infância muito repetida por minha mãe: "Ricardo, vista a roupa de ver Deus". Esta ordem lembrava-me de que eu deveria vestir minha melhor indumentária. Israel também fazia distinção entre as roupas comuns e as excelentes. Quando Rute preparava-se para encontrar com o seu remidor e futuro marido, Noemi lhe aconselhou que se vestisse com maior esmero:

Banha-te, unge-te, e põe os teus melhores vestidos, e desce à eira; porém não te dês a conhecer ao homem, até que tenha acabado de comer e beber. (Rt 3:3)

Israel foi admoestado a não esquecer de juntar nos despojos de guerras as roupas mais caras:

Também Judá pelejará em Jerusalém; e se ajuntarão as riquezas de todas as nações circunvizinhas, ouro e prata e vestes em grande abundância. (Zc 14:14)

Logicamente, os reis vestiam-se de maneira diferente dos comuns.

Tragam-se as vestes reais de que o rei costuma usar, e o cavalo em que o rei costuma andar montado, e tenha na cabeça a coroa real. (Et 6:8)

Da mesma forma, como em outras culturas, as vestes sacerdotais diferenciavam-se da indumentária do povo. No Pentateuco o próprio Deus deu ordens de como seria a vestimenta da tribo de Levi, responsável pelo sacerdócio.

Farás vestes sagradas para Arão, teu irmão, para glória e ornamento. (Êx 28:2)

Os sacerdotes daqueles dias vestiam-se de modo muito distinto ao dos padres e pastores de hoje. As vestes sacerdotais eram detalhadamente descritas por Deus. As túnicas que revestiam mantas eram adornadas com bordados, multicoloridas e de uma simbologia riquíssima; o linho representava pureza; as cores, a multiforme graça de Deus; o ouro, a realeza; as pedras preciosas, as diversas tribos de Israel.

As vestes, pois, que farão são estas: um peitoral, uma estola sacerdotal, uma sobrepeliz, uma túnica bordada, micra e cinto. Farão vestes sagradas para Arão, teu irmão e para seus filhos, para me oficiarem como sacerdotes. Tomarão ouro, estofos azul, púrpura, carmesim e linho fino. (Êx 28:4,5)

Tecerás quadriculada túnica de linho fino, e farás uma mitra de linho fino, e um cinto de obra de bordador. (Êx 28:39)

Como as roupas também são um meio de expressão cultural, os materiais e a forma como são confeccionadas podem passar uma mensagem de pesar, de alegria, ou até mesmo de louvor a Deus. Os povos antigos (inclusive os judeus), por exemplo, quando estavam em profundo lamento por causa de seus pecados, vestiam-se de sacos tecidos com pêlos de camelos ou de bodes. Em Israel, alguém vestido com esse material transmitia a idéia de quebrantamento e arrependimento:

Chegou esta notícia ao rei de Nínive; ele levantou-se do seu trono, tirou de si as vestes reais, cobriu-se de pano de saco, e assentou-se sobre cinza. (Jn 3:6)

Naqueles dias, assim como ainda fazemos hoje, já se presenteavam pessoas benquistas com roupas. O preço desses presentes significava o tamanho do nosso carinho:

Tirou jóias de ouro e de prata, e vestidos, e os deu a Rebeca; também deu ricos presentes a seu irmão e a sua mãe. (Gn 24:53)

O Antigo Testamento está repleto de referências sobre como homens e mulheres usavam seus cabelos. Em oposição ao que se pensa, arrumar o cabelo de uma forma meticulosa e demorada não representava um desagrado a Deus; pelo contrário, era uma forma de expressar o seu favor. Havia cabeleireiros que penteavam de acordo com a ocasião. Veja como o relato de Isaías 61:10 assemelha o favor de Deus a um noivo que se prepara para casar:

Regozijar-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegra no meu Deus porque me cobriu de vestes de salvação, e me envolveu com o manto de justiça, como noivo que se adorna de turbante, como noiva que se enfeita com as suas jóias.

Os sacerdotes também se penteavam com muito cuidado. Além de inúmeros adereços e ornamentos nas roupas, colocavam tiaras de linho na cabeça.

Fizeram também as túnicas de linho fino, de obra tecida, para Arão e para seus filhos, e a mitra de linho fino e as tiaras de linho fino e os calções de linho fino retorcido. (Êx 39:27-28)

Tiaras de linho lhes estarão sobre as cabeças, e calções de linho sobre as coxas; não se cingirão a ponto de lhes vir suor. (Ez 44:18)

Parece, entretanto, que havia diferentes tipos de tiaras e turbantes para diferentes momentos; até a maneira de amarrar os turbantes transmitia uma mensagem de alegria ou de luto.

Geme em silêncio, não faças lamentação pelos mortos, prende o teu turbante, mete as tuas sandálias nos pés, não cubras os teus bigodes e não comas o pão que te mandam. (Ez 24:17)

Os judeus também gostavam de ornamentos imitando coroas (diademas), pois simbolizavam juventude, alegria e favor de Deus. Colocados sobre a cabeça, esses ornamentos pareciam mais ou menos os arcos que as mulheres contemporâneas utilizam, alguns deles fartos de pedras coloridas.

E a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria em vez de pranto, veste de louvor em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a sua glória. (Is 61:3)

Os ornamentos de ouro, prata e pedras preciosas serviam basicamente para os mesmos fins que hoje. Uma das simbologias tipificadas pelo uso do anel era a da autoridade.

Então tirou Faraó o seu anel de sinete da mão e o pôs na mão de José, fê-lo vestir roupas de linho fino e lhe pôs ao pescoço um colar de ouro. (Gn 41:42)

Tirou o rei o seu anel, que tinha tomado a Hamã, e o deu a Mordecai. (Et 8:2)

Os colares, também comumente usados pelos judeus, apaceram inicialmente como uma forma de firmar aliança. Eram uma espécie de coleira simbólica com que as pessoas se comprometiam mutuamente. Com o passar do tempo os colares perderam essa tipologia e passaram a ser meros objetos de adorno. Judá, quando se deitou com Tamar pensando ser ela uma prostituta, foi indagado a respeito do que ofereceria à moça para com ela manter relações. Ele lhe prometeu um cabrito; ela, por outro lado, pediu-lhe um penhor.

Ela disse: O teu selo, o teu cordão (colar) e o cajado que seguras. Ele, pois, lhos deu... (Gn 38:18)

Os colares adornavam o pescoço, considerado pelos antigos uma parte sensual da mulher.

Formosas são as tuas faces entre os teus enfeites, o teu pescoço com os colares. Enfeites de ouro te faremos, com incrustações de prata.. (Ct 1:10-11)

Há indícios de que os colares combinavam com os braceletes formando assim conjuntos de jóias lindíssimos que certa-mente tornavam a mulher mais formosa.

Também te adornei com enfeites, e te pus braceletes nas mãos e colar à roda do teu pescoço. (Ez 16:11)

Hoje, algumas pessoas estranham que jovens usem brincos no nariz. Nos tempos antigos, porém, as mulheres já usavam brincos tanto nas orelhas como no nariz. O servo de Abraão, quando se encontrou com Rebeca (ela mais tarde viria a ser a esposa de Isaque), cuidou de adorná-la de acordo com o juízo que ele fazia do que seria a moda mais bonita.

Daí lhe perguntei: De quem és filha? Ela respondeu: Filha de Betuel, filho de Naor e Milca. Então lhe pus o pendente no nariz e as pulseiras nas mãos. (Gn 24:47)

Como pendentes e jóias de ouro puro, assim é o sábio repreensor para o ouvido atento. (Pv 25:12)

Coloquei-te um pendente no nariz, arrecadas nas orelhas, e linda coroa na cabeça. (Ez 16:12)

Há algumas questões que devem ser levantadas quanto à leitura que se faz do comportamento dos judeus. Se a Bíblia descreve a rica cultura dos judeus sem qualquer censura, a pergunta deve ser feita sem medo. De onde vêm os sermões bombásticos condenando os adornos como vaidade? Se não vêm do coração de Deus, brota de uma fraca percepção de que a Bíblia não é um livro de codificação doutrinária, mas a história de um povo.

Não desejamos imitar o povo judeu no Antigo Testamento nem os primeiros cristãos do Novo Testamento. Isso nos seria impossível. Eles viveram realidades diferentes em um tempo muito longínquo do nosso. Não desejamos que os nossos pastores usem turbantes na cabeça, que se pague um dote aos pais das noivas, ou que os cunhados se casem com as viúvas de seus irmãos. Na verdade, há uma

inconsistência enorme quando tentamos buscar um versículo de Deuteronômio que nos ensine como as mulheres devem se trajar. Como todos os outros textos que falam de nosso comportamento são desprezados, fica-se com a estranha sensação de que aquele texto foi pinçado apenas para satisfazer uma doutrina de homens.

A primeira vez que visitei Israel, tive o cuidado de ir a uma loja de souvenir e comprar *um kippar*; aquele pequeno disco de pano que os judeus usam para cobrir a coroa da cabeça. Como tenho poucos cabelos, precisei de um bom grampo para fixá-lo nos ralos fios que me sobram. Todos os dias usei o *meu kippar*.

Eu queria andar pelas ruas sem ser notado como turista. Não consegui. Sei, contudo, que estava longe de ser um verdadeiro judeu. Não falo hebraico, desconheço os costumes de Israel, e a bem da verdade, conheço poucos judeus. Embora cultive uma genuína admiração por esse povo (meu Senhor foi judeu), não quero converter minha igreja numa sinagoga. Não vou ensinar as famílias a circuncidarem os seus filhos nem se trajarem como fazem os descendentes de Jacó.

Como brasileiro, quero ensinar o povo a aplicar os princípios básicos da Bíblia. Desejo que os valores eternos do Rei-no de Deus sejam implementados no coração das pessoas. Não entendo que os pastores sejam codificadores de trajes, ou que estejam capacitados por Deus a medir os centímetros das bermudas acima ou abaixo dos joelhos. Quando caem nessa armadilha, os pastores tornam-se alvos de chacotas e perdem o vigor de seus ministérios.

Nota

1 *A Dictionary of the Bible- Dealing with its Language, Literature and Contents.* James Hastings, Editor, *verbete dress*, p. 628. *Edinburgh, Scotland, Junho, 1904.*

Capítulo 3



O que a Bíblia diz sobre moda, jóias e adornos

O congresso, marcado com grande antecedência, reunira milhares de jovens de várias partes do Brasil. Sobejava adrenalina espiritual na excitação daqueles rapazes e moças. No primeiro culto, os grupos musicais tocaram com grande unção, e a mensagem, ponto mais alto da noite, certamente incendiaria aquela juventude para o reino de Deus. Mas o que se ouviu infelizmente caiu como uma ducha d'água fria. Ao invés de pregar uma mensagem bíblica, o conferencista destilou ataques sobre o que chamava de mundanismo.

Os congressistas escutaram que Deus desaprova a preocupação dos jovens em se vestirem bem ou usarem qualquer tipo de adorno no corpo. "Ele exige santidade dos seus filhos", argumentava o conferencista. Talvez tentando demonstrar fidelidade aos costumes dos antigos, levantou o dedo em riste denunciando: "as moças crentes que se entregarem à ' vaidade ' não subirão ao céu no dia do arrebatamento. Esmaltes, brincos e lábios pintados são vaidade, e só vão para o céu os que não entregam sua alma à vaidade", exclamava fervorosamente.

Mesmo omitindo o nome do pregador e em qual congresso aconteceu esse episódio, sei que muitos se identificarão com esses fatos, pois eles já aconteceram milhares de vezes em todo o Brasil.

Algumas igrejas evangélicas assumiram uma postura restritiva de usos e costumes; hoje já não se diferencia a doutrina de Deus da doutrina dos homens. Será que Deus condena mesmo o uso de adornos, jóias e de roupas mais bem ajustadas ao tempo e à cultura do povo? A Bíblia contém referências claras afirmando que Deus não se agrada dos assuntos relacionados com vestimentas? Respondemos que não.

Há uma igreja que tomou a seguinte decisão ministerial:

Sobre as irmãs usarem cintos exagerados que chamem a atenção. O Ministério não concorda baseado na Bíblia em 1 Tm 2:9. É permitido o uso de cinto de couro ou de pano desde que o cinto não ultrapasse 2 (dois) cm (centímetros). Quem não obedecer fica fora de comunhão até o uso permitido.

Nessa mesma reunião fatídica, o ministério decidiu ainda:

Sobre usar brincos, colares, pulseiras ou anéis ou outro tipo de jóias ou bijuterias (sic), inclusive anel de formatura. O Ministério não permite pois está escrito em Dt 22:5; Rm 1:28; 1 Co 11:16; I Ts 5:23; I Tm 2:9; I Pe 3:4.

Quem não obedecer será punido

Primeira vez – Chamar a atenção dentro (sic) da Bíblia e 60 dias fora da comunhão.

Segunda vez – 180 dias de prova.

Terceira vez – Um ano de prova.

Quarta vez – Exclusão.

Exceção (sic): é permitido usar relógio de pulso ou de bolso e alianças de casamento, noivados, bodas (sic) de prata ou de ouro.

Transcritos aqui no contexto deste livro, os textos acima podem parecer ridículos. Mas são raros os momentos em que lento com irmãos e irmãs de algumas igrejas que não surjam perguntas exatamente sobre esses assuntos. Viajando certa vez com um grupo de pastores, perguntaram-me como eu conseguia manter um mínimo de vida cristã entre os crentes da nossa igreja sem impor regras e normas. Não há o perigo de descambar? Dando às pessoas liberdade, elas não acabam em autêntica libertinagem? Mostrei-lhes que se nascemos do Espírito Santo, seremos guiados pelo mesmo Espírito, e que se o coração está em submissão a Deus não há necessidade de lei. Mostrei-lhes também que se Deus não for o Senhor, não há lei que imponha esse sentido de responsabilidade.

Procurarei provar que essas proibições são fruto do autoritarismo inconseqüente de homens e que, na Bíblia, Deus não assume uma postura condenatória quando relata o uso de jóias e adornos. Há vários trechos nas Escrituras em que tanto os patriarcas quanto outras personagens da fé (inclusive o próprio Deus Pai no Antigo Testamento, Jesus e os apóstolos no Novo Testamento) não apenas usaram jóias, mas também aprovaram o seu uso. Deus inúmeras vezes se valeu de metáforas nas quais se inseriram jóias, roupas caras e adereços, a fim de simbolizar sua bênção para o seu povo. Eis um exemplo:

Passando eu por junto de ti, vi-te, e eis que o teu tempo era tempo de amores; estendi sobre ti as abas do meu manto, e cobri a tua nudez, dei-te juramento, e entrei em aliança contigo, diz o Senhor Deus; e passaste a ser minha. Então te lavei com água, e te enxuguei do teu sangue e te ungi com óleo. Também te vesti de roupas bordadas, e te calcei com peles de animais marinhos, e te cingi de linho fino e te cobri de seda. Também te adornei com enfeites, e te pus braceletes nas mãos e colar à roda do teu pescoço. Coloquei-te um pendente no nariz, arrecadas nas orelhas e linda coroa na cabeça. Assim foste ornada de ouro e prata; o teu vestido era de linho fino, de seda, e de bordados; nutriste-te de flor de farinha, de mel e azeite; eras formosa em extremo e chegaste a ser rainha. Correu a tua fama entre as nações, por causa da tua formosura, pois era perfeita, por causa da minha glória que eu pusera em ti, diz o Senhor Deus. (Ez 16:8-14, grifos do autor)

O rico patriarca Abraão dispunha de jóias em seu tesouro (Gn 13:2). Observe que o seu servo, visitando a casa de Rebeca para convidá-la a desposar Isaque, não hesitou em adorná-la com as jóias da riqueza de seu senhor:

Tendo os camelos acabado de beber, tomou o homem um pendente de ouro de meio siclo de peso, e duas pulseiras para as mãos dela, do peso de dez siclos de ouro. (Gn 24:22)

José, mesmo sendo piedoso e temente a Deus, não recusou ataviar-se com as jóias que Faraó lhe presenteou:

Então tirou Faraó o seu anel de sinete da mão e o pôs na mão de José, fê-lo vestir roupas de linho fino e lhe pôs ao pescoço um colar de ouro. (Gn 41:42)

Aos sacerdotes, Deus mandou que se vestissem de forma meticulosa e bonita, pois as vestes sacerdotais representariam um sinal da bênção do Senhor. Os artesãos convocados para elaborá-las esmeraram-se nos detalhes e na riqueza de sua confecção:

As vestes, pois, que farão são estas: um peitoral, uma estola sacerdotal, uma sobrepeliz, uma túnica bordada, mitra e cinto. Farão vestes sagradas para Arão, teu irmão, e para seus filhos, para me oficiarem como sacerdotes. Tomarão ouro, estofa azul, púrpura, carmesim e linho fino, e farão a estola

sacerdotal de ouro, estofado azul, púrpura, carmesim e linho fino retorcido, obra esmerada. (Êx 28:4-6)

Isaías usa, sem hesitação, a linguagem das roupas, jóias e adornos para simbolizar a bênção de Jeová sobre Israel:

Desperta, desperta, reveste-te da tua fortaleza, ó Sião; veste-te das tuas roupagens formosas, ó Jerusalém, cidade santa... (Is 52:1)

Jeremias, falando em nome de Deus, chega a comparar o cuidado de uma noiva em não se esquecer de seus adornos com Israel, que é indesculpável quando se esquece do Senhor:

Acaso se esquece a virgem dos seus adornos, ou a noiva do seu cinto? Todavia o meu povo se esqueceu de mim por dias sem conta. (Jr 2:32)

Daniel é muitas vezes citado nas igrejas evangélicas como homem sem vaidades por se ter recusado a contaminar-se com os manjares que o rei comia. Entretanto, Daniel não se recusou a vestir-se de materiais caros, ornar-se com beleza e andar de acordo com a moda da Babilônia, onde passava seus dias de exílio:

Eu, porém, tenho ouvido dizer de ti que podes dar interpretações e solucionar casos difíceis; agora, se puderes ler esta escritura, e fazer-me saber a sua interpretação, serás vestido de púrpura, terás cadeia de ouro ao pescoço, e serás o terceiro no meu reino. (...) Então mandou Belsazar que vestissem Daniel de púrpura, e lhe pusessem cadeia de ouro ao pescoço, e proclamassem que passaria a ser o terceiro no governo do seu reino. (Dn 5:16,29)

Já para o sumo sacerdote Josué, vestir-se com roupas caras representou uma revirada na sorte. Como Israel não conseguia recuperar-se nunca de seus constantes fracassos, Deus prometeu a Zacarias que reverteria a sorte de sua nação, assim como estava fazendo com Josué. Tal reviravolta seria tão radical, que seria como se uma pessoa que se vestisse de andrajos passasse a trajar-se com roupas de alto valor:

Tomou este a palavra, e disse aos que estavam diante dele: Tirai-lhe as vestes sujas. A Josué disse: Eis que tenho feito que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de finos trajés. (Zc 3:4)

Ao contar a parábola do Filho Pródigo, Jesus não receia afirmar que o pai ornou o seu filho com um anel. Embora aquele anel representasse uma forma de restituir a autoridade do filho, não se pode esquecer de que o anel também era uma peça de ouro e de adorno:

O Pai, porém, disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa; vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. (Lc 15:22)

Ao contar as chamadas *Parábolas do Reino*, no capítulo 13 de Mateus, Jesus não atribuiu qualquer valor negativo àquele que negociava pérolas. Talvez, em alguns círculos religiosos de hoje, um vendedor de pérolas fosse aconselhado a abandonar o seu negócio, pois estaria comercializando objetos de vaidades. Cristo, entretanto, usou esse ofício para exemplificar o reino de Deus.

O reino dos céus é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas; e tendo achado uma pérola de grande valor, vendeu tudo o que possuía, e a comprou. (Mt 13:45-46)

Ora, se Deus não assume uma postura condenatória sobre o uso de objetos de adorno ou moda, de onde vem essa abundância de doutrina humana reprovando severamente os jovens que se trajam de acordo com a cultura e os hábitos de outros jovens?

Há várias explicações, mas podemos restringir-nos a pelo menos três falácias usadas na defesa do *legalismo* nas igrejas:

1. Há certo tipo de pessoa que necessita de cabrestos e leis proibitivas.

Entenda-se que esse tipo de pessoa seja o pobre e o simples. Esse argumento reforça a idéia de que os pobres e os simples não têm condições de participar do evangelho da graça. Aqueles que defendem esse argumento acreditam que há pessoas social e culturalmente atrasadas e que precisam de cabrestos, leis rígidas e muita proibição. Isso não é preconceito? A mocinha que freqüenta uma congregação de periferia seria mais atrasada do que a mocinha que vive atrás dos altos muros de um condomínio fechado? Ela não pode desfrutar do evangelho da graça, sem o bordão da lei, para ser

santa? Será que Deus realmente usa parâmetros diferentes quando lida com seus filhos? Com esse arrazoamento chegaríamos à absurda conclusão de que há dois evangelhos: o da graça, para os socialmente abastados e cultos; e o legalista, para os pobres e indoutos. O Salmo 32.8-9 ensina que Deus não deseja estabelecer com ninguém um relacionamento proibitivo; ele almeja que sejamos íntimos e livres para desfrutar de sua companhia. Ele não quer nos mandar aos gritos, e sim deseja nossa obediência por amor. Suas leis não são arbitrárias, elas almejam o nosso bem:

Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob as minhas vistas, te darei conselho. Não sejas como o cavalo ou a mula, sem entendimento, os quais com freios e cabrestos são dominados; de outra sorte não te obedecem.

2. Abertura demais resulta em libertinagem.

De acordo com esse argumento, não se pode pregar a liberdade em Cristo; devem-se manter algumas proibições para as pessoas não partirem para o extremo da carnalidade. A vulnerabilidade e falência desse raciocínio vem da baixa estima que se dá ao poder do evangelho. Para essas pessoas, a mensagem da graça precisa do reforço da lei. Será? Paulo afirma, repetidas vezes, que a mensagem da cruz não necessita do auxílio da lei para alcançar seus extraordinários feitos:

Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais de novo a jugo de escravidão. Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará. (Gl 5:1-2)

A lei não arbitra sobre a santidade. As proibições mostram-se inócuas na tarefa de santificar os crentes.

Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados, porque tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir; porém o corpo é de Cristo... Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivêsseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças: Não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilo outro, segundo os preceitos e doutrinas dos homens? pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem. Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e falsa humildade, e rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade. (Cl 2:16-17,20-23)

Paulo insistiu com os crentes da Galácia para que aquelas normas e exigências do Antigo Testamento minguassem diante da excelência da fé:

Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé. Porque em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão, tem valor algum, mas a fé que atua pelo amor. (Gl 5:5-6)

3. A salvação vem pela graça, porém a santificação depende de nós.

Segundo essa inferência, Deus fez sua parte na cruz e agora exige que seus filhos se aperfeiçoem em santidade. Mais uma vez nos defrontamos com uma argumentação falida e sem sustentação teológica. Seria uma irresponsabilidade divina se Deus providenciasse, através dos méritos exclusivos de Cristo, a nossa salvação e depois exigisse que, por meio de nossos esforços, desenvolvêssemos o que ele começou. Tanto a salvação como a santificação acontecem na vida do cristão pela fé, não advêm dele mesmo, são dons gratuitos de Deus:

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros, que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para salvação preparada para revelar-se nesse último tempo. (1 Pe 1:3-5)

Infelizmente temos de admitir que alguns líderes, *caudilhesicamente*, firmam-se em seus cargos inculcando medo nas pessoas. Primeiro, diminuem a obra vicaria de Cristo pelas exigências pesadíssimas que impõem sobre as pessoas. Depois, mantêm-nas presas pelo medo inerente à quebra de algum dos inúmeros mandamentos apregoados a cada sermão. Como legisladores de pesadas exigências religiosas, tais líderes se estabelecem como autênticos messias. Essa situação é duradoura porque, ao elaborarem um sistema tão implacável, ninguém nunca se sente isento de culpa para poder questioná-los.

Já me perguntaram se considero autenticamente cristã uma pessoa presa pelo *legalismo* religioso. Há duas dimensões nessa pergunta que necessitam ser pensadas. Uma negativa e outra positiva.

Primeiro, analisemos, do ponto de vista negativo, o caso dos líderes.

Jesus condenou severamente os líderes religiosos que atam fardos pesados de normas, exigências e condenações nos ombros das pessoas. A linguagem grave e reprovadora em Mateus 23 evidencia a intolerância de Cristo em relação ao *legalismo*:

Atam fardos pesados e difíceis de carregar e os põem sobre os ombros dos homens, entretanto eles mesmos nem com o dedo querem movê-los... Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entraís, nem deixais entrar os que estão entrando... Guias cegos! que coais o mosquito e engolis o camelo. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! porque limpais o exterior do copo e do prato, mas estes por dentro estão cheios de rapina e intemperança. Fariseu cego! limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia. (Mt 23:4,13,24-27)

Nenhum líder religioso pode alegar que não compreendeu bem os desígnios de Deus. Se uma corte humana condena um médico por imperícia, imagine quando Deus trouxe seus ministros diante do tribunal de Cristo para prestarem contas de como manusearam sua Palavra. Paulo admoestou Timóteo - e por inferência, todos os obreiros - sobre a responsabilidade de manejarem bem a Palavra da verdade:

Procura apresentar-te diante de Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade. (2 Tm 2:15)

Nesse texto, manejar vem da palavra grega *orthotomeo* e transmite o conceito de "cortar certo", como um soldado deveria fazer com sua espada. Requer-se, portanto, que um líder saiba "cortar" corretamente o texto sagrado, diferenciando o certo do errado e ensinando que a letra da lei mata, enquanto o seu espírito (sentido, significação) vivifica. O *legalismo* é in-justificável diante de Deus.

Segundo, positivamente e com misericórdia, nós precisamos lembrar que o povo de Deus está preso a um sistema religioso tiranizador. Essas doutrinas algemam as pessoas a um evangelho que promete libertação mas que, ao contrário, condena:

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do Inferno duas vezes mais do que vós. (Mt 23:15)

Jesus irou-se com os fariseus porque eles esmagavam seus prosélitos com uma religiosidade perversa, condenando-os duas vezes mais. Por que esse duplo inferno? O *legalismo*, além de não garantir salvação, oprime lastimosamente devido à pressão de leis arbitrárias. O inferno é dobrado também, porque a própria instituição que promete libertação e vida abundante responsabiliza-se em criar métodos para impedir que suas promessas se concretizem.

Vale lembrar a admoestação de 1 Pedro 5:1-3:

Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda co-participante da glória que há de ser revelada: Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho.

Os valores estéticos da Bíblia não estão ligados sempre à moralidade. Uma mulher bem vestida e adornada nos tempos bíblicos não representava vulgaridade ou falta de temor a Deus. Tenho como certeza que se algumas delas comparecessem aos nossos cultos chamariam a atenção pelo número de anéis em seus dedos, pelas tinturas do cabelo ou pela forma de se trajar. Surpreendi-me, por exemplo, quando visitei a Índia.

As mulheres cristãs vestem-se como todas as demais mulheres indianas, com o tradicional sari. Eu não saberia descrevê-lo com todos os detalhes. O pano se enrola no corpo da mulher por tantas voltas que somente as indianas ou alguém que more lá por muito tempo sabe explicar. Aqui, basta dizer que o sari descobre a barriga e o umbigo. Com toda a minha experiência internacional, confesso que me senti um pouco constrangido com algumas senhoras de idade com a barriga de fora em pleno culto a Deus. "Algumas mais gordas não deveriam se vestir assim", pensei. Mas quando vi que as mulheres crentes usam brincos no nariz, anel nos dedos dos pés, caí em mim. Eu estava tentando entender o costume dos indianos com a minha mentalidade brasileira.

Com certeza muitas das proibições de nossas igrejas foram importações culturais que uma mentalidade missionária forçou sobre nós e que aceitamos sem questionar.

Capítulo 4



O que é e o que não é vaidade

As igrejas evangélicas brasileiras têm grande dificuldade de compreender o termo "vaidade" que, no jargão próprio do mundo dos crentes, carrega toda uma conotação pejorativa. Gostar de vestir-se com esmero, adornar-se com qualquer jóia ou cuidar do cabelo, tingindo-o ou penteando-o de alguma forma estética, é considerado pecado na maioria das nossas igrejas. O texto apresentado como base bíblica para tal conclusão é o Salmo 24:3-4:

Quem subirá ao monte do Senhor, ou quem estará no seu lugar santo? Aquele que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à vaidade, nem jura enganosamente. (Bíblia Almeida, edição corrigida e revisada)

Precisamos estudar a palavra "vaidade" no original hebraico e grego, compararmos as várias vezes em que ela é usada na Escritura e qual o verdadeiro sentido que esse vocábulo possuía nos tempos antigos.

Vaidade no hebraico advém de duas palavras. Primeiro, de ***habel***, que significa vazio, oco. Seu uso no Antigo Testamento estava muito relacionado ao abandono do único Deus verdadeiro e à busca de ídolos que não podiam satisfazer às necessidades de Israel pelo simples fato de não existirem. A adoração a ídolos, então, tornou-se sinônimo de vaidade, pois era como se o povo israelita estivesse buscando ajuda no vazio:

Rejeitaram os estatutos e a aliança que fizera com seus pais, como também as suas advertências com que protestara contra eles; seguiram os ídolos e se tornaram vãos, e seguiram as nações que estavam em derredor deles, das quais o Senhor lhes havia ordenado que não as imitassem. (2 Rs 17:15)

A segunda palavra hebraica era ***shav***, que assumia uma conotação também de vazio, mas com uma compreensão mais ligada à desolação, abandono. Jó usa essa

expressão quando se sente vazio, pois se vê abandonado e percebe sua vida esvair-se em nada. A palavra *sopro*, no texto abaixo, é a mesma palavra hebraica traduzida por vaidade:

Estou farto da minha vida; não quero viver para sempre. Deixa-me, pois, porque os meus dias são um sopro. (Jó 7:16)

No grego, *vaidade* é representada pelo substantivo ***mataiotes*** e também significa vazio. Não há qualquer relação entre vaidade e o uso de jóias, roupas ou ornamentos. Seu significado, em primeiro lugar, refere-se ao mundo criado que, no pecado e sem preencher o propósito inicial para o qual foi criado, tornou-se vazio:

Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou. (Rm 8:20, Bíblia Almeida, edição corrigida e revisada)

Vaidade - ***mataiotes*** - é também usada por Paulo para expor a forma de pensar e o estilo de vida dos gentios, que não conhecem a Deus:

Isto, portanto, digo e no Senhor testifico, que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos. (Ef 4:17)

Vaidade- ***mataiotes***- também podia denotar as palavras impressionantes, mas vazias, de falsos mestres que muito falam, mas não possuem conteúdo nenhum:

Porquanto, proferindo palavras jactanciosas de vaidade, engodam com paixões carnis, por suas libertinagens, aqueles que estavam prestes a fugir dos que andam no erro. (2 Pe 2:18)

Portanto, há muita firmeza em afirmar que, quando a Bíblia fala de vaidade, seu significado é sempre sopro, efemeridade, algo vazio. Daí o Salmo 39:5 declarar:

Deste aos meus dias o comprimento de alguns palmos; à tua presença o prazo da minha vida é nada. Na verdade, todo homem, por mais firme que esteja, é pura vaidade.

Salomão também usa a palavra vaidade nesse sentido de algo vazio, oco. Quando escreveu o livro de Eclesiastes, cansado e profundamente amargo com a vida, ele concluiu, de um modo sarcástico, em diversos pontos do texto que:

Vaidade de vaidades! diz o Pregador; vaidade de vaidades! Tudo é vaidade.
(Ec 1:2)

Observe que, na lógica do apóstolo Paulo, vaidade é colocar esperança naquilo que é vão, passageiro, perecível. Ele, então, fala em viver sua vida à luz da eternidade:

Prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. (Fp 3:14)

Paulo vivia sob o postulado de que as coisas importantes são aquelas que não se vêem, pois tudo o que os nossos olhos contemplam um dia passará. Sendo assim, para o apóstolo o que é finito deveria ser considerado vaidade:

Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem, porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas. (2 Co 4:18)

A vaidade exterior e interior

As normas de conduta do cristianismo neotestamentário parecem mais interessadas no interior do que no exterior dos homens. A palavra "vaidade" não é um termo que descreve uma pessoa cuidadosa de vestimenta ou de adornos do corpo; pelo contrário, esse vocábulo refere-se ao modo de viver de uma pessoa que busca valorizar-se através de meios terrenos e passageiros. As palavras de Paulo deveriam ser sublinhadas em todas as Bíblias, para que não haja uma má compreensão do que significa vaidade:

Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivêsseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças; não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilo, segundo os preceitos e doutrinas dos homens? pois que todas estas cousas, com o uso, se destroem. Tais cousas, com efeito, têm

1. *Faz-nos juizes da lei*

Muitas vezes, quando estamos julgando nosso irmão por causa da sua postura exterior, podemos estar julgando mal. Isto porque não temos condições de conhecer o coração das pessoas. Uma pessoa pode aparentar muita piedade por causa de sua indumentária, mas o seu coração pode estar completamente contrário a Deus.

Há diversos casos na Bíblia em que a postura exterior das pessoas contradizia o seu estado interior. Saul, que era tão belo (1 Sm 9:2), "que entre os filhos de Israel não havia outro mais belo do que ele; desde os ombros para cima", mostrou que interiormente seu coração era feio. Ao profetizar com os outros profetas (1 Sm 10:10), mostrou claramente aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e falsa humildade, e rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade. (Cl 2:20-23)

Essa busca de estipular a vaidade de um coração, julgando o valor que uma determinada pessoa empresta aos ornamentos, pode tornar-se uma obsessão doentia. Além do mais, há vários inconvenientes nessa postura:

que o uso dos dons e talentos religiosos nada tem a ver com verdadeira espiritualidade. Quando se escondeu na bagagem (1 Sm 10:22), mostrou uma aparência de humildade, mas se sabe que, na verdade, Saul era uma pessoa muito insegura.

Há outros casos em que as pessoas aparentemente desqualificadas pelo seu porte e aparência exterior são plenamente aceitas por Deus. Quando Jesus entrou na casa de Simão, o fariseu (Lc 7:36-38), uma mulher aproximou-se por detrás do Senhor, chorando, regando-lhe os pés com suas lágrimas, enxugando-os com os cabelos e unguendo-os com unguento.

Ao ver isso, o fariseu logo julgou a pobre mulher pela sua aparência exterior e pela sua reputação (que também é um juízo meramente exterior); como se não bastasse, disse consigo mesmo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora. Jesus então confrontou Simão, afirmando que este, mesmo tendo toda a aparência e forma religiosa, estava seco por dentro. Aquela mulher, todavia, ainda que possuidora de uma baixa reputação, era rica interiormente. A aplicação prática daquele evento é avassaladora: "Perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama(v.47)".

Esforçar-se para julgar uma pessoa pela sua maneira de vestir é um exercício inútil, porquanto o profeta Jeremias (17:9) nos afirma que "enganoso é o coração,

mais do que todas as cousas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá?". O cuidado com as vestimentas e adornos pode não revelar um coração tendente a valores mundanos, visto que pode ser apenas um traço cultural ou próprio de um tipo de personalidade. Portanto, devemos ter o máximo cuidado para não incorrer na tentação de Tiago 4:11-12:

Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Aquele que fala mal do seu irmão, ou julga a seu irmão, fala mal da lei, e julga a lei; ora, se julgas a lei, não és observador da lei, mas juiz. Um só é Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e fazer perecer; tu, porém, quem és, que julgas ao próximo?

2. *Legislar sobre quais vestimentas são ou não "vaidosas" leva-nos a um nível de legalismo sufocante.*

Há igrejas com normas comportamentais sobremodo asfixiantes. O manual de "Regulamento Interno" para membros de uma dessas denominações contém tantas proibições, e procura legislar sobre tantos aspectos da vida cristã, que até os fariseus estranhariam. Uma das páginas que iniciam o referido opúsculo apresenta determinações que causam perplexidade:

É permitido o uso de ombreira para irmãos e irmãs, porque a ombreira é parte complementar do vestuário. Também é permitido o uso de meia-calça, meias de lã, desde que não sejam de cores berrantes ou que chame (sic) a atenção, 1 Ts 5:23. A saia jeans só é permitido (sic) no lugar de trabalho, desde que não seja escandalosa, 1 Ts 5:23. Sobre usar roupas vermelhas e pretas, é permitido para mulher. Ao homem, entretanto, ficam proibidas roupas vermelhas, Tg 4:4.

É permitido a (sic) mulher usar presilhas no cabelo, desde que não haja exagero; também é permitido usar correntes para segurar os óculos, desde que haja necessidade. O uso de perfumes para o homem e a (sic) mulher é permitido, pois o Nosso Jesus também foi perfumado, Mc 14:3, Mt 26:7. O uso de lenço na cabeça pelas irmãs é permitido (sic). Os irmãos usarem gravatas vermelhas ou cores berrantes não é permitido. O uso de perneira (sic) para as irmãs é permitido. Fica proibido o uso de camisetas com estampas mundanas e dizeres em português ou qualquer outra língua, a não ser dizeres bíblicos ou da IPDA, 1 Co 14:40. As saias e os vestidos das irmãs (sic) deverão cobrir os

joelhos mesmo sentadas. Não é permitido o uso de roupa longa, tipo roupa de gala, pois isso já é exagero, e o uso de tênis para o (sic) homem e mulher só é permitido para o trabalho ou em casa.

Quanto ao assobiar é permitido, se for para louvar a Deus, Zc 10:8 e Sl 150:6.

Sobre amigo secreto, brincadeira que se faz normalmente no Natal ou final do (sic) ano ou em época de festa, não é permitido, pois se trata de algo mundano, 1 Jo 2:15-17.

Estipular que um tipo de ornamento no corpo é vaidade, mas um quadro que coloco na parede de minha casa para ornamentá-la não, pode indicar, no mínimo, uma postura incoerente. Os lustres que usamos para decorar as luzes que iluminam nossas casas não seriam também uma espécie de vaidade?

Uma miríade de perguntas surgem imediatamente quando se pensa na questão da vaidade. Por exemplo: Não seria o uso da gravata uma vaidade? A gravata surgiu em culturas de clima frio como uma espécie de cachecol que esquentava o pescoço. Entretanto, devido a ter sido estilizada e aperfeiçoada a ponto de perder sua função inicial, tornou-se mero adorno no pescoço dos homens. Em um país de clima tropical como o Brasil, a gravata não possui utilidade nenhuma senão adornar.

Há ainda aqueles quatro botões que enfeitam as mangas dos paletós dos homens; qual a utilidade deles, já que não servem para abotoar nada? São meros adornos. Aliás, qualquer botão, desde que esteja exposto, serve para adornar. Quem quiser legislar sobre a vaidade sucumbirá por gerar uma paranóia, visto que, ao ter de lidar com inúmeras questões, acabará sendo incoerente. Dizer que uma mulher que usa jóias é vaidosa, mas comprar um carro cheio de frisos niquelados e de cores berrantes não é farisaísmo? Teríamos de arbitrar sobre os enfeites que deveriam fazer parte dos nossos óculos, quais cores seriam permitidas nas nossas roupas, ou seja, estaríamos presos a um exasperante sistema de fiscalização de nossa conduta. Seríamos, em última análise, roubados da liberdade em Cristo.

3. *Buscar em roupas e adornos uma forma de agradar a Deus é inútil e pode levar a um conceito de salvação pelas obras.*

Podemos sofrer o que sofreram os gálatas. A igreja da Galácia estava sendo impregnada de fariseus convertidos. A heresia deles era tão sutil, que Paulo precisou escrever uma das suas mais duras cartas. Eles não chegavam a afirmar que a cruz

não possuía poder para salvar, diziam apenas que além da cruz era necessário a circuncisão. Paulo, veementemente, contradiz essa heresia asseverando que, se alguma coisa for acrescentada à cruz, será anulado todo o poder que dela procede.

...mas agora que conheceis a Deus, ou antes, sendo conhecidos por Deus, como estais voltando outra vez aos rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis ainda escravizar-vos? Guardais dias, e meses, e tempos, e anos. (Gl 4:9-10)

4. *Gerar confusão sobre o que é na verdade mundanismo.*

Levantar a questão da vaidade para provar que as pessoas que usam adornos e roupas da moda amam o mundo, significa confundir a real acepção que a Bíblia atribui ao vocábulo "mundo".

Há uma necessidade clara de entendermos o imperativo bíblico "não ameis o mundo", pois há uma punição muito séria para aqueles que desobedecem a esse mandamento; seria importante lermos a exortação em seu contexto:

Não ameis o mundo nem as cousas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente. (1 Jo 2:15-17)

Logicamente esse mundo a que João se refere não se trata do mundo natural (físico), pois o mundo criado por Deus é muito bom. Embora caído e sofrendo os efeitos da queda, o mundo natural aguarda o dia da redenção e geme na expectativa de ser restabelecido das conseqüências do pecado humano:

Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora. (Rm 8:20-22)

O mundo que devemos odiar também não é o mundo humano, pois a este o próprio Deus declara o seu amor. O texto de João 3:16, o mais conhecido do mundo evangélico, declara peremptoriamente que Deus ama o mundo com um amor infinito.

Então, qual mundo devemos odiar? A resposta a essa pergunta trará nova luz sobre toda a *subcultura* de proibições no meio evangélico (desde os tipos de diversão, até às vestimentas que são ou não permitidas ao crente).

O mundo é descrito na Bíblia como um sistema (cosmos) que se opõe ao reino de Deus. Paulo chega a dizer que esse mundo manifesta-se através dos sistemas de pensamento que rejeitam a verdade:

Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e, sim, poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo. (2 Co 10:4-5)

O mundo é todo o sistema que se desenvolve na cultura e que leva, legitimado pelo egocentrismo do homem, ao exagerado e desmedido desejo da carne e dos olhos. É o adoecimento de toda produção humana e a manifestação do desejo doentio de poder. Está em relevo na ânsia obcecada por prosperidade. É também a necessidade de seduzir o próximo através do sexo ou do dinheiro. Não somente isso, pois pode ser também a busca de poder eclesiástico de algumas elites evangélicas, ou até mesmo a gula.

Todos temos um amor próprio. Uma dignidade intrínseca. Esse sentido de valorização nos foi dado por Deus. É por causa dele que sentimos necessidade de nos vestir e cheirar bem. Quando nos vestimos desejamos agradar os olhos de quem nos admira; todos nos sentimos bem quando somos valorizados e admirados. Sabemos que ninguém gosta de estar perto de uma pessoa com roupas sujas, que não escovou os dentes pela manhã ou que não cuida bem da higiene de seus pés.

Lavamo-nos por um sentido de autovalorização, nos trajamos por que entendemos que em nossa cultura aquela indumentária será mais bem aceita. Quando vamos a uma festa de casamento nos enfeitamos porque consideramos que aquela data requer que estejamos o mais bonito possível. Se isso é vaidade, ela é aceita e estimulada por Deus. Não há qualquer relação desta busca com aquele sentimento pernicioso de querer apoiar nossa existência no que é vazio.

Limitar o conceito de mundo ao desejo de vestir-se bem é adotar uma visão muito *reduzida* daquilo que o vocábulo representa em toda a Escritura.

Para Jesus vaidade também é sinônimo do que é vão. Ele associa o que é vão à prece dos gentios que pensam que serão ouvidos pelo muito falar (Mt 6:7). Ele considera vaidade a piedade dos fariseus:

E em vão (com vaidade) me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens. E, tendo convocado a multidão, lhes disse: Ouve e entendei: não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim contamina o homem. (Mt 15:9-11)

O conceito popular de vaidade é declarado na Bíblia pela expressão composta de vanglória:

Nada façais por partidarismo, ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. (Fp 2:3)

Não nos deixemos possuir de vanglória, provocando uns aos outros, tendo inveja uns dos outros. (Gl 5:26)

Assim aprendemos que vaidade é objetivamente descrita com o sentido de vazio, inutilidade e falta de consistência. Todas as vezes que buscarmos nossa identidade no que for irreal estamos sendo vaidosos. Não há necessidade de se estabelecer uma relação direta com adornos, roupas ou bens materiais. O exercício do ministério, oração, e até boas obras podem, em alguns casos, também ser vaidade e um correr inútil em direção ao vento.

Capítulo 5



Casos aparentemente difíceis

O ensaio do coral naquela noite não transcorreu num ambiente ameno. Pelo contrário, respirava-se um ar pesado; pressentiam-se problemas. Há nessas inquietações um desconforto imobilizador que ninguém se atreve a enfrentar. Todavia, a agitação daquele ensaio não permitia ser varrida para baixo de um tapete religioso. Não havia como *espiritualizar* tão grande mal-estar, rotulando-o de mero estorvo satânico.

Identificou-se em Ezequiel a causa de tudo isso. Ele era rapaz de cabelos contornados acima da orelha, olhos arregalados, testa sempre franzida como se estivesse em estado de constante sobressalto. Consternou e surpreendeu naquele dia por ostentar uma barba meio crescida. O clima tenso, sem dúvida, advinha desse seu "descaso" para com os mandamentos da igreja. Cansado de escanhoar os pêlos cerrados que lhe cresciam teimosamente a cada noite bem dormida, resolveu dar repouso à pele de seu rosto. Como o coral só se reunia aos finais de semana, vê-lo assim com pelos germinando por toda a face causou uma insólita perplexidade .

O comportamento de Ezequiel parecia extravagante; primeiro, por sua coragem de desafiar uma tradição remotíssima de que gente barbada tinha alguma ligação com o diabo. Depois, porque as pessoas se questionavam: "Ele permite que os cabelos de seu rosto cresçam por comodismo, vaidade ou rebelião?". Aí, nessa cruel dúvida, residia toda a excitação daquele sábado de treino musical.

O pastor, notificado da ousadia incomum de Ezequiel, pediu uma conversa com os coristas para o sábado seguinte. Depois de discorrer contra a barba, advertiu que não permitiria a quebra das tradições dos antigos fundadores daquela denominação. O ambiente fechou-se como se uma carregada tempestade estivesse pronta para abalar toda a igreja; Ezequiel, mais barbado ainda, levantou uma de suas mãos, pedindo a palavra. O pastor acenou que permitiria a pergunta logo que terminasse de dizer o seu recado repreensivo.

Ezequiel, ao contrário do que se esperava, indagou com doçura; queria saber, não contestar: — Pastor, há bases bíblicas para se proibir o uso de barba? Como podemos bíblicamente condenar um jovem que deixe a barba crescer? — indagou sem

acrescentar uma nova ruga à sua testa sempre contrita. Com essas duas perguntas baixou a mão e aguardou a réplica.

O pastor solenemente abriu sua Bíblia e com ares de vitorioso pediu ao coral que o acompanhasse na leitura de Gênesis 41:14:

Então mandou Faraó chamar a José, e o fizeram sair apressadamente da masmorra; ele se barbeou, mudou de traje e apresentou-se a Faraó.

O pastor explicou que José, preso em um calabouço no Egito, não pôde barbear-se por um longo período; no entanto, por ser homem de Deus, não quis dar um mau testemunho a Faraó. O que pensaria o rei ao ver um homem de Deus barbado? Assim, para comparecer à presença do rei, José barbeou-se como todo autêntico servo de Deus deve fazer. A mania como desenvolveu seu raciocínio não apenas silenciou todo o auditório, como constrangeu Ezequiel. Sem ter como contestá-lo, todos aceitaram a argumentação; por outro lado, todos saíram amargurados. Aceitar não significa, necessariamente, convencer-se. O pastor usou um recurso de argumentação no mínimo desonesto. Retirou a passagem do contexto. Desprezou centenas de outros textos nos quais homens de Deus aparecem usando barba. Além disso, exigindo uma adesão irrestrita aos seus argumentos, subestimou o bom senso de seus ouvintes.

Sempre que se faz uma abordagem casuística da Bíblia gera-se erro doutrinário. Uma falha desse tipo, apesar de não possuir a mesma gravidade de uma heresia, deve ser combatida. É verdade que errar na compreensão dos textos bíblicos é uma possibilidade a que todos nos sujeitamos; porém, quem tem compromisso com a verdade não pode tolerar inexatidão. Todo cristão deve humildemente aceitar sua falibilidade, porquanto ninguém é onisciente. Sabemos em parte, não possuímos esse atributo divino que reúne todo o conhecimento. Ademais, somos pecadores. Nossos processos de aprendizagem e compreensão da verdade têm sido maculados pela queda original. Todas as vezes que abrimos a Bíblia, devemos admitir que nossa compreensão do que está escrito é parcial, falha e passível de incorreções.

Ninguém deve espantar-se porque há diversas interpretações sobre os ensinamentos da Bíblia. Cada pessoa filtra o que lê através de sua cultura, preconceitos e ensinamentos que lhe foram passados por outras pessoas. Não sendo Deus autor de confusão (1 Co 14:33), sabemos que a falha em não compreender corretamente o texto não é dele ou da Bíblia. A falha é nossa; simplesmente usamos nossas lentes da tradição e de nosso preconceito. Lemos a Bíblia como queremos, mas não como o autor sagrado e o próprio Espírito Santo gostariam que lessemos.

Uma das máximas da Reforma Protestante do século XVI consistiu no princípio de que todo cristão tem o direito de interpretar as Escrituras sem o cabresto de uma elite religiosa. Esse direito, certamente influenciado pelo ambiente da Renascença, dá a todos os indivíduos liberdade de lerem e entender o texto segundo sua própria determinação. Essa faculdade, entretanto, pode gerar compreensões díspares, radicalmente contrárias entre si.

Os reformadores, ao proporem o direito individual de interpretar a Bíblia, não pretendiam gerar uma barafunda doutrinária. Eles também apresentaram outro princípio quando colocaram as Sagradas Escrituras nas mãos do povo. Os reformadores ensinavam que há uma verdade objetiva nos livros sagrados. Isso significa que, quando lemos um referido texto, podemos entendê-lo à nossa maneira, mas a verdade nele contida não depende de nossa interpretação. Em outras palavras, um texto não deixa de transmitir a mensagem que seu autor pretendeu só porque gostaríamos que ele significasse outra coisa.

Quem lê a Bíblia pode encontrar milhares de aplicações para um determinado texto, mas deve achar apenas uma interpretação. Deus não concede a ninguém o direito de distorcer o significado da Escritura. Essa ciência de compreender e interpretar corretamente o texto chama-se Hermenêutica. Quando se violam as regras de hermenêutica, dependendo da gravidade da infração, geram-se erros ou heresias.

Pela falta de fidelidade à Hermenêutica, muitos textos da Bíblia são lidos e comumente distorcidos para se moldarem à doutrina de uma denominação. Às vezes, violam-se regras básicas e, quando fica óbvio demais a ponto de não ser possível o uso da Bíblia para autenticar doutrinas humanas, advoga-se que estas advêm da tradição da igreja. Tais doutrinas, por assim desejarem seus sectários, devem ser obedecidas por seus membros sem quaisquer indagações. No Brasil, repete-se muito esse recurso autoritário, muitas vezes irracional. Há líderes, apoiando-se na autoridade de seus cargos e títulos, exigindo que seus pontos de vista sejam admitidos sem qualquer argumentação. Ordenam que os crentes cometam uma espécie de suicídio intelectual em nome da tão aclamada "submissão". Veremos abaixo alguns textos que servem de apoio às doutrinas anacrônicas sobre usos e costumes nas igrejas.

O bezerro de ouro nasceu da vaidade?

Algumas igrejas evangélicas usam o texto de Êxodo 32:2 com a argumentação de que as jóias das mulheres judias foram pedra de tropeço para o povo hebreu.

Disse-lhes Arão: Tirai as argolas de ouro das orelhas de vossas mulheres, vossos filhos e vossas filhas, e trazei-mas.

Nessa linha de raciocínio, afirma-se que o ouro que os judeus saquearam do Egito só era útil para fazer ídolos. Sustenta-se que as mulheres que servem a Deus hoje, ao usarem ouro, serão igualmente tentadas à semelhança do relato bíblico e terminarão edificando ídolos. Esse texto pode, de fato, ser alegoricamente usado para dizer que o uso de jóias e adornos leva uma pessoa a rejeitar o Deus verdadeiro e a reverenciar um falso deus. Senão, leiamos o restante do relato:

Então todo o povo tirou das orelhas as argolas e as trouxeram a Arão. Este, recebendo-as das suas mãos, trabalhou o ouro com buril, e fez dele um bezerro fundido. Então disseram: são estes, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram da terra do Egito. (Êx 32:3-4)

Entretanto, entender o texto acima como sendo uma boa argumentação para considerar vaidade o uso de jóias e adornos, significa descartar vários outros textos em que o mesmo ouro também foi usado para a construção do tabernáculo (Êx 36:34-38), dos utensílios de culto e da própria arca do concerto (Êx 25:11-13).

O que se pode compreender dessa passagem é que o povo estava peregrinando no deserto sem a possibilidade de garimpar uma pepita de ouro sequer; sendo assim, qualquer objeto de ouro que se quisesse compor deveria ser doado pelas pessoas. Quer dizer, o mesmo ouro que servia para fabricar um ídolo também era útil para confeccionar os querubins da arca do concerto.

Pelo que trouxemos uma oferta ao Senhor, cada um o que achou, objetos de ouro, ornamentos para o braço, pulseiras, sinetes, arrecadas e colares, para fazer expiação por nós mesmos perante o Senhor. (Nm 31:50)

O que deduzimos a partir desse texto é que o uso de jóias em si mesmo não está errado. Nossas poses é que podem ter destinação correta ou maligna, dependendo de onde e para onde está inclinado o nosso coração.

A condenação das mulheres altivas de Sião prova o que?

O texto de Isaías 3:16-26 pode, numa leitura muito superficial, também aparentar que Deus está condenando o uso de adornos e enfeites nas mulheres de Sião.

Diz ainda mais o Senhor: visto que são altivas as filhas de Sião, e andam de pescoço emproado, de olhares impudentes, andam a passos curtos, fazendo tinir os ornamentos de seus pés, o Senhor fará tihosa a cabeça das filhas de Sião, o Senhor porá a descoberto as suas vergonhas. Naquele dia tirará o Senhor o enfeite dos anéis dos arnelhos, e as toucas e os ornamentos em forma de meia lua; os pependentes, e os braceletes, e os véus esvoaçantes; os turbantes, as cadeiazinhas para os passos, as cintas, as caixinhas de perfumes e os amuletos; os sinetes, e as jóias pependentes do nariz; os vestidos de festa, os mantos, os xales e as bolsas; os espelhos, as camisas finíssimas, os atavios de cabeça e os véus grandes. Será que em lugar de perfume haverá podridão, e por cinta, corda, em lugar de encrespadura de cabelos, calvície, e em lugar de veste suntuosa, cilício, e marca de fogo em lugar de formosura. Os teus homens cairão à espada e os teus valentes na guerra. As suas portas chorarão e estarão de luto, Sião, desolada, se assentará em terra.

Ao leitor desarmado de preconceitos, entretanto, fica claro que a retirada desses enfeites veio como castigo de Deus por um outro pecado: andar de pescoço emproado, com altivez de coração. O pecado aqui não é o ornamento, e sim a prepotência.

Contudo, pode-se ainda argumentar que foi o uso de jóias e de adornos que tornou essas mulheres arrogantes e altivas. Sim, é verdade que uma pessoa altamente preocupada com jóias, moda e adornos, pode tornar-se ainda mais arrogante. Mas a preocupação obsessiva com outros valores também pode gerar soberba. Paulo advertiu a Timóteo que o amor ao dinheiro pode levar a um fracasso espiritual (1 Tm 6:6-10). Provérbios ensina-nos que a comida, o sono (20:13) e o sexo (5:18-20), desde que mal usados por nós, também podem ser danosos. Jesus, de igual maneira, mostra-nos que ofertar na igreja (Mt 6:1-4), orar a Deus (Mt 6:6-8), ou até mesmo praticar jejum (Mt 6:16-18), podem tornar-se grandes perigos espirituais.

Deve-se entender que, assim como ninguém de bom siso acha que o problema está no dinheiro, na comida ou no jejum, o problema não estava nas jóias e enfeites, mas sim na atitude do coração daquelas mulheres.

Muitas vezes as pessoas cuidam de corrigir hábitos e tentam desesperadamente formular uma doutrina que conserte a tradição das pessoas. O problema, porém, nem está naquele hábito ou tradição. Uma jovem rica pode não ter o seu coração voltado para jóias; para ela o uso ou não de brincos pode não trazer consigo qualquer valor moral. Por outro lado, uma mocinha pouco abastada pode fazer do uso de um cordão

de ouro uma busca doentia. O uso de jóias, contudo, pode não ser importante para nenhuma delas, apesar de uma ser abastada e a outra não. Ambas, no entanto, correm o risco de supervalorizar esse uso. O pastor, então, deve preocupar-se em admoestá-las a não depositar sua confiança em coisas vãs, que nada aproveitam e tampouco podem acrescentar dignidade a ninguém. (1 Sm 12:21)

A exortação de Paulo em 1 Timóteo 2:9

Há duas posturas que podemos adotar ao ler esse texto. Podemos considerar que Paulo está, por assim dizer, doutrinando as mulheres para que absolutamente não usem qualquer tipo de jóia, não frisem os seus cabelos e não comprem vestidos dispendiosos; ou podemos entender que Paulo foi o grande oráculo de um cristianismo livre de qualquer tipo de lei e que ele, veementemente, protestava que se tentasse regular o comportamento cristão. Para aqueles que adotam a primeira leitura, não há o que discutir; Paulo proíbe e está fechada a questão. No entanto, devemos ser justos com os relatos em que o apóstolo dos gentios: 1º) anuncia que os verdadeiros salvos não são os guardadores da lei "pois, se os da lei é que são os herdeiros, anula-se a fé e cancela-se a promessa" (Rm 4:14); 2º) protesta contra os falsos irmãos "que se entremeteram com o fim de espreitar a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus, e reduzir-nos à escravidão" (Gl 2:4); 3º) não aceita que a vida cristã seja reduzida a um sistema de "não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilooutro, segundo os preceitos e doutrinas dos homens". (Cl 2:21, 22)

Leiamos o texto com essa mentalidade:

Da mesma sorte, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso, porém com obras (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas). (1 Tm 2:9-10)

Vejamos que Paulo não intenta proibir certos tipos de trajes. O apóstolo busca, tão-somente, mostrar às mulheres que a verdadeira beleza não pode ficar resumida ao exterior, devendo sempre estar em companhia do crescimento espiritual. Sua condenação ali não está nos objetos de adorno, mas na extravagância, na falta de bom senso, na ausência de pudor.

Há unanimidade entre os estudiosos da Bíblia a esse respeito.

Para Russel Shedd, comentarista da Bíblia Vida Nova, "Mulheres em traje decente - traje (grego *kastolé*) - refere-se ao comportamento em geral, e não somente às vestes. Decente (grego *kosmios*) tem o efeito de 'em ordem'. A idéia dominante da frase inteira é de bom gosto, sensibilidade, em contraste com os excessos e a falsidade".

Um dos expositores e comentaristas bíblicos de tradição mais *fundamentalista*, Finis Jennings Drake, analisando esse versículo afirma:

Paulo condena a extravagância dos ornamentos. De fato, a passagem não se refere a um estilo específico, ornamento ou vestimenta. Ele demanda moderação nas roupas e no proceder de uma maneira geral, com 'boas obras' (v.10). Quando o homem ou mulher vivem primordialmente para mostrarem roupas, alguma coisa está errada.

É necessário ler as ordens específicas de Paulo tendo em mente sua situação cultural. Ademais, deve-se saber distinguir entre aquilo que é mandamento específico e aquela situação da sociedade dos princípios universais de Deus.

Quando lemos 1 Tessalonicenses 5:26: "Saudai a todos os irmãos com ósculo santo", não devemos entender que essa ordem deve ser obedecida ao pé da letra, pois em algumas culturas homem beijar homem é indecoroso, enquanto em outras, como na Rússia, o ósculo entre pessoas do mesmo sexo é perfeitamente aceitável. Quando Paulo manda beijar todos os irmãos, é preciso que se entenda o contexto histórico sem deixar de lado o princípio universal que o apóstolo quis ensinar: devemos tratar-nos afetuosamente (acima, portanto, de qualquer compreensão cultural do que significa afeto).

Igualmente, seria absurdo ser forçado a admitir que o texto de 1 Timóteo 4:8 é também uma proibição: "Pois o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser". Obviamente, há nesse texto não uma proibição, mas uma chamada a que se reflita sobre valores e prioridades. Em uma sociedade obcecada pelo culto ao corpo, deve-se chamar a atenção para o fato de que a modelação física, através de extenuantes exercícios, não traz em si o valor sublime do crescimento espiritual.

Expor um texto como esse para proibir e determinar quais os tipos de roupas e adornos que devem ser usados é tão errado quanto achar que Paulo está combatendo o casamento quando pergunta: "Estás casado? Não procures separar-te. Estás livre de mulher? Não procures casamento" (1 Co 7:27). A resposta para essa frase deve ser compreendida no contexto ministerial daqueles dias em que as viagens

demoravam meses inteiros; uma pessoa casada certamente teria dificuldade em administrar um casamento com tantas ausências. Sua sugestão era às pessoas que, sentindo-se chamadas para o ministério, não ficassem tão ansiosas para se casarem. O casamento, nesse contexto, limitaria o potencial de quem desejasse dar-se inteiramente ao ministério e, de igual modo, prejudicaria a vida conjugal de quem por ela optasse.

Para entendermos qual o pensamento de Paulo quando escreveu suas cartas, necessitamos lembrar que ele não desejava acrescentar mais mandamentos ao já penoso sistema farisaico de "faze e não faças".

Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais de novo a jugo de escravidão. Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará. De novo testifico a todo homem que se deixa circuncidar, que está obrigado a guardar toda a lei. De Cristo vos desligastes vós que procurais justificar-vos na lei, da graça decaístes. Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé. Porque em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão, tem valor algum, mas a fé que atua pelo amor. Vós corréis bem; quem vos impediu de continuardes a obedecer à verdade? Esta persuasão não vem daquele que vos chama. Um pouco de fermento leveda toda a massa. Confio de vós, no Senhor, que não alimentareis nenhum outro sentimento; mas aquele que vos perturba, seja ele quem for, sofrerá condenação. (Gl 5:1-10)

vida piedosa das mulheres, segundo Pedro

No contexto em que havia muitas mulheres cujos maridos não eram crentes, Pedro lembra que a melhor arma, por assim dizer, para convertê-los, não seriam atavios nem beleza exterior. O melhor trunfo seria, simplesmente, um procedimento digno que aquelas irmãs uma vez abraçaram. Novamente a ênfase não repousa sobre a indumentária, mas sobre o uso que se faz da mesma. Leiamos o texto:

Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vossos próprios maridos, para que, se alguns deles ainda não obedecem à Palavra, sejam ganhos, sem palavra alguma, por meio do procedimento de suas esposas, ao observarem o vosso honesto comportamento cheio de temor. Não seja o adorno das esposas o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível

de um espírito manso e tranqüilo, que é de grande valor diante de Deus. (1 Pe 3:1-4)

Vejamos o comentário de alguns estudiosos da Bíblia sobre este texto:

Não há condenação total de adornos aqui; a ênfase é que a ornamentação externa não deve prevalecer à interna. Alguns vão a extremos como querer condenar anéis, pulseiras e ornamentos. Pedro, porém, não quis dizer aqui serem pecado, apenas não podem ser a maior razão de viver das mulheres. (Dake's Bible, Finnis Jennings Dake, 1961)

O adorno (...) (...) exterior - a ênfase não está tanto na condenação dos adornos exteriores, como frisado de cabelos, aparato do vestuário etc, mas na aparência exterior, apreciada pelos homens em contraste com a santidade apreciada por Deus. (1 Sm 16:7) (Russel Shedd, *A Bíblia Vida Nova*, Edições Vida Nova)

Os intérpretes salientam que as santas mulheres do Antigo Testamento usavam jóias (veja Gn 24:53), supondo que essa objeção é contra o excesso nessas coisas e não contra o uso completo de jóias. E é bem provável que essa posição seja correta. Cada crente deveria estar individualmente convencido, ele mesmo, acerca de onde traçar a linha entre modéstia e exagero, no que diz respeito ao que é abordado pelo presente versículo. Se uma mulher crente se mostra cuidadosa a respeito do decoro de sua alma, também terá bom senso de como ornamentar a sua tenda de carne. (Russel Norman Chaplin, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. Milenium Distribuidora Cultural)

Parece que chegamos ao consenso de que a verdadeira doutrina bíblica não consiste em tentar vestir-nos como os contemporâneos de Jesus (não conseguiríamos nunca) nem em estipularmos uma espécie de "moda evangélica". Devemos buscar, isto sim, um padrão evangélico de modéstia, bom senso e, acima de tudo, moderação. Paulo advertiu-nos para que tornássemos nossa moderação conhecida de todos os homens, pois a vinda do Senhor estaria (como acreditamos que está) próxima (Fp 4:5). Além do mais, afirmou que o mesmo Deus que nos concedeu espírito de poder e de amor, também nos concedeu espírito de moderação (2 Tm 1:7).

Calças compridas à luz de Deuteronômio 22:5

Há igrejas que proíbem, terminantemente, às mulheres o uso de calças compridas. Utilizam, como argumento para validarem essa proibição, o texto de Deuteronômio 22:5. Leiamos-lo:

A mulher não usará roupa de homem, nem homem veste peculiar à mulher; porque qualquer que faz tais cousas é abominável ao Senhor teu Deus.

É extremamente difícil estabelecer, primeiramente, quais eram as diferenças entre as vestes masculinas e femininas nos dias de Moisés. As palavras hebraicas originais usadas para denotar casaco, capa, cinto, são empregadas indistintamente tanto para designar vestes masculinas como femininas. Diferenciava-se o gênero de uma vestimenta com parâmetros diferentes dos nossos. Muitas vezes as roupas de um homem e de uma mulher eram exatamente iguais. Distingua-se uma da outra, unicamente, pela finura do tecido usado para confeccionar as roupas das mulheres.¹

Daí partimos para o nosso primeiro argumento: O que uma sociedade estabelece como indumentária masculina e feminina não vale necessariamente para outra região geográfica. As roupas das mulheres da Palestina podem não transparecer feminilidade noutro país; em nossa cultura, por exemplo, iriam ser consideradas muito pouco femininas. Um homem que usasse, aqui no Brasil, aquilo que os beduínos consideram ser roupa masculina, certamente seria alvo de risos e provocações. Por outro lado, alguém vestido de bombachas gaúchas nas ruas de Nazaré, também seria o centro de todos os olhares da cidade.

Não compete ao Espírito Santo designar quais roupas são masculinas ou femininas; isso é convenção cultural, portanto humana. O índio do Amazonas ostenta sua masculinidade com um certo tipo de cor pintado nas maçãs do rosto. Na Escócia, saias de lã, traspassadas e seguras por um grande alfinete são traje de guerreiro.

Em segundo lugar, deve-se observar que as roupas e tradições também variam de geração para geração. Aquilo que se determinava como roupa masculina duzentos ou trezentos anos atrás, pode ser hoje um traje muito afeminado, como é o caso das calças justas usadas por navegadores, ou dos brincos que os piratas (os quais eram tudo, menos afeminados) ostentavam nas orelhas.

O que era considerado vestimenta masculina algum tempo atrás é permitido hodiernamente às mulheres, sem que com isso elas estejam masculinizando-se. O caso mais típico dessa argumentação vem das calças compridas.

É verdade que as calças compridas eram roupas de homem ainda no começo deste século. Como as mulheres passaram a trabalhar fora de casa e necessitavam de roupas fortes que protegessem suas pernas do frio e dos acidentes de trabalho, o uso acabou sendo inevitável. Inicialmente, causava inquietação e gerava muita tensão; porém, como o costume não ad-vinha de uma tentativa de *masculinização*, mas sim da carência de proteção, logo pôde contar com o consentimento da sociedade. Veja que uma necessidade social e não moral provocou essa mudança no comportamento das pessoas. Hoje as calças compridas já nem são mais roupas masculinas, e sim neutras em seu gênero ou epicenas, isto é, podem ser usadas tanto por homens como por mulheres.

Há outras vestimentas que também são neutras e não trazem qualquer inquietação, como por exemplo: as sandálias, dessas de borracha que usamos entre os dedos; as camisetas de malha, utilizadas tanto por homens quanto por mulheres cotidianamente; certos tipos de casaco, usados para nos protegermos do frio; e até mesmo alguns modelos de armação para óculos de grau. Hoje, o que designa uma calça masculina ou feminina pode ser a cor (no Brasil uma calça de cor rosa é sempre para mulher) ou o zíper (convencionou-se que uma calça com fecho traseiro ou lateral é sempre para mulher).

Sendo assim, quando Deus ordena que a mulher não se vista com roupas de homem, ele não está escolhendo certo tipo de roupa, mas apenas rechaçando o *travestismo*. O ideal de Deus é que os homens queiram ser homens e as mulheres desejem ser mulheres. A mensagem de Deuterônimo 22:5 trata de princípios, e não de uma lei sobre moda.

Os cabelos compridos de acordo com 1 Coríntios 11

Os versículos escritos por Paulo à igreja de Corinto, tratando sobre os cabelos de homens e mulheres, são largamente citados por algumas igrejas para consubstanciar a doutrina que proíbe as mulheres de sequer aparar as pontas dos cabelos. A postura de Paulo é tão enfática, tão clara e tão universal, que ele invoca a natureza (v. 14) como testemunha de sua argumentação. O regulamento interno de certas igrejas traduz claramente o que pensam a maioria de seus membros sobre esse assunto:

É proibido as irmãs cortarem o cabelo, mesmo aparar as pontas, usarem perucas, bobes, pintarem o cabelo ou esticarem (sic), usarem penteados vaidosos que chamem a atenção.

Punição:

1ª vez - Seis meses de suspensão.

2ª vez - Um ano de suspensão

3ª vez - Exclusão.

O ministério não concorda baseado na Bíblia em Sl 4:2,

1 Co 11:14-16; Ef 4:17; Tt 2:12; 1 Pe 3:3-5.

Em primeiro lugar, compreendamos o contexto da cidade de Corinto e o porquê das duas cartas de Paulo.

Corinto localizava-se no istmo entre o mar Egeu e Adriático. Assim, estrategicamente estabelecida, tornou-se um porto rico e muito famoso. Como a maioria das viagens daqueles dias eram por via marítima, Corinto foi uma autêntica metrópole, abrigando gente de todas as culturas antigas. Muitos romanos gostavam de descansar em Corinto após suas longas viagens em alto-mar, porque a cidade fornecia mais divertimento e opções culturais que outros portos menos importantes. Lá ficava o único anfiteatro (uma construção romana) da Grécia com capacidade para mais de 20.000 espectadores. O grande orgulho de Corinto era o seu templo de Afrodite. Sendo essa deusa identificada com a lascívia e com a prostituição cultuai, seu templo abrigava mais de 1.000 prostitutas. Com essa fama de agregar tantas prostitutas, a cidade tornou-se símbolo de decadência moral. O termo grego *korintianozomai* (lit, agir como um coríntio) significava promiscuidade.

Paulo não evitou Corinto ao planejar sua segunda viagem missionária. Por volta do ano 50, mudou-se para a cidade e foi morar na casa de Priscila e Áquila. Depois que pregou insistentemente numa sinagoga sobre Jesus, sua crucificação e ressurreição, viu-se obrigado a mudar-se para a casa de Tício Justo. Paulo morou na cidade 18 meses e, mesmo debaixo de grande perseguição, conseguiu deixar uma igreja implantada.

Depois que partiu, Paulo escreveu uma carta, hoje perdida (5:9). Talvez em resposta a essa carta, os crentes lhe redigiram algumas perguntas inquietantes. A consternação de Paulo sobre os problemas de divisão (1:11), a imoralidade entre os irmãos (caps. 5 e 6:9-20) e as perguntas concernentes a casamento, alimentos, adoração e ressurreição, provocaram a composição de 1 Coríntios.

A cultura de Corinto não era judaica, mas grega e fortemente influenciada pelos viajantes romanos que lá passavam.

As mulheres gregas vestiam-se de modo completamente diferente das judias. Os homens portavam-se com costumes radicalmente opostos aos dos hebreus. Os judeus jamais comeriam uma comida vendida em mercado, principalmente sacrificada a

ídolos; entretanto os gentios de Corinto não se sentiam compelidos a comprar carne de melhor qualidade, visto não se importarem com a sua procedência. Um judeu de modo algum permitiria que as mulheres falassem nas suas sinagogas, mas na cultura helênica, contanto que cubrissem a cabeça, as mulheres recebiam permissão para orar, pregar (profetizar) e exercer alguns ministérios.

Quanto às roupas, os costumes dos Coríntios também se diferenciavam dos costumes dos judeus. Antigamente, uma das principais características da cultura hebréia que se chocava com os costumes das mulheres de Corinto era o uso do véu. Uma mulher judia sem véu era tida como prostituta. Entre as mulheres de Israel, só não faziam uso do véu aquelas que se encontrassem em período de luto ou as que fossem esposas infiéis. Destas últimas, o véu lhes era tirado e o cabelo lhes era rapado, a fim de que exibissem o seu opróbrio. O homem judeu também se cobria para orar, principalmente em tempos de luto:

Mas Davi, subindo pela encosta do monte das Oliveiras, ia chorando; tinha a cabeça coberta, e caminhava com os pés descalços. Também todo o povo que ia com ele tinha a cabeça coberta, e subia chorando sem cessar. (2 Sm 15:30)

Por não ter havido chuva sobre a terra esta se acha deprimida, e por isto os lavradores, decepcionados, cobrem a cabeça. (Jr 14:4).

Naqueles dias os homens jamais cobriam a cabeça para orar a Deus; somente as mulheres assim o faziam. Séculos depois, esse costume judaico mudou. Quando um homem entrava na sinagoga recebia o *talith*, um xale de quatro pontas para ser posto sobre sua cabeça. Os romanos, antes mesmo do aparecimento do *talith* judaico, já costumavam entrar em seus templos com a cabeça coberta. Os gregos, todavia, tradicionalmente oravam e adoravam com a cabeça descoberta. Traduzindo essa concepção grega, Paulo argumenta que o homem deve orar assim porque ele é a imagem de Deus na terra, e essa imagem não pode ser encapuzada.

Insistimos em que tudo isso era cultural, nada tinha a ver com princípios morais eternos. Senão vejamos:

1. *O véu é um costume antigo que não diz respeito à cultura ocidental.*

A decência das mulheres da antigüidade estava no véu. Quando Rebeca se encontrou com Isaque pela primeira vez, sua reação de pudor foi cobrir-se com um véu:

E perguntou ao servo: Quem é aquele homem que vem pelo campo ao nosso encontro? É meu senhor, respondeu. Então tomou ela o véu e se cobriu. (Gn 24:65)

Hoje, com exceção dos países muçulmanos, as mulheres não precisam mais de véu para mostrar recato. Alguns traços dessa cultura permanecem no uso dos véus em raríssimas celebrações fúnebres e, com mais freqüência, nas cerimônias de casamento.

2. *Gradualmente os costumes foram mudando, e os cabelos longos das mulheres passaram a desempenhar a mesma função do véu.*

Ao afirmar que "toda mulher, porém, que ora, ou profetiza, com a cabeça sem véu, desonra a sua própria cabeça, porque é como se a tivesse rapada"(I Co 11:5), Paulo confere ao uso de cabelos compridos a mesma relevância que acompanhava a utilização do véu. Recorrendo à analogia, o apóstolo tenta mostrar que uma mulher sem véu simbolizava, na igreja, o mesmo que uma mulher com a cabeça rapada simbolizava na sociedade grega (e até mesmo na judaica, pois as esposas infiéis tinham a cabeça rapada). Ao que parece, Paulo apenas deseja manter o costume judaico da utilização do véu numa cultura que já o substituíra pelo uso de cabelos longos. Ele sugere que, por uma questão de coerência, aqueles que quisessem manter a tradição do uso do véu hebraico deveriam também preservar o uso dos cabelos compridos presente na cultura helênica. Isto porque, da mesma forma que uma mulher sem véu era considerada prostituta pelos judeus, uma mulher com a cabeça rapada era tida como meretriz pelos gregos. A experiência de Paulo, portanto, apresenta-nos contundente silogismo.

As mulheres da igreja de Corinto viviam em meio a duas tradições distintas; Paulo, por ser judeu, propunha a manutenção do costume hebraico; logo, a questão do uso do véu ou dos cabelos compridos era apenas pertinente àquele contexto cultural.

Seria um absurdo imensurável pastores exigirem que seus membros adotem essa prática, já que as mulheres de suas congregações não estão inseridas na cultura dos judeus, tampouco na da Grécia antiga.

Em "O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo", Russel Norman Champlin grifa o seguinte:

É impossível tornar compatíveis os costumes da igreja do século XX, no que diz respeito às mulheres e ao que podem fazer na igreja, com os costumes do primeiro século da era cristã. A tentativa é absurda, e as interpretações dadas por aqueles que seguem à risca esses preceitos são desonestas ou baseadas na falta de conhecimento próprio (...) (...) Ora, tudo isso pode ser compreendido somente à luz dos costumes sociais da época, visto que o véu não mais significa qualquer coisa para nós. Porém, em várias culturas antigas, às mulheres não era permitido terem livre contacto social, mas, antes, tinham de permanecer em relativa reclusão.²

3. A natureza como produção cultural, e não a natureza como ordenação de Deus, é que estabelece qual o tamanho do cabelo dos homens e das mulheres.

A argumentação de que há preceito bíblico estipulando o tamanho dos cabelos masculinos e femininos baseia-se no fato de Paulo ter mencionado, no versículo 14, a própria natureza como testemunha da desonra que é para o homem o uso de cabelos compridos. Mas qual natureza ele convoca para autenticar tal ensino? A natureza como força ativa que conserva a ordem natural, ou os preceitos sociais dos Coríntios?

Geralmente os judeus andavam com cabelos compridos. Já os gregos preferiam-nos bem curtos. Dizer que a natureza como ordenação divina é que estabelece que os cabelos dos homens devem ser curtos é não levar em conta que Deus instituiu, no caso dos nazireus, que não se passasse navalha na cabeça.

Disse o Senhor a Moisés: Fala aos filhos de Israel, dize-lhes: Quando alguém, seja homem, seja mulher, fizer voto especial, o voto de nazireu, a fim de consagrar-se para o Senhor, abster-se-á de vinho e de bebida forte; não beberá vinagre de vinho, nem vinagre de bebida forte, nem tomará beberagens de uvas, nem comerá uvas frescas nem secas. Todos os dias do seu nazireado não comerá de coisa alguma que se faz da vinha, desde as sementes até às cascas. **Todos os dias do seu voto de nazireado, não passará navalha pela cabeça; até que se cumpram os dias para os quais se consagrou ao Senhor, santo será, deixando crescer livremente a cabeleira.** Todos os dias da sua consagração para o Senhor não se aproximará dum cadáver. Por seu pai, ou por sua mãe, por seu irmão, ou por sua irmã, por eles não contaminará, quando morrerem; porquanto o nazireado do seu Deus está sobre a sua cabeça. Por todos os dias do seu nazireado santo será ao Senhor. (Nm 6:1-8)

Ora, se a natureza eterna, e não cultural, ensina que os cabelos dos homens não podem e nem devem ser longos, por que Deus instituiria o nazireado? Não seria estabelecer algo contrário a sua própria natureza? Se a desonra a que Paulo se refere em 1 Coríntios 11:14 é espiritual, e não cultural, os nazireus seriam um grupo que colocaria a palavra do Senhor dita a Moisés em descrédito. Isso tornaria Deus incoerente e pecador, o que é um absurdo.

A questão dos cabelos longos para mulheres e curtos para os homens é meramente cultural. Paulo pede que esses preceitos sejam respeitados apenas no contexto de Corinto. Ele não poderia exigir que essas normas fossem obedecidas hoje, pois o véu e os cabelos compridos já não possuem a mesma significação daqueles dias. Na antigüidade, uma mulher, através da maneira como cortava seus cabelos, podia transmitir lealdade ou insubmissão ao seu marido; hoje, contudo, a submissão de uma mulher é transmitida pela aliança que carrega no dedo da mão esquerda. Se o uso de cabelos longos naquela época simbolizava o mesmo pudor da utilização do véu, no mundo contemporâneo já não é assim.

Mais uma vez, deve-se levar em conta o princípio por detrás do costume e não o costume em si. Paulo desejava que as mulheres respeitassem a idéia de submissão e que os símbolos dessa subordinação fossem igualmente acatados. Se naquela cultura o símbolo da sujeição da mulher era manter os cabelos compridos, as mulheres não deveriam cortá-los; mas se numa outra cultura (como a japonesa) estiver estabelecido que as mulheres demonstram submissão andando alguns passos atrás do marido, que se respeite tal hábito para que o princípio seja preservado.

No Japão, o fato de uma mulher cortar ou não o cabelo não contém nenhum valor ético e moral, mas andar à frente do esposo sim. A Bíblia, nesse caso, aconselharia que as mulheres andassem conforme a maneira admitida culturalmente por aquela sociedade, nada mencionando, portanto, sobre o tamanho de seus cabelos.

Atente para o fato de que a preocupação bíblica é com o espírito da lei e não com a letra. Preservar apenas a letra (o uso e o costume), mas não entender o porquê de quaisquer mandamentos, provoca a morte:

...o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito, porque a letra mata, mas o espírito vivifica. (2 Co 3:6)

Qual seria o tamanho de cabelo ideal para caracterizar a submissão de uma mulher? Qual a medida de cabelo destinada a homens que determinaria a masculinidade de alguém? Simplesmente não há parâmetros, a própria sociedade é quem decide essas questões. Na África os negros não poderiam adaptar-se a esses

conceitos, uma vez que o cabelo crespo e encarapinhado simplesmente não cresce. Lá, a natureza ensina que tanto homens como mulheres devem ter cabelos curtos. Há de se convir, dessa forma, que são as múltiplas ambiências culturais que determinam tais valores.

Além disso, faz-se necessário lembrar que um ensino bíblico, para ser válido, deve ter aplicabilidade universal. Ao ensinar sobre amor, fidelidade e coragem, a Bíblia coloca-se acima de toda cultura; por isso, independentemente de como nossa sociedade lida com esses valores, todos eles têm algo a nos ensinar.

Notas

1 ROPS, Henri Daniel. *A Vida Diária nos Tempos de Jesus*. São Paulo: Ed. Vida Nova, p. 142

2 CHAMPLIN, Norman Russel. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Milenium Distribuidora Cultural, vol. IV, pp. 172-173

Segunda Parte

NÃO VER, NÃO OUVIR, NÃO FAZER - CAMINHO PARA A SANTIDADE?



Capítulo 6

Cinema: arte ou degeneração?

Poucos filmes contendo elementos nitidamente evangélicos alcançaram o circuito dos cinemas seculares. Mas na década de oitenta *O Refúgio Secreto* conseguiu. Baseando-se na autobiografia de Corrie Ten Boom, o roteiro da trama descreveu como uma família cristã construiu, dentro de casa, um quarto secreto para esconder judeus perseguidos pelos nazistas que ocupavam a Holanda. Com investimentos altos na produção (a Fundação Billy Graham participou do projeto), o filme retratou com detalhes as consequências devastadoras sobre-vindas aos Ten Boom por terem se oposto à monstruosidade de Hitler. As imagens finais do filme, que reproduziu cruamente os enormes sofrimentos daqueles nobres cristãos holandeses,

apresentavam Corrie, já velhinha e com a Bíblia no colo, relatando seu testemunho sobre a vida de fé de seu pai, de sua irmã, e de seu irmão, mortos nos campos de concentração nazista. Devido ao comovente encerramento do filme, a platéia deixava a sala de projeção sob forte impacto emocional; o testemunho de Corrie parecia um afiado punhal a compungir o coração de todos.

Eu, ainda noviço no ministério, soube em 1984 que esse filme havia chegado ao Brasil; os direitos de veiculação estavam com os evangélicos, e a proposta era alcançar as redes de cinemas. Contatei a COMEV (Comunicações Evangélicas) de São Paulo e consegui que um cinema do *Shopping Center* de Fortaleza se interessasse pelo projeto. Pela primeira vez, um filme evangélico seria exibido nas telas de um espaço secular em nossa cidade.

Organizamos várias equipes que visitariam comunidades evangélicas visando a uma grande mobilização da cidade. Ingenuamente acreditávamos que as igrejas abraçariam o plano. Porém, para nossa surpresa, muitos até rejeitaram que se falasse em cinema, enquanto outros taxativamente proibiram seus membros de verem *O Refúgio Secreto*. Pior, correram boatos pela cidade de que diáconos se postariam na porta do cinema para anotar o nome dos crentes que entrassem naquele lugar "do Diabo". Assim mesmo, levamos adiante nosso intento e, apesar de toda a resistência, milhares de pessoas compraram bilhetes, assistiram à película e foram tocadas pelo testemunho de Corrie Ten Boom.

Os segmentos evangélicos mais legalistas rejeitam o cinema porque o julgam maligno. Sem levar em conta seu conteúdo, consideram-no uma invenção diabólica para seduzir o povo de Deus. Algumas igrejas não aceitam sequer a idéia de assistir um filme *evangelístico*, pois crêem ser uma abertura para que as pessoas passem a gostar de filmes "mundanos".

A primeira razão apontada pelas igrejas para reprovarem que seus membros assistam a filmes é que o crente deve separar-se do mundo. Para eles, estar num ambiente escuro como o cinema significa comungar com os filhos das trevas e expor-se aos raciocínios do mal. Questionam se um crente que se sinta junto a uma platéia de pecadores para ouvir e divertir-se com uma programação também produzida por pecadores não estaria negando o Salmo primeiro. Esse Salmo denuncia aqueles que andam no conselho dos ímpios, detêm-se no caminho dos pecadores, e se assentam na roda dos escarnecedores. "Ir ao cinema não é o mesmo que transgredir esses conselhos?", indagam. Alguns pastores não conseguem entender o que leva um filho ou filha de Deus a frequentar um ambiente sombrio para se divertir lado a lado de gente tão pecadora.

Porém, meditemos no que significa assentar-se na roda dos escarnecedores. A Bíblia não ordena que se evite estar em um mesmo espaço físico com pessoas que pensam e agem contrariamente a nós. Fosse assim, Cristo faria jus à acusação dos fariseus de ser um pecador por se assentar e comer com pessoas de vida duvidosa.

Veio o Filho do homem, que come e bebe, e dizem: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores! Mas a sabedoria é justificada por suas obras. (Mt 11:19)

Mas, até que ponto podemos partilhar de um mesmo ambiente com aqueles que têm projetos de vida eticamente opostos aos nossos? A resposta a essa pergunta não é tão simples. Podemos cair ante o perigo da incoerência. Arriscamos gerar muita hipocrisia quando defendemos a idéia de uma igreja separada do mundo, sem definir o que queremos dizer com isso. O que significa separar-se do mundo? Quando um crente vai a um restaurante e senta-se junto a alguém que bebe, ele não se estaria assentando numa roda de escarnecedores? Quando vamos a um museu e contemplamos um quadro pintado por um artista que não é cristão, ladeados por outros visitantes também incrédulos, não estaríamos nos juntamos aos pecadores? Pensando nesses termos, a resposta obviamente é *não*.

A igreja não pode pensar em se isolar geograficamente do mundo. A solução para a santidade não é criarmos ordens monásticas que nos mantenham reclusos. A realidade do mundo contemporâneo é que pessoas diferentes, com culturas e até condutas éticas distintas, compartilham os mesmos espaços. Nossos filhos sentam-se em bancos escolares vizinhos aos dos filhos de políticos inescrupulosos. Viajamos em ônibus e aviões ladeados por pessoas boas e más.

Alguém ainda pode argumentar que no colégio, numa viagem ou num restaurante, essa má companhia é obrigatória; no cinema, contudo, a pessoa voluntariamente escolhe sentar-se junto com pecadores. A restaurantes, porém, não vamos somente por necessidade, mas também por lazer. Viajamos e freqüentamos museus por divertimento também, e não apenas por necessidade. Além disso, Jesus, em sua oração sacerdotal, não pediu a Deus que nos tirasse do mundo, mas que nos livrasse do mundo.

Não peço que os tires do mundo; e, sim, que os guardes do mal. Eles não são do mundo como também eu não sou. (Jo 17:15-16)

O desafio do verdadeiro cristão não consiste em esconder-se dos perigos do mundo como um caramujo, mas em saber conviver entre pecadores como sal e como luz. Jesus jamais se furtou de comparecer a atividades sociais promovidas por pessoas comuns. Nunca tentou isolar seus discípulos em mosteiros para que eles se mantivessem imunes às tentações. Pelo contrário, lançou-os num mundo hostil, em que teriam de demonstrar uma fé forte o suficiente para influenciarem e não serem influenciados. Ele próprio não temia comer, beber e conviver com pessoas espiritualmente desqualificadas. Quando Jesus comparecia a festas, como a das bodas de Caná, ele partilhava do mesmo ambiente que os pecadores. Entretanto, não legitimava o comportamento das pessoas e tampouco se tornava cúmplice dos atos que elas praticavam. Paulo deixa isso claro quando escreve em 1 Coríntios 5:9-11:

Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros: refiro-me com isto não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idolatras, pois neste caso tereis de sair do mundo. Mas agora vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com esse tal nem ainda comais.

É possível estarmos em um mesmo ambiente físico e não participarmos da atitude das pessoas. Além do mais, mesmo que estejamos ali com o mesmo objetivo (nos divertir), isto não significa que comunguemos com as motivações das pessoas que nos rodeiam.

Infelizmente, os evangélicos raramente consideram o outro lado dessa argumentação. Quando a Bíblia ordena que não nos assentemos na roda dos escarnecedores, ela não descarta a real possibilidade disso acontecer mesmo que nos encontremos a dezenas de quilômetros de um ímpio. Quantas vezes, dentro de quatro paredes de igrejas e lugares religiosos, percebem-se atitudes piores que as praticadas em muitos ambientes suspeitos. Separação geográfica não garante imunidade ao pecado.

A vida cristã compõe-se exatamente desse desafio: viver no mesmo ambiente em que vivem outros pecadores, sem contudo participar de seus pecados. É aí que surge a necessidade de um espírito crítico, resultado de maturidade cristã, para a seleção de quais ambientes devemos ou não freqüentar. Quando Jesus ordenou que fôssemos a luz do mundo e o sal da terra, ele referia-se exatamente a esse desafio de convivemos onde há trevas e imundície sem nos deixarmos contaminar. Instruiu-nos, pois, a influenciar positivamente com luz o que se encontra em trevas e a preservar

com sal aquilo que ainda pode ser resguardado. A simples censura e proibição taxativa a que não se freqüentem ambientes "suspeitos" não gera santidade. Ao contrário das expectativas dos conservadores, a proibição causa curiosidade, a qual, por sua vez, conduz ao pecado.

A segunda argumentação daqueles que condenam que os cristãos assistam a produções cinematográficas elaboradas por incrédulos apóia-se na mensagem imoral transmitida pelos filmes. Para eles um crente não pode ir ao cinema, pois a mensagem das telas não contém nada que se aproveite. Novamente há erros em tal pensamento. Principiam com uma generalização irresponsável. Não, nem todo filme é imoral, degradante e violento. Há filmes e filmes. Os filmes com conteúdos saudáveis podem ser apreciados por todos, embora haja filmes merecedores do lixo. Compete àquele que é maduro decidir o que serve ou não.

Alguns objetam afirmando que, na maioria das vezes, as pessoas não têm maturidade para julgar se um filme é digno; acabam, por conta disso, assistindo a imundícies. A questão é: Como aprenderão a joeirar? Proibir não ajuda. Quando se impede o livre-arbítrio, mais do que tolher a liberdade cristã, está-se roubando das pessoas processos de amadurecimento que lhes possibilitariam saber discernir o que é bom e o que deve ser reprovado.

Quando vi *A Sociedade dos Poetas Mortos*, aprendi e cresci em minha experiência pastoral; não fiquei decepcionado, mas motivado. O enredo apresenta um professor de uma severa escola preparatória americana tentando inovar seus métodos de ensino para abrir a visão dos jovens. Sua técnica vanguardista de instruir choca-se com o *legalismo* preconceituoso e sufocante dos pais dos alunos e da direção da escola, legítimos representantes da elite atrasada norte-americana. O professor ensina poesia aos seus alunos, busca humanizar os processos de aprendizagem, aquece-lhes o coração e procura torná-los mais sensíveis.

Como aquela escola priorizava a excelência acadêmica em detrimento de quaisquer outros valores, professor e alunos sofrem severas represálias. Um dos alunos morre, e o professor perde o seu emprego; contudo, uma profunda mensagem ao final do filme é transmitida: todos devemos ter coragem para contemplar a vida com independência e por ângulos diferentes; não podemos restringir-nos a pensar através das imposições do sistema. Saí do cinema sem ter sido estimulado à sensualidade ou à violência, mas animado a defender meus pontos de vista, mesmo quando houver um juízo comum e contrário querendo esmagar-me. Em *A Sociedade dos Poetas Mortos*, o conteúdo talvez não seja explicitamente identificado como bíblico, porém seus valores contêm verdades eternas; sendo assim, não há motivo para que não possamos recomendá-lo a qualquer cristão.

Para nos esvaziarmos de muitos preconceitos enraizados contra o cinema, pensemos no que é verdadeiramente um filme. O princípio do cinema consiste em milhares de fotografias expostas seqüencialmente, em alta velocidade, com o objetivo de produzir movimento. Sincronizam-se sons e imagens e segue-se o roteiro do enredo. Uma fita, portanto, não passa de fotografias justapostas que objetivam comunicar uma mensagem. O que determina a sua decência depende exclusivamente dos seus conteúdos, já que as técnicas de filmagem em si não são santas ou imorais. É apenas uma técnica.

Imaginemos uma amostra de fotos batidas por um fotógrafo jornalista. Os retratos que ele expuser numa galeria de arte podem, por exemplo, trazer cenas do cotidiano. Se o objetivo daquele profissional for denunciar a prostituição infantil, serão mostradas cenas degradantes, e não lascivas, de mocinhas vendendo-se em bares e prostíbulos. Se outro fotógrafo for amante da natureza, irão ser publicados em uma revista, livro ou jornal, retratos de prados, rios, animais selvagens, enfim, de tudo o que se relacionar com o sistema ecológico e cativar sua intuição artística. Tanto no primeiro caso como no segundo, os dois exporão suas fotos em uma certa ordem, para melhor transmitir seus sentimentos.

O cinema faz o mesmo. Mostra fotografias, só que em alta velocidade. Como se tenta transmitir uma mensagem, essas imagens devem obedecer a um criterioso roteiro com diálogos que fortaleçam o teor do que se deseja transmitir. Nenhum cristão se sentiria agredido ou pensaria ter cometido pecado ao contemplar fotos em uma revista, ou ao participar de uma exposição fotográfica.

Independentemente das fotos terem sido ou não batidas por outro cristão, os critérios para analisar o valor de fotografias deverá ser exatamente o mesmo para analisar um filme. Se o que ele fotografou esconde intenções malignas ou tenta transmitir valores torpes, servindo para degradar, explorar e marginalizar seres humanos, deve haver denúncia dos cristãos contra o que foi fotografado. Se qualquer artista usa sua arte para promover o ódio, o preconceito e a injustiça, os cristãos não apenas devem repelir veementemente quem os promoveu, como precisam esforçar-se para que essa perfídia seja exposta publicamente.

Um belo exemplo da arte comunicando valores eternos faz lembrar *A Lista de Schindler*. Esse filme me sensibilizou, comoveu-me às lágrimas. Naqueles dias eu acabara de escrever meu primeiro livro combatendo a Teologia da Prosperidade. Sentia-me esmagado pelo materialismo e futilidade dessa doutrina, além de decepcionado com a propaganda que se fazia de um evangelho utilitarista. Por fim, estava desiludido com a perspectiva de mudanças na Igreja. A mensagem do filme foi mais cristã que muitos sermões pregados nos púlpitos de algumas igrejas.

Oskar Schindler é um empresário alemão oportunista e mulherengo, tentando enriquecer às custas do trabalho farto e barato dos judeus, perseguidos e humilhados pelo nazismo. Schindler, filiado ao Partido Nazista, ostenta uma suástica de ouro na lapela de seu paletó. Seu contato com os empregados força-o a ajudar algumas pessoas. Compelido por circunstâncias adversas, deu emprego a velhos, mulheres e crianças; mesmo sem perceber, principiava na prática de boas ações. Numa trama paralela, há um oficial nazista que também engatinha nas primeiras ações malignas. Durante todo o enredo, tanto Schindler como o nazista aprimoram-se, respectivamente, no bem e no mal.

Schindler, de tanto fazer o bem, tornou-se uma pessoa boa, e o oficial nazista, de tanto praticar o mal, tornou-se um monstro sórdido. Duas cenas chamam especialmente a nossa atenção. Numa, um menino é barbaramente assassinado pelo nazista por uma trivialidade: não lavou a banheira do soldado corretamente; noutra, o nazista acorda e se diverte praticando tiro e alvejando judeus que, como se fossem animais de caça, se arrastam lentamente pelo pátio em frente ao quarto do militar alemão. Matar o relaxa e o diverte. No coração perverso daquele oficial desaparece a possibilidade de misericórdia e compaixão. Mas Schindler, que no princípio do filme ainda praticava o bem inconscientemente, "viciou-se" em ajudar as pessoas. Enquanto prepara sua lista, que empregará judeus salvando-os da câmara de gás, vê-se rasgado por dentro; sabe que não poderá salvar todos, já que não dispõe de dinheiro suficiente para subornar tantos guardas.

Ao final do filme, Schindler chora compulsivamente quando recorda que gastou dinheiro de maneira dissoluta; contabiliza quanto seria suficiente para resgatar vidas da morte nos campos de concentração; arranca a insígnia nazista do peito e grita aos prantos: "Com ela eu podia ter comprado uma vida!". Diante do seu valioso automóvel, chora; imagina quantas vidas teria salvado se o tivesse vendido. Naquele instante do filme, os valores materiais tornam-se ridículos, o egoísmo e a avareza, vis. A mensagem do filme causa uma profunda impressão e ensina que tanto o bem quanto o mal crescem no coração dos que os praticam. Saí do cinema convencido de que a Teologia da Prosperidade era maligna e considerei Steven Spielberg uma espécie de profeta secular, advertindo uma geração comprometida com os valores do mundo a fugir de seus enganos. Sua mensagem soava como se pedras clamassem.

Alguns se contrapõem a esse argumento de que existem bons filmes. Afirmam que não vale a pena se expor a tanta nojeira para só ocasionalmente ver alguma coisa de conteúdo nobre. "Os bons filmes são meras iscas que levam as pessoas a assistirem ao que não presta", argumentam. Esse arrazoamento também não é correto e nem bíblico. Paulo nos admoesta em 1 Tessalonicenses 5:21 a examinar de

tudo e reter o que é bom. Proibir pura e simplesmente com o intuito de evitar que uma pessoa corra riscos pode parecer mais fácil, mas não resolve. Ao se exporem a filmes de virtudes questionáveis, as pessoas pelo menos adquirem algum discernimento em julgar o que não presta; proibidos e isolados, permanecem sempre presas fáceis, por não adquirirem prudência necessária para identificar o que é bom.

O terceiro argumento é que não devemos gastar nosso dinheiro apoiando a indústria cinematográfica que é ateia, anticristã e amoral. Mais uma vez, discordo desse argumento. É verdade que cada bilhete pago na catraca de entrada do cinema e cada vídeo que sai da locadora pagarão os enormes salários dos artistas (a maioria deles ímpios). Mas o dinheiro que pagamos na entrada do cinema não significa que legitimamos o estilo de vida dos artistas; estamos apenas pagando pelo serviço de representação desempenhado pelos atores. Quando contratamos um advogado, estamos interessados por seus serviços e não indagamos sua vida íntima; o que queremos saber é como esse trabalhador exerce sua profissão. Quando adquirimos pão em uma padaria, não questionamos se o dono gasta o dinheiro do lucro, que lhe proporcionamos como capital de giro, para comprar cigarro ou bebida alcoólica. Houve uma simples troca de valores por bens e serviços que me interessavam.

Não nos compete administrar pelos outros o dinheiro que lhes pagamos por bens ou serviços. Quando nos consultamos com um médico, não questionamos se ele gastará em um prostíbulo aquele dinheiro que lhe pagamos como honorários. O dono de uma empresa de produtos gráficos não tem como saber se a tinta que vendeu será usada para imprimir material pornográfico ou material de um político cujas posições não sejam por ele aprovadas. O aluguel, pago com o dízimo dos crentes de qualquer igreja a um senhorio, poderá ser gasto com jogo de azar, mesmo que aquela igreja pregue uma rigidez moral absoluta. O governo gasta parte de nossos impostos subsidiando o plantio de fumo, ainda que sejamos radicalmente *antitabagistas*. O exército de nosso país pode participar de uma força de paz enviada a um outro país cujo regime político não nos agrada. Por isso deixamos de pagar nossos impostos?

É verdade que muitos filmes contêm mensagens niilistas sob o ponto de vista da fé, imorais sob os holofotes da ética cristã, vulgares em relação à arte, e descartáveis no que diz respeito à competência profissional. Todos devem evitar esses filmes, inclusive os ateus, budistas e judeus. Ninguém deve querer consumir o que for ordinário e indecente. O poder moral de discernir e recusar o que é torpe vem da liberdade de escolha, maturidade emocional, intelectual e espiritual. Nunca, porém, da censura e patrulhamento da nossa liberdade crítica. A Bíblia afirma, em diversas circunstâncias, que o evangelho não se propõe a coibir a liberdade das pessoas, mas a fornecer-lhes a capacidade de eleger o que for nobre em contraposição ao que é inconveniente:

Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convém. Todas as coisas me são lícitas; mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas. (1 Co 6:12)

A tese que proíbe as pessoas de irem ao cinema, por medo de que elas sejam maculadas, percam a fé e se desviem, assemelha-se ao argumento católico da Contra-Reforma, que proibia a leitura da Bíblia por temer que as pessoas se contaminassem com as teorias de Lutero. Rasgavam-se montanhas de Bíblias, queimavam-se livros não-católicos e perseguiram-se os evangelistas protestantes. Essa estratégia, contudo, é inócua. Primeiro, porque não se combate uma idéia simplesmente fugindo dela; as pessoas não caem da fé nem se desviam porque ouviram ou assistiram a uma heresia ou mentira; não é o que entra no homem que o contamina, mas o que sai do seu coração:

Não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem. (Mt 15:11)

O que nos influencia e nos seduz? A preocupação bíblica é muito mais com o que está no coração dos homens do que com as influências de fora. Assistir a um filme não significa compartilhar das "coisas do mundo". Ser mundano é ter uma atitude arrogante a respeito de si mesmo. O texto da carta de Paulo aos Romanos 12:1-3 fornece-nos luz:

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. **Porque, pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém, antes, pense com moderação segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um.** (O grifo é meu.)

Atente que não se moldar ao mundo não significa isolar-se da vida e de tudo o que existe na terra. O versículo três elucida que a essência do mundanismo consiste em termos uma noção inflada de nós mesmos. Empáfia espiritual é o que gera acomodação ao mundo. Ver uma exibição cinematográfica pode até trazer à tona a

podridão da alma - a escolha do filme já expressa essa corrupção -, mas não gera desvio moral.

Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. (Mt 15:18)

O desejo de Deus é que mantenhamos o altar de nossa vida intacto através de um coração contrito, uma vida *devocional* ardente, boas obras concretas e compromisso com a verdade e a justiça. Santidade não se resume em condenar quem viu *A Branca de Neve* e os *Sete Anões*, mas em rejeitar a arrogância. Abdicar a soberba espiritual seguramente é mais difícil que proibir cinema. Essa, talvez, seja a tentação do *legalismo*: encontrar um atalho na senda da santificação.

Nós, os cristãos evangélicos, assumimos um compromisso com a verdade. Toda verdade, venha de onde vier, deve ser sempre considerada divina. Um filme que exprima um enredo, trama ou ficção científica com conteúdos verdadeiros deve sempre receber o nosso aplauso. Quando, porém, contiver mensagens torpes, deverá ser desprezado e publicamente criticado. O argumento serve também para assuntos religiosos. Um pastor, ao pregar inverdades no púlpito de sua igreja, merece ser profeticamente denunciado. Ao proclamar verdades, entretanto, deve ser respeitado, ouvido e obedecido.

A igreja se enfraquece quando aceita a premissa de que deve acatar, sem questionar, tudo o que vier confeitado de religiosidade. Não de outra maneira, também se desalenta quando admite o postulado de que deve rejeitar, *a priori*, tudo o que vem de fora dos arraiais eclesiásticos. Essa experiência de proibir os crentes de se exporem à cultura tem demonstrado, na prática, ser totalmente inofensiva. Alguns dos pregadores mais severos e conservadores, que vociferavam nos púlpitos e em programas de televisão uma santidade extremada, caíram vergonhosamente em pecados grosseiros. Alguns que condenavam o cinema e sentenciavam maldições divinas para quem assistisse à comédia dos *Três Patetas* foram flagrados assistindo a *shows* pornográficos ao vivo. Seus escândalos patentearam que Deus não ordenou esse *legalismo*, que o Espírito Santo não age através de proibições e que ninguém cresce espiritualmente quando se isola da vida.

Capítulo 7

Você ouve música não-evangélica?

Sempre temi os boatos. Sendo uma pessoa pública, sei que não estou imune a eles. Há algum tempo fui vítima de um "boato verdadeiro". Pode parecer uma contradição, mas eu explico.

Recentemente, recebi uma visita em minha casa. Na sala, conversamos sobre vários assuntos em um clima de extrema cordialidade. Como acontece freqüentemente na casa dos pastores, o telefone tocou, interrompendo nossa prosa. Desculpei-me e fui atendê-lo. A pessoa que me ligava pediu ajuda e logo percebi que ficaria alguns minutos na linha. Da cozinha, com o telefone ao ouvido, acenei pedindo a compreensão de meu hóspede. Foi aí que observei meu suposto amigo evangélico contemplando a estante de nossa sala. Seus olhos estavam tingidos com um tom investigador; queriam bisbilhotar. Como minha conversa se converteu em um aconselhamento, concentrei-me no que falava, sem entender do visitante o porquê de seu enorme interesse por minha estante. Retornei à sala. Esperava um ambiente como o de outrora - cordial. Entretanto, o clima era constrangedor. Não entendi. Dois meses depois tudo se esclareceu.

Ele havia descoberto, entre os muitos CD's que possuímos, o nome de Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, e, tome o seu fôlego, Chitãozinho e Chororó. De minha casa saiu a espalhar para todos que quisessem ouvir: "O Ricardo Gondim ouve música do mundo".

Alguns amigos mais preocupados me aconselharam: "Cuidado com quem você convida para sua casa". Outros tentaram ajudar: "Ricardo, o melhor mesmo é você se desfazer desses discos, eles vão destruir a sua respeitabilidade nos círculos evangélicos". Não havia como desmentir, o boato era verdadeiro.

Recuso-me a jogar fora os meus discos; não me tornarei mais seletivo quanto às pessoas que visitam minha casa. Como não aceito viver uma realidade particular diferente da minha imagem pública, tentarei refletir o que significa música não-evangélica, ou "música do mundo".

A primeira pergunta que devemos fazer nesse assunto é: Uma pessoa não-convertida pode produzir o que for nobre, que leve à reflexão, divirta ou edifique? A

resposta obviamente é sim. Um erudito como Rui Barbosa, embora nunca tenha feito parte de uma igreja evangélica, escreveu artigos e ensaios sobre o direito e a cidadania tão dignos que servem de ilustração, inclusive, para um sermão. Um estadista, como Winston Churchill pôde nos brindar com um discurso tão verdadeiro, que todos, inclusive os pastores, devem aplaudir. Um poeta como Carlos Drummond de Andrade, embora um ateu professo, deixou-nos um legado poético espetacular.

A teologia da queda não propõe que os descendentes de Adão sejam incapazes de boas ações. A alienação do pecado não anula completamente a imagem de Deus nos homens. Todos os seres humanos, mesmo os mais vis, ainda carregam traços do Criador. Isto os habilita a praticar boas obras. A prostituta Raabe ajudou os espias em Jerico mesmo sem ter completo conhecimento de Jeová. Ciro, o rei da Pérsia, foi usado como instrumento de Deus, mesmo sem qualquer indício de que ele jamais tenha se rendido a Deus como Senhor de sua vida. Devemos nos lembrar do samaritano que ajudou o moribundo na beira do caminho entre Jerusalém e Jerico. Na concepção dos judeus, somente os verdadeiros filhos de Abraão seriam capazes de agir com dignidade. Porém, Cristo dá o troféu da bondade a um estranho. Mais tarde, Cristo afirma que os filhos das trevas são, muitas vezes, mais sábios que os filhos da luz (Lc 16:8). Deduz-se que um juiz não necessita converter-se para conduzir um tribunal com justiça. Um fiscal pode, mesmo nunca tendo experimentado o novo nascimento, manter-se íntegro. Um artista é capaz de pintar, compor, escrever ou esculpir obras de arte mesmo sem ter se submetido ao senhorio de Cristo.

Na história da humanidade houve grandes compositores que escreveram e nos encantaram com peças belíssimas. Muitos deles não eram cristãos convertidos. Mozart, Tchaikovsky, Beethoven, dotados de um gênio musical ímpar, não possuíam uma vida consagrada a Deus. A imagem do Criador neles é que transbordava em excelência musical. Michelangelo, Rodin, e tantos outros escultores conseguiram dar vida e significado às pedras brutas de mármore, metais contorcidos e blocos de granito, porque a "Graça Comum" habilitava-os. Arquitetos, romancistas, decoradores, pintores e tantos outros homens e mulheres presenteiam-nos constantemente com suas obras de arte, porque Deus faz com que sua graça seja derramada tanto sobre os justos como sobre os injustos.

Quando alguém declara que não ouve "música do mundo", está afirmando que não reconhece nenhuma pessoa, a não ser os convertidos, com a capacidade de produzir um texto, uma música ou qualquer expressão artística louvável. Essa posição é no mínimo incoerente. Pois essa mesma pessoa lê jornais, revistas, ouve o noticiário e, na escola, estuda através de livros escritos por pessoas não-cristãs.

Fernando Pessoa foi, seguramente, o maior poeta da língua portuguesa. Suas poesias expressam sentimentos, angústias e perplexidades. Ele foi genial. Sem nunca professar fé em Deus, transmitiu com formosura o que há de mais divino nos seres humanos: nossa capacidade criativa. Não lê-lo não significa santidade, mas limitação intelectual. Seu poema *Mar Português* contém valores sublimes. Com beleza e verdade, Pessoa nos comunicou coragem e magnificência:

Ó mar Salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Torna-se necessário entender um pouco sobre a música; como ela nasce no coração do artista e quais os seus componentes. Uma música contém letra e melodia; é poesia cantada. Assim como há lindas músicas compostas por não-cristãos (Villa Lobos, Tom Jobim), há poesias escritas por pessoas não-convertidas, igualmente belíssimas. Cecília Meireles escreveu uma poesia sobre Deus com uma sensibilidade impressionante; novamente os lampejos da imagem de Deus e da graça comum são percebidos nos versos bem alinhados de sua obra:

Falai de Deus com a clareza
da verdade e da certeza:
com um poder

de corpo e alma que não possa
ninguém, à passagem vossa,
não o entender.

Falai de Deus brandamente,
que o mundo se pôs dolente,
tão sem leis.

Falai de Deus com doçura,
que é difícil ser criatura:
bem o sabeis.

Falai de Deus de tal modo
que por Ele o mundo todo
tenha amor

à vida e à morte, e, de vê-Lo,
o escolha como modelo superior.

Com voz, pensamentos e atos
representai tão exatos
os reinos seus,
que todos vão livremente
para esse encontro excelente.
Falai de Deus.

Há uma segunda questão a ser abordada quanto a "música do mundo". Diz respeito aos temas que ela aborda. O que faz uma música sacra é quando ela se restringe a assuntos espirituais? Ou se limita a louvar diretamente a Deus? A resposta também é *não*. Uma música para ser sagrada não necessita limitar-se em louvar a Deus ou versar sobre assuntos espirituais. A Bíblia contém um livro, Ester, que não trata diretamente de Deus (sequer o menciona), mas deixa sua presença implícita por todo o texto. Em Ester, Deus é louvado na história do comportamento dela como rainha, comportamento que se mostrou fundamental na preservação do povo judeu. A pureza do texto vem do tema que ela trata. Tudo o que engrandece a humanidade, enriquece o espírito, leva à reflexão da verdade ou faz questionar os valores da vida é digno. Na determinação da sacralidade de uma obra não há um imperativo de que se dirija sempre a Deus.

Fernando Pessoa, como fosse muito avesso ao catolicismo português, trata o tema da religiosidade com desdém. Entretanto, quando escreve sobre temas variados, ele nos leva, até sem querer, a meditar na grandeza de Deus:

Padrão

O esforço é grande o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areai moreno
E para diante naveguei.
A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão sinala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.
Ao imenso e possível oceano
Ensinam estas quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego e romano:
O mar sem fim é português.
E a cruz ao alto diz que o que me há na alma
E faz a febre em mim de navegar,
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.

A própria Bíblia contém um livro de adágios populares -Provérbios - e nós o reputamos por sagrado. Embora o cânon tenha estabelecido que Salomão o compilou, Provérbios contém máximas que o povo judeu tinha como verdadeiras. Muitos dos conselhos deste livro canônico não tratam de nosso relacionamento com Deus, mas dos devedores, com os verdadeiros e falsos amigos e com nossos pais. Ora, mesmo abordando temas do cotidiano da vida e contendo adágios populares, Provérbios é sagrado.

Pouco conheci meu avô. Quando cheguei à minha adolescência, ele já estava contaminado pelo câncer. Quando penso nele, facilmente posso recordar seu lamento e gemido que nas madrugadas ecoavam pela casa, amedrontando meu sono. Lembro-me dele como um homem sofrido, carcomido por um tumor maligno que o matou aos poucos. Tudo o mais que sei do vovô José Gondim me foi contado pelas minhas tias e mãe.

Era um intelectual da boêmia. Embora não tenha cursado mais que a terceira série primária, fazia parte das rodas de cerveja dos primeiros sociólogos de Fortaleza. Disciplinadamente venceu suas limitações escolares através do autodidatismo. Apaixonou-se pela causa política e tornou-se um dos fundadores do P.C.B. no Ceará. Infelizmente, em detrimento de sua família. Meu avô literalmente abandonou sua enorme família à própria sorte. Foi um péssimo pai, um marido displicente e um mau provedor financeiro da sua casa. Devido aos seus incontáveis porres, minha avó sofreu horrores para cuidar e educar minha mãe, três irmãs e um irmão caçula. Hoje, meu avô produz em mim emoções ambíguas, tenho profunda compaixão de seus sofrimentos finais, reprovo-o por ter feito minha avó sofrer tanto, mas também o admiro pela sua intelectualidade intuitiva.

Meu avô me ensinou muito. Ele era um homem de adágios, gostava de me dar lições de moral usando provérbios. Embora agnóstico e muito arredio aos assuntos religiosos, contribuiu para minha formação. Ainda posso achar nos porões empoeirados de minha memória vestígios de frases que ele me legou e que me acompanharão pelo resto da vida: "Ricardo, nunca tenha a filosofia do 'viva o luxo e morra o bucho'". Queria que eu aprendesse que ninguém deve viver de aparências para com os de fora ao preço de deixar faltar o essencial na mesa. Às vezes ele me admoestava: "Não fique esperando por quem não ficou de vir". Era seu jeito maroto de me ensinar a não depositar minhas esperanças em quem não merecesse minha confiança.

Assim como eu aprendi do meu avô ateu, todo cristão poderá mencionar algum incrédulo que foi de grande influência em sua formação moral, profissional ou sentimental. Às vezes, um professor, um vizinho ou mesmo nossos pais, nos ensinam verdades e princípios essenciais para a vida. Depois de convertidos não podemos descartar essa herança que nos foi deixada e que contribuiu para nossa maturidade.

Carlos Drummond de Andrade era ateu, e talvez jamais tenha colocado os seus pés em uma igreja evangélica. Sua pena magistral, entretanto, conseguiu levar as pessoas a refletir sobre verdades da vida. É verdade que ele não inspirou a ninguém a conhecer Jesus como Salvador. Todavia, sem querer até, transmitiu réstias da luz divina. Qual a nossa postura com respeito a ele? Devemos ouvir quando ele fala sobre a vida, refletir sobre os conteúdos que ele nos comunica e entender a situação espiritual em que ele se encontrava quando nos transmite sua angústia sobre Deus, sempre admirando seu brilhantismo.

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.

Tempo de absoluta depuração.

Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Por que o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E coração está seco.
Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.

Assim como a sabedoria do povo ou a pena do poeta expressam verdades eternas, as manifestações de amor dos enamorados também podem exprimir os vestígios do caráter de Deus que ainda existem em todos os seres humanos. O que dizer do livro de Cantares de Salomão? Embora haja um esforço muito grande de espiritualizar o livro de Cantares querendo que ele signifique o relacionamento de Deus com o seu povo, ou de Cristo com a Igreja, sua verdadeira intenção, que fica explícita em todo o livro, é celebrar o amor de um homem e de uma mulher.

Tomemos o exemplo do capítulo quatro de Cantares. Os primeiros cinco versículos são cantados pelo noivo que está fascinado pela beleza da noiva:

Como és formosa, querida minha, como és formosa. Os teus olhos são como os das pombas, e brilham através do teu véu. Os teus cabelos são como o rebanho de cabras que descem ondeantes do monte de Gileade. São os teus dentes como o rebanho das ovelhas recém-tosquiadas, que sobem do lavadouro, e das quais todas produzem gêmeos, e nenhuma delas há sem crias. Os teus lábios são como um fio de escarlata, e tua boca é formosa; as tuas faces, como romã partida, brilham através do véu. O teu pescoço é como a torre de Davi, edificada para arsenal; mil escudos pendem dela, todos broquéis de valorosos. Os teus dois seios são como duas crias, gêmeas de uma gazela, que se apascentam entre os lírios.

Será que os versículos acima são de louvor a Deus? Não. Eles falam exclusivamente sobre o relacionamento de noivos apaixonados. Por que então são sagrados? Porque o amor dos enamorados é bonito e deve ser celebrado na presença de Deus. O amor, inclusive o erótico, foi uma dádiva preciosa da Deus. Infelizmente nutrimos uma concepção católica medieval ou protestante vitoriana de que o sexo sem

a função de procriar é pecaminoso. Varremos para debaixo do tapete do pieguismo religioso todo e qualquer assunto relacionado ao desejo sexual. Coramos de vergonha e não admitimos que temos libido. Desta forma, deixamos o romantismo para os boêmios e seresteiros. Tornamos nossa vida cristã seca e distante do projeto de Deus de fazer-nos felizes e alegres em tudo o que ensejarmos.

Lembro-me de uma ocasião em que eu estava presente em uma igreja que acabara de comprar um teclado. Primeiro, o pastor discorreu sobre o sacrifício necessário para adquirir aquele instrumento musical. Depois chamou o grupo de louvor da igreja e fez com que todos prometessem diante da congregação que dali nunca sairiam músicas que não fossem de louvor e adoração a Deus. Com o semblante transparecendo extrema contrição, todos juraram que aquele instrumento nunca seria usado para tocar "música do mundo". Tudo pareceu muito santo. Todavia, meu pensamento imediato foi: "Para serem coerentes com o que prometem agora, eles nunca poderão compor qualquer música baseada no livro de Cantares de Salomão. Um filho jamais poderá tocar uma música sobre seu pai ou mãe. Em nenhum casamento se ouvirá qualquer canção sobre o amor. Se esses jovens tocarem 'Parabéns prá você', já terão quebrado esse voto".

Há diferença entre o tema central de Cantares de Salomão e uma letra de música como a que Chico Buarque de Holanda escreveu para a Carolina?

Carolina
Nos seus olhos fundo
Guarda tanta a dor
A dor de todo este mundo
Eu já lhe expliquei que não vai dar
Seu pranto não vai nada mudar
Eu já convidei para dançar
É hora, já sei, de aproveitar
Lá fora, amor
Uma rosa nasceu
Todo mundo sambou
Uma estrela caiu
Eu bem que mostrei sorrindo
Pela janela, ói que lindo
Mas Carolina não viu.
Carolina
Nos seus olhos tristes

Guarda tanto amor
O amor que já não existe
Eu bem que avisei, vai acabar
De tudo lhe dei para aceitar
Mil versos cantei para lhe agradar
Agora não sei como explicar
Lá fora, amor
Uma rosa morreu
Uma festa acabou
Nosso barco partiu
Eu bem que mostrei a ela
O tempo passou na janela
Só Carolina não viu.

Música é poesia com melodia. Chico Buarque é seguramente o maior poeta-músico do Brasil. Suas músicas são de uma riqueza literária impressionante, uma sensibilidade musical única e repletas de sentimentos genuínos. Quando ele escreveu Roda Viva (1967) tocou no âmago do que significa cair na monotonia de uma vida que anda em ciclos, sem propósito:

Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu
A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda viva
E carrega o destino pra lá
Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração
A gente vai contra a corrente
Até não poder resistir
Na volta do barco é que sente
O quanto deixou de cumprir
Faz tempo que a gente cultiva

A mais linda roseira que há
Mas eis que chega a roda vida
E carrega a roseira pra lá.
Roda mundo (etc.)
A roda da saia, a mulata
Não quer mais rodar, não senhor
Não posso fazer serenata
A roda de samba acabou
A gente toma a iniciativa
Viola na rua, a cantar
Mas eis que chega a roda viva
E carrega a viola pra lá
Roda mundo (etc.)
O samba, a viola, a roseira Um dia a fogueira queimou
Foi tudo ilusão passageira
Que a brisa primeira levou
No peito a saudade cativa
Faz força pro tempo parar
Mas eis que chega a roda vida
E carrega a saudade pra lá. Roda mundo (etc.)

Chico Buarque fez também música denunciando a vida sofrida e a morte de pedreiros (Construção), o poder autoritário dos militares (Cálice). Sua formidável tradução de uma letra da ópera de Dom Quixote de La Mancha, *Sonho Impossível*, deve ser lida como uma das raras peças literárias que se incorporaram ao nosso cancionero popular brasileiro:

Sonhar
Mais um sonho impossível
Lutar
Quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender
Sofrer a tortura implacável
Romper a incabível prisão
Voar num limite improvável
Tocar o inacessível chão

É minha lei, é minha questão
Virar esse mundo
Cravar esse chão
Não me importa saber
Se é terrível demais
Quantas guerras terei que vencer
Por um pouco de paz
E amanhã, se esse chão que eu beijei
For meu leito e perdão
Vou saber que valeu delirar
E morrer de paixão
E assim, seja lá como for
Vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão.

Chegamos à doce conclusão de que toda produção literária - romance, poesia, crônica, contos, etc. - é válida. Independente de quem as escreveu. Caso seus conteúdos forem dignos, elas devem ser consumidas por todos, inclusive os crentes.

Há músicas que enaltecem a natureza, outras que celebram o amor, outras que indagam sobre o sentido da vida. Há aquelas que lamentam um amor não correspondido, muitas que enaltecem uma musa ou um herói. Há músicas que glorificam a Deus, incentivam a oração, evangelizam, promovem o amor dos irmãos. Algumas, também, festejam a queda dos inimigos. Todas são válidas para o propósito que foram escritas e fazem sentido quando se restringem ao seu ambiente propício.

Seria tolice alternar nossos louvores a Deus com músicas de Caetano Veloso. Mas também não faz sentido um namorado cantar uma serenata para sua querida, entoando Castelo Forte, de Lutero. Já estive em acampamentos onde os jovens planejam uma serenata para as moças e na hora de escolher as músicas sempre há tensão. Alguns chegam a entrar em crise. Querem cantar para as meninas e não sabem como escolher as músicas dentre o repertório evangélico. Todas as "músicas evangélicas" louvam a Deus e fazem todo sentido do mundo dentro de um templo, mas não no alpendre de um sítio às duas horas da madrugada. A tensão se acirra quando, impossibilitados de escolher uma "música evangélica" para as meninas, precisam apelar para as músicas populares. Nesse momento surge o dilema: "Eu não posso cantar 'música do mundo'".

No aniversário de meus 43 anos, o Tony, irmão querido da Betesda, contratou um grupo chamado de *Trovadores Urbanos* para me presentear com uma serenata. Terminávamos o culto quando eles marcharam igreja a dentro cantando músicas românticas. Até a última oração nossa atenção era para com Deus, agradecendo a ele pelo meu maior presente, a vida. Depois que salmodiamos a Deus passamos a cantar sobre a vida, sobre o amor e sobre o que faz a vida que Deus nos deu ser tão bonita.

Os *Trovadores Urbanos* nos ajudaram a entoar "Carinhoso", de Pixinguinha, "Eu sei que vou te Amar", do Vinícius de Moraes, e tantas outras músicas bonitas. Ninguém sentiu que feriu a Deus, ou que "dessacralizamos" o ambiente de culto. Naquele momento estávamos celebrando a vida e Deus estava satisfeito. A Bíblia nos ensina a reverenciar a vida e aproveitar cada instante, porque a vida é feita de momentos, só de momentos.

Então exaltei eu a alegria porquanto para o homem nenhuma coisa há melhor debaixo do sol do que comer, beber e alegrar-se; pois isso o acompanhará no seu trabalho nos dias da vida que Deus lhe dá debaixo do sol. (Ec 8:15)

Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho, pois Deus já de antemão se agrada das tuas obras. Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes, e jamais falte o óleo sobre a tua cabeça. Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias de tua vida fugaz, os quais Deus te deu debaixo do sol; porque esta é a tua porção nesta vida pelo trabalho com que te afadigaste debaixo do sol. (Ec 9:7-9)

Neste momento sinto que devo passar a palavra ao Vinícius de Moraes. Como um profeta secular, ele nos ensina a fugir da pior solidão que existe. Aquela que se fecha, que teme se expor à alegria e ao amor. Infelizmente aprendemos um cristianismo muito disciplinadamente contido por regras, mas sem espaço para a alegria. Vivemos uma religiosidade fechada e triste.

Não, a maior solidão é a do ser que não ama. A maior solidão é a do ser que se ausenta, que se defende, que se fecha, que se recusa a participar da vida humana. A maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo, no absoluto de si mesmo, e que não dá a quem pede o que ele pode dar de amor, de amizade, de socorro. O maior solitário é o que tem medo de amar, o que tem medo de ferir e de ferir-se, o ser casto da mulher, do amigo, do povo, do mundo. Esse queima como lâmpada triste, cujo reflexo entristece também

tudo em torno. Ele é a angústia do mundo que o reflete. Ele é o que se recusa às verdadeiras fontes da emoção, as que são o patrimônio de todos, e, encerrado em seu duro privilégio, semeia pedras do alto de sua fria e desolada torre.¹

Muitas vezes somos impedidos de ouvir e fruir muitas músicas populares devido aos nossos preconceitos. Por outro lado, o oposto também é verdadeiro. Consumimos muito lixo, porque nos foi imposto com uma roupagem evangélica. Devido ao simples fato de uma música falar em Deus, abordar temas sobre a dimensão sobrenatural não significa necessariamente que aquela música seja sacra ou evangélica.

Conheço muitas músicas que são pobres em seus conteúdos doutrinários, eivadas de erros de português, compostas por impulsos meramente comerciais. Será que poderíamos classificá-las como sagradas?

Isso nos leva a perguntar mais uma vez: O que faz uma música evangélica? Que o cantor e o compositor sejam convertidos? E se o guitarrista, ou o baterista não for evangélico? Se o sonoplasta, que está no controle da mesa de som, não for nascido de novo? Alguns ficariam surpresos em saber que a gravação da maioria dos CD's evangélicos tem uma participação mínima de crentes. Muitas vezes apenas o cantor é convertido, mas toda a banda musical é composta de homens com uma vida alheia a Deus. Isso já não seria suficiente para tachar aquele empreendimento musical como do mundo? Há muitas gravadoras que estão lançando discos com intuito de ganhar dinheiro. Há muitos cantores que nem se lembram mais porque cantam, querem apenas ficar famosos e lucrar muito. Sempre "cantando para o Senhor".

Devemos cuidar para não desenvolvermos um conceito de santidade que Deus não pede e, pior, nós mesmos não conseguimos efetivá-lo. Caso contrário, acabamos como os fariseus, atando jugos pesados demais nas pessoas e nós mesmos não podemos arcar com todas as conseqüências de nossas escolhas.

A questão dos ritmos

Mas o que dizer dos ritmos? Não seria o rock demoníaco? Não há ritmos que induzem a um frenesi tão alucinante que as pessoas perdem total controle de seus atos? Não teria o rock nascido da cultura das drogas?

Estou seguro de que a melodia, harmonia e ritmo, que se constituem como os elementos básicos da música, são amorais. Nenhum ritmo é santo ou mundano. O uso que se faz deles é que pode adquirir conotações éticas.

Entendamos primeiramente os três principais ingredientes da música: a melodia, a harmonia e o ritmo. A melodia é um desenvolvimento da língua com a acentuação das

palavras; na harmonia encontramos o elemento responsável pelo desenvolvimento da arte musical; o ritmo é a base e o fundamento de toda expressão musical. O ritmo disciplina as formas mais desenvolvidas da arte musical, impondo suas leis à expressão desordenada.

Os fenômenos resultantes da cooperação com melodia, harmonia e ritmos são as consonâncias e as dissonâncias. Acusa-se, por exemplo, o rock de ser uma música demoníaca por permitir uma prioridade das dissonâncias. "Essa acusação é fruto de mero preconceito; não existe música de valor sem as dissonâncias. A própria definição do que seja uma coisa ou outra varia muito. Na Idade Média os europeus consideravam dissonantes certos acordes que parecem perfeitamente consoantes ao ouvinte moderno. Essas diferenças ainda são muito maiores quando se compara a música européia (e americana) com a indiana ou chinesa, diferenças que chegam até a incompreensão mútua".²

Já existem inúmeros ritmos catalogados. Desde os tempos mais antigos, eles nascem na cabeça dos músicos e vão transformando-se à medida que novas gerações vão dando continuidade àquele conceito musical. A música mais conhecida no Brasil é o samba; nos Estados Unidos é o jazz cheio de improviso; na Índia é a música védica, que não tem compasso no sentido ocidental; no Caribe a rumba e o merengue são repletos de ritmos binários; na Alemanha existe a valsa, cultivada desde os membros da família de Strauss; na Itália há a tarantella; em Portugal o fado, cujo romantismo vem dos mouros. Na Argentina, o tango de compassos precisos tomou conta do mundo na voz de Carlos Gardel. Nenhum destes ritmos tem valores éticos em si mesmos e nenhum deles é mais ou menos apropriado para um cristão. Eles podem perfeitamente compor uma música sacra.

Quando nos desvencilhamos de nossos preconceitos e aprendemos a fazer diferença entre o que gostamos e o que é certo, amadurecemos. A beleza deve ser celebrada, e o cristão necessita de maturidade para desfrutá-la.

Notas

1 MORAES, Vinícius de. *Para Viver um Grande Amor - Crônicas e Poemas*. São Paulo: Cia. das Letras, p. 182.

2 *Enciclopédia Britânica do Brasil*. Mirador, Tomo 15, verbete 'Música', 1990.

Capítulo 8

Uma teologia do esporte e lazer

A manhã ensolarada daquele acampamento de carnaval já começara quente. Tanto o clima como o ambiente espiritual aproximavam-se do ponto de fervura. Há três dias estávamos em retiro espiritual. Jovens e adultos de várias idades haviam decidido passar aquele final de semana estudando a Palavra de Deus, orando e, claro, brincando. A cada culto sentíamos mais real a presença de Jesus. Já experimentáramos momentos de contrição, arrependimento, intercalados com deliciosas explosões de júbilo espiritual. Depois do estudo da manhã, em que todos oramos, meditamos e discutimos um texto da Bíblia, nos dispersamos para momentos de lazer.

Entrei jogando de ponta esquerda em um dos times que se formaram para disputar um pequeno torneio. Depois de quinze minutos da primeira partida, nossa equipe perdia de cinco a dois. Eu e os outros, aos gritos, nos encorajávamos mutuamente, tentando reverter o placar desfavorável. Ao longe ouvíamos o barulho das crianças na piscina. Vez por outra corria para dentro de nossa quadra a bola de vôlei do jogo das meninas. Vinha de um campo, com uma rede improvisada, bem vizinho ao nosso. A bola sempre era devolvida com um gracejo dos rapazes, que aproveitavam a ocasião para um galanteio.

De repente, quando levantei os meus olhos, vi que um jovem passara pelo portão de entrada do acampamento e vinha entrando. Os ponteiros do relógio marcavam quase meio-dia, e estávamos sob um sol escaldante, mas aquele jovem vestia paletó e gravata. Trazia a Bíblia encostada ao peito. De nariz empinado, seu caminhar lembrava soldados marchando no dia da independência. Obstivamente vinha em minha direção, sem qualquer jogo de cintura. Imediatamente, discerni a missão daquele jovem. Ele queria me exortar. Larguei o jogo. Suado e com as pernas trôpegas de um atleta de fim de semana, caminhei em sua direção.

Encontramo-nos na metade do caminho entre a quadra e o portão do sítio. Os jogos foram interrompidos nos dois campos. Houve silêncio. Eu tomei a iniciativa e o saudei: "A Paz do Senhor". Ele retrucou, enfezado: "O irmão tem paz?" Não respondi.

Indaguei o motivo de sua visita ao nosso acampamento. Assumindo ares proféticos, começou a me exortar: "Vim para lhe dizer que o Supremo Pastor vai lhe cobrar esta carnalidade". Suas frases pareciam ensaiadas, ele falava como se estivesse repetindo sentenças já prontas há uma semana: "Saiba que o irmão vai prestar contas por cada ovelha que está ajudando a se desviar. Ao invés de jogar, por que não estão evangelizando?", fuzilou.

Deixei que ele falasse durante alguns minutos. Ainda cansado, sem fôlego, perguntei-lhe se ele era membro de nossa igreja. Respondeu-me que não. Então o aconselhei a se preocupar com os pecados e o mundanismo da congregação dele. Firme, sem ser áspero, concluí: "Você está em casa alheia, e na casa dos outros não devemos nos meter". Educadamente pedi -lhe que se retirasse de nossa chácara, pois ele não fora convidado e sua visita inesperada estava atrapalhando o nosso jogo. Maroto, disse-lhe rindo que eu estava perdendo o jogo e tinha que voltar logo para ganhar de virada.

Em alguns círculos evangélicos há uma doutrina que considera a prática dos esportes como mundana. Os jovens são proibidos de se envolverem em qualquer atividade lúdica. Algumas igrejas proíbem os seus membros de jogar bola, soltar pipa, brincar com bolas de gude ou bonecas. Qualquer entretenimento ou lazer é rotulado como atividade carnal; pura perda de tempo. "Não podemos alimentar a carne", pontificam os pregadores dos púlpitos. "Antes de gastar tempo com atividades inúteis, devemos nos preocupar com a oração e evangelização", insistem. Brincar de bonecas? "Nem pensar", afirmam. "E idolatria". Já estive em uma conferência onde ouvi um ancião afirmar que não tolerava que os pastores e evangelistas passeassem. Nervoso, argumentava: "A única pessoa que passeou na Bíblia foi o diabo, no livro de Jó".

Aconselhei uma moça que saiu da igreja quando completou dezenove anos de idade. Segundo ela, foi o ano de sua independência. Quando chegava em casa, cansada de um dia exaustivo no colégio e ligava a televisão para alguns momentos de lazer, imediatamente ouvia da mãe: "Desliga essa 'caixa do diabo' e vai ler a Bíblia". No momento que telefonava para a amiga, repetia-se a mesma ladainha: "Menina, deixa de tolice e vai orar". Se pedisse para sair para um passeio na calçada do parque ou da praia, ouvia o pai ou a mãe gritar: "Vai se converter, menina". Fuzilando-me com um olhar de mágoa, essa filha de presbítero desabafou comigo: "Eu odeio ter que amar a Deus".

Esta talvez seja a proibição dos legalistas que mais afastou jovens das igrejas. Vendo seus amigos brincarem depois das aulas e proibidos de sair de casa, muitos

moços se revoltaram contra a igreja e hoje não toleram sequer ouvir falar no Evangelho. Associaram orar e ler a Bíblia a castigo.

Pior, desenvolveram uma concepção rancorosa de Deus. Para esses jovens, ele é um enorme estraga-prazeres, que arbitrariamente nega toda e qualquer atividade divertida. J. B. Phillips afirmava que a imagem mental que constróem de Deus é de um enorme Desapontamento. ¹

Uma teologia do descanso

Esse legalismo é oriundo de algumas distorções teológicas. A primeira dessas distorções, diz respeito à administração do nosso tempo. Será que Deus quer mesmo que gastemos todo o nosso tempo orando e evangelizando? Brincar e divertir-se ao invés de visitar os encarcerados é preguiça? Conquanto muitos afirmem que sim, as Escrituras ensinam o contrário.

Comecemos pelo "shabath". Deus planejou que nossos dias não se resumissem em trabalhar sempre. Uma parada para o descanso deveria ser programada. O mandamento foi claro: "Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou: por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado, e o santificou" (Êx 20:9-11).

Em tempo algum Deus quis que trabalhássemos ininterruptamente. Ativismo. Este é o nome que se dá ao vício do trabalho contínuo.

O conceito do sábado como dia de descanso está relacionado não a um dia específico da semana, que convencionalmente se chama de sábado, mas à virtude de saber parar. Muitas vezes, o legalismo gera uma compulsão de produzir, produzir e nunca estar satisfeito. Já que nesse sistema a aceitação das pessoas se dá mediante seu desempenho religioso, o legalista se propõe a trabalhar até a exaustão. Quando, esfolegado, termina suas 'obrigações', continua sentindo que nada fez.

Certa vez ouvi um pastor se gabando diante de seus colegas de ministério: "Há seis anos que não passo uma noite em casa. Todos os dias tenho alguma atividade na igreja. Trabalho mais de dezesseis horas todos os dias da semana". Querendo nos impressionar, causou uma má impressão de si. Pensei: "Eu odiaria ser filho deste homem". Imagino como deve ser tensa a sua mulher, e como esse lar empobreceu com tamanho fardo. Deus deseja que tenhamos tempo para descansar, retomar o ritmo de nosso coração.

Salomão nos ensinou em Eclesiastes 3:1-8 que há tempo para tudo. E no ordenamento de nossas prioridades que descobrimos a beleza da vida. Muitas vezes invertemos as prioridades e acabamos nos violentando. Há tempo de nascer e tempo de morrer. Isto está estabelecido desta maneira para que nunca nos vejamos eternos e com o sentimento que podemos continuar correndo sempre. Há tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou, para que nos lembremos que voltar atrás não é sempre uma derrota. Tempo de matar e tempo de curar, para que saibamos ser cuidadosos com nossos relacionamentos. Tempo de edificar e tempo de derrubar, para que nunca imaginemos que nossos empreendimentos são perenes. Tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria, para que a vida não seja só de celebração ou só de lamento.

Há tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar as pedras, para que não nos abatamos com os revezes da vida. Tempo de abraçar e tempo de não abraçar, assim não nos lançaremos em fossos profundos quando formos contrariados em nossos afetos. Tempo de ter e tempo de perder; os que amam devem se preparar para o risco de deixar o objeto de seu amor partir. Tempo de guardar e tempo de jogar fora; não olvidemos que há uma hora em que devemos economizar e há a hora de ser pródigo. Tempo de rasgar e tempo de coser, já que nossas ligações aqui na terra são todas fragilizadas pela nossa natureza temporal.

Tempo de estar calado e tempo de falar; há uma hora em que o sábio se cala, mas há também uma hora em que o ousado se manifesta. Tempo de amar e tempo de aborrecer, pois nisso consiste a verdadeira sabedoria: amar o que é amável e odiar o que é detestável. Tempo de guerra e tempo de paz, para aprendermos a não nos desgastarmos guerreando quando é tempo de estar em paz em nossa própria casa.

Há, sim, momentos de não se fazer nada. Nessas horas é mais espiritual brincar com o filho, rolando na grama ou na sala da casa do que 'bravejar' palavras religiosas numa plataforma de cruzada evangelística. Levar a filha adolescente para tomar um sorvete ou passear no parque com a família pode ser uma devocional mais eficaz que o círculo de oração imposto. A verdadeira espiritualidade consiste em saber discernir esses momentos. Nossa santidade consiste em integralizar nossa vida para a glória de Deus e não dividi-la em departamentos distintos.

Jesus, que sabia viver cada momento intensamente, compareceu à festa das Bodas de Caná (Jo 2) para simplesmente estar na festa. Não é correto espiritualizar o texto. Ele não estava ali para realizar o prodígio da transformação de água em vinho. Queria apenas participar da celebração e da alegria dos noivos. No decurso da festa, houve necessidade do milagre; contudo, ele deixou claro que seus planos originais

não incluíam iniciar seu ministério logo ali. O milagre veio como resultado de sua compaixão na circunstância constrangedora que se desenvolveu.

A vida de muitos crentes já se transformou em uma verdadeira paranóia. Não conseguem estar em qualquer ambiente ou se engajar em qualquer atividade que não seja "espiritual". Não relaxam nunca. Sentem que devem evangelizar sem se importarem com a oportunidade da hora. Às vezes, tornam-se impertinentes, e ao invés de atraírem as pessoas para a luz, acabam afastando-as definitivamente. Se não se libertarem desse ciclo vicioso envelhecerão precocemente, detonarão a mocidade de seus filhos e transformarão a vida cristã em uma masmorra sombria.

Podemos separar a vida em departamentos?

Eu e alguns pastores estávamos hospedados em um determinado hotel onde estava sendo realizado um grande congresso de vida cristã. O culto terminara e, cansados, nos reunimos na sala de televisão para assistirmos à final do Campeonato Brasileiro de Futebol que, devido à tabela mal feita e para nossa alegria, acontecia na quarta-feira. Assistimos ao fim do primeiro tempo e aos melhores momentos do intervalo. Aos quinze minutos da segunda metade do jogo, fiz este comentário: "Semana que vem a seleção brasileira joga em São Paulo". Virei-me para um dos pastores que vinha torcendo conosco e o convidei: "Vamos ao jogo?" Ele ruborizou a face e começou a tremer o músculo do canto da boca, tão nervoso que ficou. Sua resposta ao meu convite transmitiu o que ele pensava: "E se Jesus voltar na hora que estivermos no estádio?" Aquele pastor não via grandes problemas em assistir ao jogo de futebol pela televisão. Entretanto, não conseguia se imaginar na arquibancada do estádio, vendo o mesmo evento. Tinha medo de ser deixado no arrebato. Por quê?

Esse medo vem de uma concepção errônea de que nossas atividades ou os espaços que freqüentamos se dividem em atividades espirituais e carnis.

Se perguntássemos em muitas igrejas qual atividade é mais espiritual: jogar bola ou orar, evangelizar ou celebrar um aniversário? Se perguntássemos o lugar mais sagrado: a igreja ou a sala de nossa casa? Uma piscina ou um batistério? Muitos responderiam com certeza que é mais espiritual orar e evangelizar. Que o templo e o batistério são mais sagrados. Será?

As Sagradas Escrituras não afirmam que devemos considerar algumas atividades mais espirituais que outras. Ou que haja espaços mais santos que outros - lembremos de que Deus não habita em templos feitos por mãos humanas. O apóstolo Paulo, pelo contrário, ensina que em toda nossa vida, quer comamos, bebamos, ou façamos qualquer outra coisa, devemos fazer tudo para a glória de Deus (1 Co 10:31). A sacralidade de um espaço físico é determinada pelas pessoas e suas atitudes naquele

lugar. O lugar em si não é puro ou impuro. Para o cristão, todas as experiências são igualmente espirituais, quando vividas em integridade diante de Deus. O que determina ou não a validade de nossas ações ou dos espaços que freqüentamos é como escolhemos vivê-las ou viver nelas.

Na hora da ceifa, o filho que dorme é uma vergonha (Pv 10:5). Na hora da oração não se deve trabalhar, afadigando-se desnecessariamente como Marta (Mt 10:38-42). Deus mostrou a Moisés, momentos antes de abrir o mar Vermelho, que há horas em que não se deve orar, é melhor marchar (Êx 14:15). Jesus chamou seus discípulos à parte para que descansassem, porque há momento em que devemos apenas descansar, trabalhar seria inconveniente (Mc 6:31). É a percepção dessas horas que torna nossa espiritualidade integral e agradável a Deus.

Seria totalmente inoportuno para um noivo abandonar a fila de recepção de seu casamento para estar cantando hinos de "guerra espiritual" com os seus amigos. Não que cantar hinos a Deus seja condenável; é que naquele momento não seria propício. Apressar um culto evangelístico para assistir a um jogo de futebol denotaria que a pessoa tem sérios problemas com suas prioridades. Constitui-se uma insensibilidade terrível deixar de celebrar a festa de aniversário de um filho por anos seguidos porque a agenda está sempre lotada. Há também o oposto. Pastores e líderes religiosos que, baseados nesse conceito, não trabalham nunca. Passam dias e dias de pijama em casa, esperando para pregar um sermão dominical, quando deveriam estar batalhando pelas vidas de seu rebanho.

A busca de uma espiritualidade desencarnada e removida do mundo fez parte de algumas ordens monásticas e acabaram redundando em nada. Logo, os próprios monges perceberam que a experiência de isolamento do mundo era estéril e incapaz de gerar uma genuína santidade. Os chamados Pais do Deserto, monges do terceiro e quarto século, cuidaram de incorporar o trabalho às suas atividades monásticas, porque buscavam uma agenda mais diversificada para melhor cultuar a Deus.

Assistir ao jogo pela televisão em um saguão de hotel não pode ser mais aceitável que nas arquibancadas do estádio. A sala de minha casa não é mais sagrada que o estádio - talvez seja mais segura, mas não é mais santa. Meu comportamento em um e noutro lugar é que determinarão sua pureza. Um mesmo espaço pode servir tanto para abrigar uma igreja como um restaurante. Cultos podem acontecer em teatros e em templos com a mesma unção. A presença de Deus pode ser cultuada em qualquer lugar, desde que a atitude do coração esteja correta.

Quando a mulher samaritana confrontou Jesus sobre um problema teológico que a perturbava, ela representava uma atitude muito comum naqueles dias e nos dias de hoje. Os samaritanos rejeitavam a construção do templo na cidade de Jerusalém e

mantinham-se fieis à antiga tradição de que Deus sempre se manifestava em montes. Percebendo que Jesus era versado nas Escrituras, ela expôs sua dúvida: "Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar". Jesus foi taxativo em sua resposta: "Mulher, podes crer-me, que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis, nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora, e já chegou, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade" (Jo 4:21-24).

Por que o exercício físico é de pouco proveito

Para justificar sua posição contra a prática de esportes, há aqueles que buscam textos como 1 Tm 4:8:

Pois o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser.

Há duas questões que devem ser levantadas quanto a esta citação. A primeira diz respeito ao contexto. O objetivo de Paulo aqui não é desmerecer a prática de esportes, mas ressaltar a importância do exercício da piedade. Basta voltarmos ao versículo anterior (v.7) e veremos seu objetivo exposto com clareza, que era estimular Timóteo a buscar a autêntica piedade:

Mas rejeita as fábulas profanas de velhas caducas. Exercita-te pessoalmente na piedade.

A segunda questão diz respeito a valores comparativos. Um valor absoluto é aquele que deve ser julgado por seus méritos próprios, intrínsecos. Já um valor comparativo é aquele que precisa ser julgado à luz dos méritos de outro valor. Por exemplo, a traição, a mentira, a infidelidade são valores intrinsecamente ruins; por si só devem ser rejeitados. São absolutamente maus. O amor, a lealdade e a verdade são virtudes desejáveis em si mesmos. Não há necessidade de compará-los a outro valor para se perceber sua nobreza. Entretanto, os valores comparativos variam em grau de nobreza quando comparados a outras virtudes. O exemplo mais típico é o que Paulo nos apresenta. A piedade comparada ao exercício físico é de muito maior

proveito. O que ele fez foi uma mera comparação sem a intenção de menosprezar o exercício físico.

Toda a ciência atesta que o exercício físico é excelente para o ser humano. Reduz taxas de colesterol, melhora o desempenho do sistema gástrico, dá sono, combate a diabetes, diminui o risco de infarto, combate o estresse, e ajuda a oxigenar o cérebro aumentando a atividade intelectual. Entretanto, comparado à piedade seu valor diminui, pois todas essas vantagens são terrenas. O exercício da piedade, por outro lado, condiciona a se viver plenamente na vida "que há de ser". Seu valor é imensamente maior para aqueles que se exercitam a buscá-la.

Paulo não poderia ser contra o exercício físico como um valor absoluto porque assim ele estaria se contradizendo. Em diversas ocasiões ele usou a linguagem do esporte como metáforas para a vida cristã:

Igualmente o atleta não é coroado se não lutar segundo as normas. (2 Tm 2:5)

Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos na verdade correm mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível. Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado. (1 Co 9:24-27)

O escritor dos Hebreus nos convoca a viver a vida cristã como se fôssemos atletas em uma corrida sendo observados por uma grande multidão de espectadores. Novamente a prática do esporte tem conotação positiva e não negativa:

Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso, e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos com perseverança a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus. (Hb 12:1-2)

O que dizer dos atletas profissionais?

Há uma forte oposição de alguns grupos mais legalistas que cristãos participem profissionalmente de alguma prática esportiva. Houve casos de jogadores de futebol que se viram forçados a abandonar suas carreiras porque se converteram e foi-lhes ensinado que aquele meio era mundano. Muitos se tornaram pastores e, infelizmente, além de terem sido impedidos de viver plenamente sua vocação, frustraram-se no exercício do ministério.

Mais uma vez o raciocínio falha na coerência. Dizem que o mundo esportivo é corrompido, cheio de idolatria e repleto de pessoas inescrupulosas. Não há como negar essas acusações, mas qual atividade profissional não tem pessoas desonestas, onde não impere a maldade? João afirma que o mundo inteiro jaz no maligno (1 Jo 5:19) e não apenas o ambiente esportivo. Há advogados indignos, médicos sem ética, vendedores mentirosos e, para nossa tristeza, falsos pastores.

Se a lógica de que um atleta deva abandonar sua carreira prevalecesse, quando um médico se converte ele também deveria abandonar sua profissão. Por que ensinamos a um médico a se preservar íntegro, com um testemunho cristão dentro do hospital, e queremos que o atleta abandone o estádio? Além do mais, caso esse raciocínio estivesse correto, precisaríamos sair do mundo, viver em comunidades isoladas. O eletricitista evangélico só faria instalações elétricas em casas de evangélicos, os advogados evangélicos só defenderiam causas dos crentes evangélicos e os motoristas evangélicos dirigiriam seus táxis para os convertidos. Mas não foi essa a oração de Jesus:

Não peço que os tires do mundo; e, sim, que os guardes do mal (Jo 17:15).

Tampouco Paulo ensinou que devamos abandonar nossa convivência com as pessoas não-cristãs que nos rodeiam. Quando ele doutrinou a igreja de Corinto sobre um caso de imoralidade, foi contundente em afirmar que não podemos sair do convívio do mundo, mas sim nos afastar dos falsos irmãos. Com esses nem devemos comer:

Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros: refiro-me com isto não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idolatras, pois neste caso teríeis de sair do mundo. Mas agora vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idolatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com esse tal nem ainda comais. Pois com que direito haveria eu de julgar os de fora? Não julgais vós os de dentro? Os de fora, porém, Deus os julgará. Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor. (1 Co 5:9-13)

O esporte profissional é hoje uma profissão como qualquer outra. O atleta profissional deve encarar sua atividade física com os mesmos critérios éticos que norteiam um militar, um nutricionista ou um professor. O atleta cristão precisa, inclusive, entender que Deus lhe deu esse talento com o propósito de fazê-lo uma testemunha sua. Como o atleta torna-se uma espécie de mito, admirado e estimado por muitos, sua palavra ganha credibilidade e seu testemunho é escutado com maior atenção. A mídia dá maior crédito à palavra de um jogador de futebol do que à de um evangelista desconhecido. Isso sem contar com as oportunidades que lhe surgem de entrar em locais e viver circunstâncias que dificilmente um pastor poderia ter acesso.

Eric Liddell, medalha de ouro nos 400 metros na Olimpíadas de 1924, era um cristão comprometido e sentia uma forte vocação missionária. Depois de ter conquistado sua medalha, gastou o resto de sua vida na China como missionário. Parte de sua vida foi retratada no filme *Carruagens de Fogo*. Durante os preparativos para a Olimpíada, Liddell gastava muito tempo em treinos, e sua irmã preocupou-se que ele perdesse sua chamada para a China. Sua resposta é linda:

Eu sei que Deus me fez com um objetivo: a China. Mas ele também me fez veloz. E quando corro, eu sinto seu prazer.

Paul Freston, comentando sobre esse evento, ressalta o mandato cultural que Deus nos deixou:

Que teologia tremenda! Deus tem prazer quando me vê correndo velozmente, desenvolvendo a capacidade que ele me deu. Não é um Deus desmancha-prazeres, mas um Deus que concebeu uma criação de quase infinita variedade e complexidade, e que se deleita na exploração desse mundo maravilhoso pela sua criatura predileta, o ser humano.²

A alegria de Deus é que desempenhemos nossos dons e talentos como um mandato cultural. Se o talento do escritor é escrever, que escreva. Se o talento do músico é compor, que componha. Se o talento do industrial é produzir, que produza. Se o talento da artista plástica é pintar, que pinte. Se o talento do atleta é correr, pular, jogar, que faça isto como um mandato divino. Paul Freston mais uma vez nos ajuda a entender o que significa isso:

Não é só o político que tem um mandato. Todos os seres humanos têm um mandato cultural, dado por Deus. Deus não cria um mundo pronto e acabado, mas providencia todo o material necessário e dá ao homem, um ser criador, a responsabilidade e o privilégio de desenvolver as potencialidades do mundo criado. Ao homem é oferecida uma vida plena e dinâmica, com possibilidades para explorar e com projetos para realizar. O desenvolvimento cultural em todos os sentidos, desde a técnica até a cultura erudita, passando pela elaboração de instituições sociais e políticas, é a vontade de Deus para o homem. (Não, é claro, na forma como tem sido feito, que reflete também a presença do pecado.) Por isso o cristão, como todos os homens, deve envolver-se, de acordo com sua vocação, nos estudos, na ciência, na política, na economia, nos esportes...³

Buscando uma teologia do lazer e do descanso

Em nossa busca da espiritualidade integral, devemos redimensionar nosso conceito de prazer, do lazer e do descanso. Como estamos impregnados de exigências religiosas e de um mundo que enxerga o sucesso como sinal de triunfo! Somos constantemente empurrados a produzir e a desempenhar de acordo com os conceitos que elaboramos sobre o significado do sucesso.

Trabalhamos desesperadamente para comprar objetos e quinquilharias que a propaganda nos faz pensar que precisamos. Não temos tempo para ler, ouvir música ou meditar porque precisamos de mais dinheiro para comprar roupas e impressionar gente de que não gostamos. Vivemos sob constante estresse porque aprendemos desde nossa infância que as pessoas bem-sucedidas devem dirigir um certo tipo de carro, viajar a determinados lugares e conviver com gente de projeção. Perdemos os nossos ideais, frustramos nossas vocações e desrespeitamos os nossos princípios para podermos nos ajustar a essas expectativas.

Infelizmente o mesmo acontece no meio religioso. Passamos a exigir dos outros e de nós mesmos um comportamento que visa apenas agradar as pessoas que nos rodeiam ou preencher as expectativas que nos foram impostas por nossa cultura religiosa. Uma cultura de desempenhos e não da graça.

Deus não exige que o amemos com a força dos anjos ou com o denodo de Paulo. Não há qualquer pressão divina para que minha fé se iguale à de Elias. Deus quer que eu o ame de todo o meu coração, de toda minha mente e de todas as minhas forças. O que sou e o que tenho pode não ser muito, mas, se eu entregar a ele, será suficiente. Não há necessidade de me tensionar a ir além de minha capacidade para, no fim de tudo, terminar ansioso e frustrado. Deus não quer isso de mim. Muitas vezes

não descansamos porque estamos querendo superar as expectativas das pessoas, e quanto mais corremos mais nos vemos incapazes.

Assim como Deus descansou no sábado, não porque estivesse cansado mas porque estava satisfeito com a sua criação - que depois do homem era muito boa -, devemos também aprender a deitar nossa cabeça no travesseiro e descansar a cada dia com a convicção de que, se não conseguimos ser os mais ricos, os mais inteligentes e os mais espirituais, fomos tudo o que podíamos ser.

Eis o que eu vi: boa e bela coisa é comer e beber, e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho, com que se afadigou debaixo do sol, durante os poucos dias da vida que Deus lhe deu; porque esta é a sua porção. (Ec 5:18)

Nos próximos capítulos refletiremos sobre a Teologia da Graça, e veremos como o legalismo tem afrontado a mais doce doutrina da Reforma Protestante do século XVI.

Notas

1 PHILLIPS, J. B. *O Teu Deus Não Chega ao Céu*. Lisboa: Ed. Palavras da Vida, 1960, p. 46

2 FRESTON, Paul. *Neemias: Um Profissional a Serviço do Reino*. São Paulo: ABU Editora, 1990, p. 97.

3 FRESTON, idem, p. 96.

Terceira Parte

QUESTÕES HUMANAS OU PRINCÍPIOS DIVINOS?



Capítulo 9

A maravilhosa graça de Deus

A o final de um dia intenso e desgastante, Jesus chegou à margem do lago de Genesaré. Vinha de um lugar hostil. Os gadarenos o haviam expulsado de seu território pelo bem que fizera a um homem possesso. Uma legião de demônios condenava esse infeliz a viver nas cavernas sepulcrais, em condições inferiores às de um animal. Jesus os exorcizou, condenando-os a deixarem o corpo do homem e a cair em um abismo depois de se apossarem de uma vara de porcos.

Certamente cansado, Jesus buscava um lugar de repouso. Mas, logo ao chegar, um líder judeu de nome Jairo jogou-se aos seus pés pedindo que curasse sua filha de doze anos que se encontrava à beira da morte. Movido de compaixão pela sorte desse homem, Jesus prontificou-se a curar a menina em sua própria casa.

A caminho, encontrou-se com uma mulher que experimentaria o poder da graça.

Nada sabemos sobre essa mulher senão que há doze anos perdia sangue devido a uma hemorragia intermitente. Gastara todos os seus recursos com a medicina deficiente dos seus dias. E seu estado piorava cada vez mais. Porém, ouvindo ela sobre Jesus, creu em seu coração que, se tocasse nas franjas da roupa dele, seria curada desse mal. No anonimato, forçou-se entre a multidão e estendendo a mão o

tocou. Nesse instante, a virtude sanadora de Cristo alcançou-a e seu mal foi imediatamente curado.

A mulher, no entanto, não ouviu nenhuma exigência, nenhuma repreensão de Jesus, mas apenas: "Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre do teu mal" (Mc 5:25-34). Sua cura foi imerecida. Ela nada fizera para receber o alívio de seu sofrimento. Não conquistou a cura por seu esforço ou por alguma virtude. Apenas creu. Sua fé foi suficiente. Tornou-se um exemplo vivo da graça.

Graça é uma palavra de raiz latina - *gratia*, traduzida do grego *charis*, e que significa graciosidade, benevolência, favor ou bondade. Se fôssemos obrigados a reduzir todo o evangelho a apenas uma frase, diríamos: O evangelho é o anúncio da graça.

Uma das mais perniciosas tendências da religião é associar a fé ao cumprimento de regras e leis. O contraponto da religião que exige esforço é a proclamação da graça. Abraão de Almeida diferenciou dois tipos de religião: "Há a religião divina e as religiões humanas. A divina é a religião do **'alto para baixo'**. Nela Deus faz, i.é, oferece ao homem a graça salvadora, por reconhecer a incapacidade humana de produzir obras de justiça. A religião divina é o plano de Deus para salvar o homem caído. As religiões humanas são **'de baixo para cima'**. Nelas o homem faz, i.é, oferece a Deus o produto do seu esforço..."¹

"Salvação não é uma idéia; é uma pessoa. É o próprio Jesus, o próprio Deus quem se dá."² Com essa frase de impacto, Paul Tournier, célebre psiquiatra cristão, sintetizou o conceito da graça: a disposição divina de abençoar os seus filhos sem que haja qualquer mérito da parte deles.

Tozer assim definiu: "Graça é o bel-prazer de Deus que o inclina a outorgar benefícios sobre os que nada merecem. É um princípio auto-existente, inerente na natureza divina e parece-nos uma propensão autocausada, no sentido de compadecer-se dos desgraçados, poupar os culpados, dar boas vindas ao réprobo, e favorecer os que antes estavam sob justa reprovação".³

Alguns já diferenciaram graça de misericórdia. Misericórdia seria a bondade de Deus expressa no sofrimento - a palavra provém de duas raízes latinas: *miserere*, que indica um estado de sofrimento; e *cordis*, coração. Graça seria a bondade de Deus expressa no pecado. John Piper declarou que graça e misericórdia operam em nossa vida da seguinte maneira: "Já que o pecado sempre produz miséria, ela é sempre experimentada por pecadores; portanto, todos os atos da graça divina também são atos de sua misericórdia. Igualmente, todos os atos da misericórdia também são atos da graça. Toda graça demonstrada ao pecador é um ato de misericórdia, pois todos os

pecadores são miseráveis. Toda misericórdia demonstrada ao pecador também é pela graça, pois ninguém merece coisa alguma".⁴

A graça de Deus não exige, não cobra, mas capacita. Paulo nos afirma em Efésios 2:4-8:

Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo - pela graça sois salvos -, e juntamente com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus, para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus. Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras para que ninguém se glorie.

Sempre que a graça de Deus não é reconhecida e nossa santidade é atribuída ao "nosso esforço humano, origina-se a ostentação, inflação do eu, soberba que faz a pessoa se colocar sempre em primeiro lugar; surge o artificial, o teatral, as máscaras, a complicação no trato e a preocupação neurótica pela própria imagem".⁵

Quando o monge agostiniano, Martinho Lutero, subiu as escadas de um convento para ser confrontado com a declaração de Paulo em Romanos, que o justo viverá da fé (1:17), fortalecia-se no cristianismo a doutrina da graça. Ele compreendeu que "o cristianismo não é um simples desenvolvimento do judaísmo. Diferente do papado, seu objetivo não é novamente envolver o homem nas faixas apertadas com que lhe envolveram o corpo de bebê, cingindo-o a ordenanças externas e a doutrinas humanas. O cristianismo é uma criação nova. Toma o homem interior, transformando o que há de mais íntimo em sua natureza, de maneira que homem algum precisará de outros homens que lhe imponham regras, mas, auxiliado por Deus, ele poderá de si mesmo e por si mesmo distinguir o que é verdadeiro e fazer aquilo que é direito".⁶

No Antigo Testamento, os povos cultuavam deuses exigentes. Sempre querendo ser agradados, algumas vezes se iravam e pediam sacrifícios. Deus diferenciava-se dos ídolos humanos porque não fazia exigência que não fosse possível de ser cumprida. E se houvesse necessidade de sacrifício, ele mesmo se sacrificaria por nós.

Assim, Deus promete manifestar sua graça livre e gratuitamente àqueles que preencherem algumas condições.

Ao humilde: A graça de Deus é multiplicada ao que se humilha:

Antes, ele dá maior graça; pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. (Tg 4:6)

...Cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo aos humildes concede sua graça. (1 Pe 5:5b)

A graça é concedida aos que se achegam a Deus:

Porque, se vós vos converterdes ao Senhor, vossos irmãos e vossos filhos acharão misericórdia perante os que os levaram cativos, e tornarão a esta terra; porque o Senhor vosso Deus é misericordioso e compassivo, e não desviará de vós o seu rosto, se vos converterdes a ele. (2 Cr 30:9)

Ele dá graça aos que pedem graça:

Tu não chorarás mais; certamente se compadecerá de ti, à voz do teu clamor, e, ouvindo-a, te responderá. (Is 30:19b)

A graça será estendida àqueles cujo prazer está no Senhor:

Deleita-te no Senhor e ele concederá os desejos de teu coração. (Sl 37:5)

Aos que esperam no Senhor:

Eis que os olhos do Senhor estão sobre os que esperam na sua misericórdia, para livrar-lhes a alma da morte, e, no tempo da fome, conservar-lhes a vida. Seja sobre nós, Senhor, a tua misericórdia, como de ti esperamos. (Sl 33:18,22)

Aqueles que se refugiam em Deus:

Tem misericórdia de mim ó Deus, tem misericórdia, pois em ti a minha alma se refugia. (Sl 57:1)

O Senhor é bom, é fortaleza no dia da angústia, e conhece os que nele se refugiam. (Na 1:7)

A graça de Deus é a única garantia de que somos aceitos em Deus. A dedução filosófica de André Comte-Sponville sobre a graça surpreende pela lucidez, já que ele é ateu convicto.

Parece compreender o conceito de graça melhor que alguns cristãos modernos (as pedras clamando?):

O amor que Deus tem por nós, segundo o cristianismo, é ao contrário perfeitamente desinteressado, perfeitamente gratuito e livre: Deus nada tem a ganhar com ele, já que é infinito e perfeito, mas ao contrário se sacrifica por nós, se limita por nós, se crucifica por nós sem outra razão a não ser um amor sem razão, sem outra razão a não ser ele mesmo se renunciando a ser tudo. De fato, Deus não nos ama em função do que somos, que justificaria esse amor, porque seríamos amáveis, bons, justos (Deus também ama os pecadores, foi inclusive por eles que deu seu Filho), mas porque ele é amor e o amor, em todo caso, não necessita de justificação. "O amor de Deus é absolutamente espontâneo", escreve Nygren. Ele não procurou no homem um motivo. Dizer que Deus ama o homem não é anunciar um julgamento sobre o homem, mas sobre Deus. Não é o homem que é amável; é Deus que é amor.

7

No cristianismo, o amor não é dado aos que já são dignos. Ao contrário, ele quer bem ao que nada vale e lhe outorga valor. A graça habilita o amor de Deus de se expressar sem exigir absolutamente nada. "O homem amado por Deus não tem nenhum valor em si; o que lhe dá um valor é o fato de Deus amá-lo".⁸

Essa compreensão da graça de Deus é central nos evangelhos, por inúmeros motivos. Primeiro, nos alivia de enormes tensões religiosas. A graça não permite que Deus seja uma ameaça. O emaranhado de leis e regulamentos muitas vezes dificulta o conhecimento de Deus. Acaba escondendo-o!

Os judeus gostam de contar uma antiga história sobre um rabino que chegou em casa certo dia e encontrou sua filha, de nove anos, chorando muito. Perguntou-lhe porque tantas lágrimas. Entre soluços respondeu que estava brincando de esconde-esconde com seus amigos. Na sua vez, se escondeu tão bem que os amigos desistiram de procurá-la e foram embora para brincar de outra coisa. Depois de mais de uma hora, quando saiu do esconderijo viu que estava sozinha. Na hora em que o rabino passava a mão na cabeça de sua filha, consolando-a, pensou: Será que a religião conseguiu esconder Deus tão bem que ele se sente sozinho e abandonado?

Não seriam as exigências religiosas um empecilho ao conhecimento de Deus? Erasmo de Rotterdam, um dos precursores da Reforma Protestante, clamou que a Igreja retornasse a Cristo sem o peso das exigências e doutrinas humanas. Seu pedido precisa ser ouvido:

Verdadeiramente o jugo de Cristo seria suave, e seu peso leve, se as mesquinhas instituições humanas não acrescentassem coisa alguma ao que ele mesmo impôs. Ele nada nos ordenou a não ser o amor uns pelos outros, e não há nada, por mais amargo que seja, que a afeição não suavize e adoce. Tudo segundo a natureza é facilmente suportável, e nada concorda melhor com a natureza do homem do que a filosofia de Cristo, da qual o único fim é devolver à natureza caída sua inocência e integridade... A igreja acrescentou-lhe muitas coisas, das quais algumas se podem omitir sem prejuízo da fé... Que regras, que superstições nós temos a respeito da vestimenta!... Quantos jejuns se instituem!... Oxalá os homens se contentassem em deixar Cristo governar pelas leis do Evangelho, e não mais procurassem fortificar sua tirania tenebrosa como decretos humanos.⁹

O número de pessoas afastadas da igreja, receosas de conhecerem a Deus e totalmente fragilizadas pela religiosidade humana demonstra que a graça não tem sido demonstrada como deveria, na proclamação do Evangelho. Quanto menos ensino sobre a graça, mais desfigurada é a compreensão que as pessoas terão de Deus. Menos conhecido ele será das pessoas.

A percepção da graça também dissolve a culpa. Abrandando o sentimento de que estamos sempre em falta com Deus.

Tournier afirma que há dois tipos de culpa: a falsa e a verdadeira. A falsa culpa acontece quando as pessoas assumem o papel de autênticos juizes no lugar de Deus. "Quando eles julgam a conduta de alguém, todos o fazem com uma convicção que significa implicitamente que Deus julgaria exatamente como eles. Estão sempre tão fortemente convencidos de seu parecer sobre o bem e o mal que têm a impressão de que Deus mesmo se trairia se não participasse da opinião deles. É por isso que as falsas culpas que nascem dos julgamentos humanos e a verdadeira, que depende do julgamento divino, se misturam e se confundem constante e perigosamente".¹⁰

Tournier acrescenta aos seus argumentos a espantosa realidade bíblica que Deus prefere os pobres, os fracos, os desprezados. Somente a graça brinda quem é indigno. "O que os religiosos têm mais dificuldade ainda de admitir é que Deus prefere os pecadores aos justos. Isto se explica precisamente por este ponto de vista bíblico

que a psicologia moderna confirma: que todos os homens são igualmente carregados de culpa. Os que chamamos de justos não estão isentos dela, mas a reprimiram; os que chamamos de pecadores estão conscientes de sua culpa e, por isso mesmo, mais preparados para receber o perdão e a graça.

"Por toda parte, Jesus tomou a defesa dos desprezados: a mulher adúltera...; a prostituta, na casa de Simão, o fariseu, que ficou chocado não somente pela conduta dela no passado, mas por sua espontaneidade na manifestação de seus sentimentos (Lc 7:36-50). Ele fala com severidade a Simão, mas à mulher ele diz: 'Perdoados lhe são os muitos pecados'.

"Na igreja de Corinto, o apóstolo Paulo constata que não foram chamados 'muitos sábios... nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento' (1 Co 1:26). Assim, a exemplo de seu mestre, ele sabe 'estar humilhado' (Fp 4:12), ele se expõe ao julgamento dos homens (1 Co 4:3). Ele liberta o seu discípulo, Timóteo, de seu sentimento de inferioridade: 'Ninguém despreze a tua mocidade', escreve-lhe Paulo (1 Tm 4:12); e mais:

'Deus não nos tem dado espírito de covardia' (2 Tm 1:7). Tiago, por sua vez, estigmatizou os que honram os ricos e aviltam os pobres (Tg 2:1-7).

"Poderíamos multiplicar os exemplos. José, o décimo-primeiro filho de Jacó, odiado por seus irmãos porque tinham ciúmes dele, torna-se o eleito de Deus, e o poderoso de Faraó (Gn 41).

"Uma prostituta, Raabe, é usada como instrumento do plano de Deus (Js 2:1-4); uma humilde viúva, em Sarepta, também é alvo da graça divina (1 Rs 17:8-24); Jesus revela a uma estrangeira de comportamento duvidoso, a samaritana, que ele é o Messias (Jo 4:1-26); o filho pródigo da parábola é recebido de braços abertos pelo pai, para grande escândalo de seu virtuoso irmão (Lc 15:11-32); uma pobre vendedora de púrpura, Lídia, tornou-se a primeira européia a receber o batismo cristão (At 16:11-15); um refugiado, de nome Áquila, é quem primeiro acolhe Paulo em Corinto (At 18:2)."¹¹

O conhecimento da graça liberta para amar sem fobias. Como alguém pode amar a Deus se está sempre sentindo-se culpado, devedor? A graça nos garante que "o desafio de ser humano é tão complexo, que Deus não perde tempo esperando de nós a perfeição... Quando tentamos ser bons, e não conseguimos ser tão bons quanto desejávamos, não perdemos o amor de Deus".¹²

Somos livres para amá-lo, certos de que somos aceitos e queridos por Deus. A memória de que ele nos amou primeiro nos liberta para desfrutar de sua companhia e viver intensamente seus valores.

A graça que nos liberta para amar a Deus é a mesma que nos santifica e nos capacita a fazer a sua vontade, fornecendo-nos desejos, força moral, ímpetus de

virtude. A graça aguça nossa percepção dos princípios da lei moral de Deus, e não da letra.

A lei e os profetas previam que Deus capacitaria seu povo a viver de acordo com os seus mandamentos e não por esforço próprio.

Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro neles; tirarei da sua carne o coração de pedra, e lhes darei coração de carne; para que andem nos meus estatutos, e guardem os meus juízos, e os executem; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus (Ez 11:19-20).

O judeu orava: "Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei" (Sl 119:18). Ele reconhecia que sem o poder da graça jamais poderia contemplar as maravilhas de Deus. Sabia que sem a soberana graça de Deus, que inclina o coração das pessoas, ele se desviaria para amar o dinheiro.

O Novo Testamento exalta em repetidas ocasiões que somente o poder da graça é que torna o cristão capaz de agradar a Deus. Isso não acontece por mero cumprimento de ordenanças, mas na compreensão dos valores eternos de Deus. Por esse motivo é impossível mesclar um pouco de lei com um pouco de graça. A tentativa da igreja da Galácia foi um desastre. Acabaram anulando o poder da cruz:

Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e, sim, mediante a fé em Cristo Jesus, também nós temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois por obras da lei ninguém será justificado. Mas se, procurando ser justificados em Cristo, fomos nós mesmos também achados pecadores, dar-se-á o caso de ser Cristo ministro do pecado? Certo que não. Porque, se torno a edificar aquilo que destruí, a mim mesmo me constituo transgressor. Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim. Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão (Gl 2:16-21).

Somente pela graça podemos extrapolar qualquer conceito jurídico ou institucional no trato de Deus com as pessoas. É a graça que nos coloca em um relacionamento de ternura com um Pai amoroso, que repete para nós o que disse a Jesus: "Tu és o meu filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3:17).

Notas

- 1 ALMEIDA, Abraão de. *O Sábado, a Lei e a Graça*. Rio de Janeiro: CPAD, 1981, p.14.
- 2 TOUNIER, Paul. *Culpa e Graça*. São Paulo: ABU Editora, p. 214.
- 3 TOZER, *Mais Perto de Deus*. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, p. 111
- 4 PIPPER, John. *Future Grace*. Multnomah Books, USA, 1995, p. 77.
- 5 BOFF, Leonardo. *A graça Libertadora no Mundo*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1976, p. 123.
- 6 D'AUBIGINÉ, J. H. Merle. *História da Reforma do Século XVI*. São Paulo: Casa Ed. Presbiteriana, vol. III, p. 196.
- 7 COMTE-SPONVILLE. *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*, p. 299.
- 8 Ibid,p.300.
- 9 DURANT, Will. *A Reforma*. Rio de Janeiro: Record, 1957, p. 240.
- 10 TOURNIER, Paul. *Culpa e Graça*. São Paulo: ABU Editora, p. 81.
- 11 TOURNIER, p. 131.
- 12 KUSHNER, Harold. *O Quanto é Preciso Ser Bom*. Rio de Janeiro: Exodus Editora, 1997, p. 7.

Capítulo 10

Buscando a santificação

Depois que separamos as doutrinas humanas dos princípios eternos de Deus, convém deixar absolutamente claro que a Bíblia é contundente e específica. Deus espera que todos os seus filhos sejam santos: "Porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo" (1 Pe 1:16). Em todos os grandes avivamentos da história, a liderança enfatizava a santidade como um elemento imprescindível. João Wesley e os seguidores dos movimentos de santidade de seus dias não se cansavam de citar textos como Hebreus 12.14: "Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor". Muitas vezes, essa expectativa nos parece elevada demais e mal sabemos como reagir a textos como 1 Tessalonicenses 4:3: "Pois esta é a vontade de Deus, a vossa santificação".

Afinal de contas, o que é a santidade que a Bíblia exige de nós? Como podemos obtê-la?

Santidade é uma exigência bíblica para os filhos de Deus. Um imperativo da vida cristã. Tão essencial quanto algum ingrediente de uma receita doméstica. Para fazer um bolo, uma pessoa precisa de um determinado número de xícaras de farinha de trigo, tantos ovos, açúcar, fermento, chocolate, suco de maracujá etc. Esses componentes (como farinha, ovos, etc.) são imprescindíveis, caso contrário, o bolo deixa de ser bolo. Já outros ingredientes entram na receita apenas para incrementar o sabor, mas não são imprescindíveis. De igual modo, na vida cristã algumas dimensões podem não estar presentes ou serem diferentes: numa igreja, a mulher pode usar calça comprida, em outra não pode; em uma os crentes batem palmas, em outra não; uma igreja celebra a ceia todas as semanas, outra uma vez por mês; tem igreja que batiza por imersão, tem igreja que batiza por aspersão, e assim por diante.

Creio que todas essas práticas podem ser incorporadas a uma determinada igreja evangélica e ela continuar sendo caracterizada como evangélica. Em nossa igreja,

batizamos por imersão, mas somos amigos de pastores que batizam por aspersão. A forma diferente com que realizam o mesmo ato não os desqualifica.

O ingrediente espiritual imprescindível à nossa fé é a santificação. É possível encontrar um cristão triste, ou alegre, ou que fale alto demais, ou que só fale "para dentro"; mas é impossível existir um crente sem caráter, ou sem integridade. Ser cristão e não ter uma vida correta é uma contrariedade de termos. Assim como a água não se mistura ao óleo, cristianismo e impureza moral se chocam. Seria impossível dizer de uma mesma pessoa: "Ele é de Jesus, mas é o maior patife da cidade"; ou pior: "Cristão sensacional, canta como ninguém; mas mente como eu nunca vi". Atente que a qualificação de mentiroso anula a de cristão. Assim como seria impossível um bolo sem farinha, é igualmente impossível que um cristão, homem ou mulher, não busque a santificação. Então a pergunta que nos fazemos é a seguinte: "Como é que esses processos podem acontecer em nossa vida? O que a Bíblia diz sobre santificação e santidade?"

A primeira expectativa quando se depara com um estudo sobre santificação geralmente consiste em esperar que se forneçam regras de como ser santo, que sejam ditados os "regulamentos da igreja" para serem seguidos. Eis a essência do legalismo. Em um primeiro momento isto parece bastante eficaz, mas logo se mostra inócuo em gerar santidade. Conceituemos a santidade na dimensão mais pura.

O que é santidade?

Em primeiro lugar, pode-se definir santidade como o efeito inicial da justificação de Deus em nossas vidas. A conversão engloba uma compreensão jurídica do processo em que o pecador é considerado justo nos méritos de Cristo. Justificação é Deus nos imputando a justiça de Cristo. Uma vez justificados, dá-se início a um processo gradual de transformação de nossa natureza. Agora, habitados pelo Espírito Santo, vamos, dia a dia, sendo moldados por sua influência.

A terminologia bíblica fala de sermos transformados de "glória em glória". Santificação é de "glória em glória" porque procede do Espírito Santo e não de um esforço humano de obedecer a normas e regulamentos. George Ladd tratou desse conceito, afirmando: "Quando aplicada aos crentes, a santidade ou santificação não é, em primeiro lugar, um conceito ético, embora contenha aspectos éticos. Ela denota, antes de tudo, uma verdade soteriológica de que os crentes pertencem a Deus. Eles são o povo de Deus. É por isso que o uso mais comum de *hagios*, em Paulo, designa todos os crentes como santos - o povo de Deus.

Os crentes são santos até mesmo em sua existência corpórea quando se entregam a Deus (Rm 12:1). Os crentes dentre os gentios juntam-se ao povo de Deus

"como oferta santificada pelo Espírito Santo" (Rm 15:16). Mais importante ainda do que isto é o fato de que todos os crentes são vistos como já santificados em Cristo. Neste sentido, a santificação não designa crescimento em conduta ética, mas uma verdade redentora...

Purificação, santificação, justificação são eventos factuais do passado. A santificação, aqui, significa inclusão no povo a quem Deus declara seu. 'A santificação consiste não em uma qualidade moral particular, mas numa relação particular com Deus, que foi concedida'.¹

Atente ao que o apóstolo Paulo nos fala sobre a santidade em Romanos 6:6: "Sabendo isto, que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos". Santidade, portanto, diz respeito à mudança que houve no meu ser no ato da minha conversão. Trata-se de um milagre de Deus para mim, que libera o meu homem interior para viver para Deus. Por quê? Porque a antiga natureza, o velho homem, destruído e carcomido pelo pecado, foi espiritualmente crucificado com Cristo para que uma nova criatura pudesse renascer com Deus.

Isso é o que acontece quando nos convertemos. Somos crucificados com Cristo para vivermos em novidade de vida.

Romanos 6:6, portanto, diz que santidade é esse processo inicial. Houve um antes e um depois em mim; uma influência externa operou alguma coisa de diferente em mim. Não se trata de mudança de religião. Ou da renovação de atos comportamentais. Quando alguém se rende a Cristo, ele não se limita a uma simples transferência religiosa. Não sai de um culto com imagens na parede para uma religião sem imagens. Converter-se não é um esforço de ter uma nova cartilha de usos e costumes. Isso seria muito pouco diante do enorme investimento de Deus no plano da salvação.

Uma vez que o velho homem (nossa natureza pecadora) é crucificado com Cristo, o Espírito Santo implanta uma nova natureza no coração, fazendo desse homem uma nova criação.

Santificação não é resultado de observância a normas eclesiais ou de assiduidade aos cultos. O ser religioso não necessita necessariamente de uma nova natureza. Basta que seja educado para incorporar os valores daquela igreja ou credo. Paulo escreve, com todas as letras, a sua compreensão do novo nascimento e do processo que se inicia nesse milagre: "se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas." (2 Co 5:17)

Em Romanos 6.18, Paulo também deixa isso claro: "e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça". Veja que aqui o verbo fala de alguma coisa que aconteceu em mim, não de algo que eu fiz: "fostes feitos!".

Raramente assisto a programas evangélicos na TV. Por absoluta falta de tempo e por tentar me proteger de muitas tolices ditas hoje em nome de Jesus. Há pregações que beiram a heresia. Porém, com um pouco mais de tempo e sem muitas opções no vídeo, resolvi ouvir o que um determinado pastor (famoso e muito controverso) pregaria no seu culto televisivo. Iniciou sua mensagem sobre a Páscoa, descrevendo o sacrifício dos animais no Antigo Testamento. Parecia interessante. Infelizmente, logo começou a exortar as pessoas sobre o preço que nós temos de pagar se queremos ser salvos. Minha reação imediata foi de decepção. Senti-me impulsionado a desligar a televisão ou passar para outro canal. Não suportava a idéia de que as pessoas precisam pagar um preço para serem salvas. Irrquieta, falava comigo mesmo: "Não é possível que eu esteja ouvindo isso em nome do Evangelho".

A pregação dos reformadores protestantes e de toda a herança evangélica é que todo o preço já foi pago por Cristo, e não resta nada mais a ser pago. Salvação é uma dádiva de Deus que não vem de obras. Ela aconteceu independentemente de mim. Foi um ato histórico e objetivo que se deu nos arredores de Jerusalém, sobre um monte chamado Calvário. Não há preço senão o de aceitar e dizer "Sim, Senhor"; o que não é preço nenhum. Salvação (bem como santificação) não tem preço a ser pago. Não há esforços requeridos. O esforço da salvação, se é que se insista no termo, é o menor que existe. Basta dizer sim para Deus.

O apóstolo Paulo conceitua essa verdade afirmando: "fostes feitos servos...". Não é você que faz. O sujeito da ação é o Espírito Santo. Somos o objeto de sua ação. Participamos de todos os processos espirituais que acontecem em nossas vidas de uma forma "passivamente ativa". Deixando-me ser trabalhado por Deus; permitindo que ele me molde e me transforme à imagem de Cristo. Não há esforço nisso e sim descanso.

Há um cântico muito rico nas igrejas evangélicas, em que, em alguns versos, o próprio Deus canta para o seu povo e afirma: "Não tenha sobre ti um só cuidado/qualquer que seja/ pois um somente, um seria muito para ti. E meu, somente meu, todo o trabalho/e o teu trabalho é descansar em mim". Todo e qualquer trabalho já foi consumado na cruz do Calvário. O preço já foi pago e nada mais pode ser acrescentado ao que Cristo fez. Por isso, toda glória da salvação da humanidade pertence a ele. O apóstolo Paulo afirmou em várias ocasiões que não possuía glória nenhuma. Se tivesse alguma glória, era a da cruz.

Primeiramente, pode-se resumir santidade como uma nova natureza de Deus colocada pelo Espírito Santo sobre o cristão, capacitando-o para viver a excelência da vida de Deus.

Em segundo lugar, santidade é o processo de se deixar influenciar pelo caráter de Deus.

O que é santidade? Novamente deve-se insistir: não é obedecer a regras. Santidade consiste em absorver os valores dignos de outra pessoa. Quando andamos com alguém, especialmente alguém que amamos e admiramos, é normal que comecemos a absorver os valores daquela pessoa: assumimos seus trejeitos, sua maneira de falar, de se comportar, de agir. Isso acontece muito entre os adolescentes: se dois adolescentes andam juntos, o que tem a personalidade mais fraca vai assumindo o jeito do que tem a personalidade mais forte.

Os namorados, casados e companheiros de longas datas também demonstram essa verdade. Ora, ninguém tem uma personalidade mais forte do que a de Jesus: se nós o amamos e admiramos, e andamos com ele, é simplesmente normal que comecemos a absorver os seus valores. À medida que gastamos tempo com Jesus, os seus valores santos vão sendo incorporados a nós, e passam a fazer parte de nossa natureza: isto é santidade.

Veja 1 João 4:18: "No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor". O que o apóstolo João está nos dizendo aqui? Ele nos diz que, quando andamos em amor com outra pessoa, somos aperfeiçoados no amor, porque quem ama não tem medo. O perfeito amor lança fora todo o medo. Quem teme não consegue ser aperfeiçoado pelo amor. Por quê? Porque está cheio de reservas, gasta suas energias se protegendo. Se o texto diz que aquele que teme não é aperfeiçoado no amor, o contrário também é verdade: aquele que ama é aperfeiçoado no amor. Você só copia, só se inspira, só se espelha em quem você muito ama. Se você odeia alguém, não quer nada daquela pessoa. Seus valores não lhe atraem.

Observe que falar de santificação e de santidade não significa cobrar das pessoas: "Irmãos, vamos ser santos: vamos jogar a televisão fora, vamos rasgar as revistas, vamos parar de ler Manchete, Capricho, parar de assistir Ratinho, parar de jogar no bicho, não pode mais ir à praia nem ao campo de futebol, etc." Porque se for assim haverá sempre o perigo de a pessoa dizer: "Pronto, deixei tudo isso - e agora? Sou santo?" Não! Você é "religiosamente bem trabalhado", mas não santo. Porque santo não é você deixar de fazer certas e determinadas coisas. Ser santo é absorver os valores da pessoa que você mais ama e admira: Jesus!

Portanto, no amor dissolvem-se as dúvidas sobre quem queremos agradar. Por quê? Porque amamos a Deus e passamos a nos interessar sobre o que ele quer de nós. Ainda que o coração seja perfeito, a mente pode ser muito imperfeita, e através

das imperfeições da mente - sua memória, seu julgamento, sua razão - o homem santificado pode cometer muitos erros.

Deus continua nos vendo e requerendo santidade de nós. Ele contempla a sinceridade de nossas intenções. Atenta para o amor e para as expressões desse amor que relativizam todas as imperfeições da mente e da fé. Desprezando as imperfeições de nossa mente, Deus nos chama santos. Só por causa do amor. Assim, o grande mandamento é amar a Deus.

Se eu amar a Deus de verdade, se o meu coração for puro diante dele, os defeitos que tenho em minha mente, meus desejos e meus pensamentos serão eliminados ou esclarecidos, a seu tempo. O que Deus espera de mim não é que eu tenha uma mente absolutamente disciplinada, que nunca pense algo errado, que seja total e perfeitamente certa — assim eu seria Deus. O que é que Deus espera de mim? "Quero que você ande comigo de todo o seu coração. Se eu tiver o seu coração e o seu amor, as imperfeições mentais e as falhas no seu caráter não precisam ser motivo de preocupação — a seu tempo tudo isso será corrigido, isso tudo vai ser cuidado, vai dar certo, você vai crescer..."

O rabino Harold Kushner está correto ao afirmar: "A religião não é a voz carpideira das condenações, dizendo-nos que o normal é pecaminoso e que o engano bem intencionado é uma transgressão imperdoável que irá nos danar para sempre. A religião é a voz que diz: eu vou guiá-lo através desse campo minado das difíceis escolhas morais, compartilhando com você a percepção e a experiência das grandes almas do passado, e vou lhe oferecer o conforto e o perdão quando você estiver perturbado pelas escolhas dolorosas que fez".² "Ah, meu Deus, eu pensei uma besteira, eu vou para o inferno..." "Não, você não vai para o inferno. O seu coração é meu. Esses pensamentos tolos são fruto da sua imaturidade. Comigo você amadurecerá".

Kushner relata-nos uma experiência sua em um hospital norte-americano. Depois de uma palestra, foi convidado a visitar um pastor da igreja anglicana que estava morrendo de AIDS. Após se apresentar, perguntou ao doente — magérrimo, pele emaciada e com vários tubos endovenosos espetados pelos braços — como se sentia. "Não muito bem", disse, "mas vou me acostumando". O diálogo que se desenvolveu entre os dois merece ser narrado:

—Você não se preocupa de poder estar morrendo sem Deus? A sua doença não poderia ser, de algum modo, uma punição de Deus por algo que você fez? — Ele olhou para mim e disse:

— Não. E exatamente o contrário. A única coisa boa que me veio disso tudo é que descobri que algo em que eu sempre quis acreditar é realmente verdade. Não importa

o quanto eu possa ter estragado minha vida, Deus não me abandonou. Tenho sentido sua presença aqui, neste quarto de hospital. Ele pode me amar ainda quando acho difícil eu mesmo me amar.

Fez uma pausa para recobrar as forças antes de continuar.

— Quando eu era jovem, pensava que tinha que ser perfeito para as pessoas me amarem. Meus pais me passaram essa mensagem, ameaçando-me de retirar seu amor cada vez que eu os contrariava. Meus professores da Escola Dominical reforçavam essa lição. Não freqüentávamos uma daquelas igrejas de fogo-do-inferno-e-enxofre, mas ouvimos muito sobre o quanto estávamos causando desgostos a Deus a cada pecado nosso, e acho que isso era igualmente ruim, em especial diante da lista de coisas que nos diziam serem pecado.

— Tentei desesperadamente ser perfeito, para que meus pais, meus professores e Deus me amassem. Provavelmente por isso entrei para a carreira religiosa. Em parte, queria que as pessoas pensassem que eu era moralmente perfeito e me amassem por isso. Mas cada vez que fazia alguma coisa que eu sabia que era errada, e cada vez que eu contava uma mentira para encobrir-me, eu me odiava por ser tão impostor, e estava certo de que Deus me desprezava tanto quanto eu mesmo.

— Deitado aqui, nesta cama de hospital, sabendo que em breve vou morrer, tive essa intuição: Deus sabe como eu sou e ele não me odeia; portanto, eu não tenho que me odiar. Deus sabe o que fiz e ele me ama de qualquer maneira. Logo estarei deixando o hospital, não por estar melhor, mas porque não há nada que possam fazer por mim e precisam da cama para alguém que ainda podem ajudar.

— Há um último sermão que eu gostaria de pregar para eles [minha congregação]. Tenho que partilhar com eles a lição que minha enfermidade me ensinou: você não tem que ser perfeito. Faça apenas o melhor que puder e Deus o aceitará como você é. Não espere que seus filhos sejam perfeitos. Ame-os por suas falhas, por suas tentativas e seus tropeços, da mesma maneira como nosso Pai no céu nos ama.

Atente para o cuidado de Deus em não nos colocar um peso excessivo de exigências: "Ora, a mensagem que da parte dele temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma. Se dissermos que mantemos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade" (1 Jo 1:5,6). O anelo de Deus é que mantenhamos nossa comunhão com ele. Só nos pede que não haja contradição entre "ter comunhão com ele" e andar em trevas. Se digo: "Senhor, estou andando contigo" mas na verdade habito em trevas, isso é mentira. O versículo sete é contundente: "Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado".

A medida que vamos andando em comunhão com Deus, ele vai nos purificando dos pensamentos tolos, dos deslizes, desses pecados que acontecem pela nossa própria imaturidade mental e pela fraqueza do nosso caráter. O que Deus quer de nós é o nosso coração; que andemos com ele. O verbo aqui no grego indica um presente contínuo, um gerúndio - vai nos purificando à medida que desfrutamos de sua companhia.

Santidade não é, portanto, perfeição absoluta, pois esta pertence unicamente a Ele. Deus não quer de nós uma perfeição angelical, mas a santidade é possível mesmo com nossa humanidade. Deus deseja apenas o nosso melhor, que pode não se comparar ao melhor dos anjos, nem ao melhor dos santos, mas, se for o meu tudo, será o suficiente para agradar a Deus. "Senhor, o meu melhor, comparado ao do Pr. fulano de tal, é tão fraquinho..." Mas Deus responde: "Não, eu não estou querendo comparar você ao Pr. Fulano de Tal. Eu quero o seu melhor. Isto é o melhor que você tem?" "É, Senhor, mas o meu melhor, tu sabes, ainda está todo cheio de remendos..." "Não interessa." "É o melhor?" "Sim, é o meu tudo". "Então basta". Não é necessário que nos preocupemos em saber se o nosso melhor é igual ao melhor de Santo Antônio, nem de São Benedito, nem de Santa Ângela, nem do São Miguel. Basta entregarmos o que temos. E o suficiente.

Deuteronômio 30:2-6 afirma: quando "tomares ao Senhor teu Deus, tu e teus filhos, de todo o teu coração e de toda a tua alma, e deres ouvidos à sua voz segundo tudo o que hoje te ordeno, então o Senhor teu Deus mudará a tua sorte e se compadecerá de ti, e te ajuntará de novo de todos os povos entre os quais te havia espalhado o Senhor teu Deus. Ainda que os teus desterrados estejam para a extremidade dos céus, desde aí te ajuntará o Senhor teu Deus e te tomará de lá. O Senhor teu Deus te introduzirá na terra que teus pais possuíram e a possuirás; e te fará bem, e te multiplicará mais do que a teus pais. O Senhor teu Deus circuncidará o teu coração, e o coração de tua descendência, para amares ao Senhor teu Deus de todo o coração e de toda a tua alma, para que vivas".

Por outro lado, a Lei não pode livrar-nos da lei do pecado e da morte, nem da fraqueza da carne. Esta é a mensagem de Romanos 8:2-3: "Porque a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado".

Quando a Bíblia fala de carne, não se refere ao corpo físico, do qual somos instruídos a cuidar e nutrir. Quando a Bíblia se refere à carne, está falando de paixões e apetites, de instintos. Cada um de nós tem essa carne, que faz parte de nossa

constituição imaterial, e é essa carne que nos torna pendentes, propensos ao pecado. Para essa carne, a lei não tem proveito. Não adianta dizer "não pode", "não faça", "é proibido"... Pior, quanto mais você disser a esta carne: "Não pode!", mais ela quer. Quanto mais você diz "Não!", mais ela diz: "Eu quero, eu quero, eu quero". A luta é titânica. E você perde essa batalha sempre. A lei é espiritual, porém "eu sou da carne, entregue à escravidão do pecado", protestava o apóstolo Paulo. Tentar vencer as forças dominadoras da carne pela própria vontade é tão ineficaz quanto tentar se levantar do chão puxando os cordões dos próprios sapatos.

O processo da santificação, portanto, não acontece por nossas próprias iniciativas. Ele decorre de outras atividades nas quais podemos, sim, nos engajar. Santidade, assim como a felicidade, não acontece por uma decisão nossa. Ninguém é feliz só por querer ser feliz. Afirmar: "De hoje em diante eu vou ser feliz" é uma declaração inócua. Felicidade é decorrente de atitudes que você toma em sua vida. Semelhantemente, santidade não acontece porque a pessoa se programou e se disciplinou: "Eu sou espartano no meu procedimento. Eu sou disciplinado. No dia em que disse que ia deixar de fumar, deixei. No dia em que disse que ia fazer regime, fiz regime e emagreci vários quilos. Eu tenho força de vontade: vou ser santo". Não vai. É impossível, porque a santidade não acontece como um ato de nossa própria vontade.

Estamos incapacitados pelo pecado. O progresso de nossa vida espiritual acontece como desdobramento da ação do Espírito Santo, que nos coloca a caminho do modelo, que é Jesus. Quando andamos no Espírito, somos secretamente abençoados por Deus. Nossa natureza vai sendo moldada por ele e vamos nos aperfeiçoando, modificando, transformando. Muitas vezes, esse processo se dá sem que estejamos conscientes do que ocorre. É uma operação interna, secreta. Vejamos como isso acontece.

Em primeiro lugar, santificação é decorrente de um convívio com Deus.

Somos admoestados em Gálatas 5:16: "Digo, porém: Andai no Espírito, e jamais satisfareis à concupiscência da carne". A repercussão de andar no Espírito é vencer a carne. Dimensões da vida que nos atraíam com um tremendo magnetismo vão perdendo a força. Subitamente nos perguntamos: "Mas como é que eu deixei de gostar daquela coisa de que eu não conseguia me desvencilhar?" Eis o resultado na vida de quem anda com Deus, no Espírito.

"Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que porventura seja do vosso querer. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei. Ora, as obras da carne são conhecidas, e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias, e

cousas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já outrora vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais cousas praticam. Mas o fruto do Espírito - o resultado de quem anda no Espírito - é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra essas cousas não há lei. E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito" (Gl 5:17-25).

Se andarmos no Espírito, as dimensões de nossa vida que desagradam a Deus vão perdendo o poder sobre nós. Conclui-se que ser santo não é saber pedir: "Pastor, por favor, diga-me o que é que eu tenho que fazer, o que é que eu tenho que deixar de fazer?" Esse caminho só levará a decepções. Você só será santo à medida que andar no Espírito.

Em segundo lugar, santificação é fruto de nossa compreensão da luz que recebemos.

Entender verdades, ter luz e compreensão de fatos espirituais produz o fruto da santidade. Em João 17:17, Jesus ora para que seus discípulos sejam santos: "Santifica-os na verdade". Qual é a verdade? "A tua palavra é a verdade". Luz espiritual é essencial para sermos santos. Sem compreensão da verdade pelo Espírito Santo é impossível haver santidade. Quanto mais luz brilhar sobre nós e quanto mais o nosso entendimento for ampliado pela verdade da Palavra de Deus, mais capacidade teremos de andar em santidade diante dele.

Estudar a Bíblia, lê-la meditar em seus ensinamentos constitui-se em condição essencial para sermos santos.

Quanto mais analfabeta a pessoa for dos princípios bíblicos, menos capacidade terá de viver uma vida santa. Quanto mais entendimento das Escrituras, da Palavra de Deus, mais condições de viver uma vida santa. Eis a razão por que o salmista declara no Salmo 119:11: "Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti". Escondi as tuas palavras no meu coração, porque essas palavras me dão a capacidade de viver uma vida mais santa. O livro de Deus tem o poder de nos iluminar a mente, produzindo em nós o poder de viver em uma dimensão mais nobre, mais próxima de Deus.

Aqueles que se contentam em receber os ensinamentos e a palavra de Deus somente através de cultos públicos ou de reuniões têm muita dificuldade em viver uma vida santa. Quanto mais nos aprofundarmos nos princípios da Palavra de Deus, quanto mais estudarmos e mais absorvermos o Evangelho, mais capacidade teremos de viver uma vida santa.

Em terceiro lugar, santificação acontece como fruto da atuação do Espírito Santo, nos transformando de uma maneira sobrenatural.

Santificação vem como relacionamento, como compreensão das Escrituras e também pela atuação sobrenatural do Espírito de Deus em nós. Ele transforma os filhos de Deus de uma maneira sobrenatural. Hebreus 13:20-21 é um texto forte porque é uma oração do seu escritor: "Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém".

O versículo 20 deixa claro que o poder que vai nos aperfeiçoar em santidade é o mesmo que levantou a Cristo dentre os mortos. O resumo do texto acima enfatiza essa verdade: "Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor..., vai aperfeiçoar vocês em todo bem". O mesmo Deus que ressuscitou a Cristo dentre os mortos tem também poder para fazer uma obra de aperfeiçoamento no nosso caráter e na nossa vida.

Em quarto lugar, santificação acontece como resultado de um processo de entrega e rendição contínua diante de Deus.

Se quisermos ser realmente santos tudo o que temos que aprender é dispor nossa vida para que Deus faça o que ele deseja. Só. Nossa oração de santificação deve consistir em: "Senhor, aqui está a minha vida, para que tu operes em mim, com o mesmo poder com que ressuscitaste a Cristo dentre os mortos". Pronto! Essa oração será atendida por Deus e ele fará em nós o que lhe convier.

O Salmo 119:57 nos ensina: "O Senhor é a minha porção: eu disse que guardaria as tuas palavras". O salmista nos deixa a lição. Seu eu disser: "Deus é a minha porção", com certeza eu também poderei afirmar: "guardo as tuas palavras".

Coloque Deus como a porção da sua vida e você naturalmente guardará as palavras dele. Quando Deus for verdadeiramente sua maior riqueza, você caminhará guiado pelos princípios dele. Basta isso. Faça do Senhor sua porção, o resto será consequência. Você andarà com Deus, viverà com ele e fará a sua vontade. O versículo 135 do mesmo Salmo reafirma esta verdade: "Faze resplandecer o teu rosto sobre o teu servo, e ensina-me os teus decretos". Se o rosto de Deus estiver sobre a minha vida, vou querer aprender seus decretos. Eu só não desejo aprender os decretos de Deus quando estou longe dele.

Temos cantado repetidamente um cântico na igreja que diz: "Eu quero ser, Senhor amado, como vaso nas mãos do oleiro. Toma a minha vida, e faze-a de novo..." O cântico é bonito e sugestivo, mas como?

Um dos grandes problemas que enfrentamos no processo de santificação diz respeito ao uso de nosso tempo. Fazemos uma contabilidade de um dia qualquer.

Cada um de nós, rico ou pobre, tem 24 horas por dia. O mendigo, o papa ou o presidente dos Estados Unidos, todos dispõem do mesmo tempo. Dessas 24 horas, o normal é dormir entre 6 e 8 horas. Digamos que alguém dormiu 8 horas. Sobraram 16 horas desse dia. Dessas 16 horas consideremos que entre tomar banho, escovar os dentes, almoçar, satisfazer, enfim, às necessidades básicas, vão-se outras 2 horas. Sobram 14 horas. Destas 14 horas, geralmente trabalha-se 8 horas. Sobram 6 horas. Mas ninguém vai para o trabalho a jato, principalmente nas grandes cidades. Consideremos que se perdem 2 horas no trânsito. Sobram 4 horas. Gasta-se pelo menos uma hora lendo o jornal, jogando conversa fora, papeando com alguém, atendendo o telefone. Sobram 3 horas. Destas 3 horas quanto tempo é gasto meditando nos valores espirituais? Não me refiro a um pensamento fortuito sobre os assuntos eternos. Quanto tempo efetivo, das 3 horas finais que sobram, são dedicados aos valores eternos? Vejam que das 24 horas gastamos 21 horas com atividades absolutamente terrenas. Sem nenhuma depreciação da expressão "terrena".

O problema é que o foco não se dirige a valores espirituais. Depois, na igreja, cansados de uma semana intensa, sem investir sequer dez minutos do tempo pensando no que é eterno, participamos do culto, e concluímos: "Não sei. Tenho uma dificuldade enorme de entender e me concentrar quando o assunto é espiritual. Por que será? Leio revistas semanais com extrema facilidade. Quando pretendo ler a Bíblia, acho difícil. Por que, pastor?" Ora, o que se pode esperar? Alguns chegam a ficar semanas, meses, sem dispor de cinco minutos para se concentrar nos assuntos espirituais. Não podem, em um culto, recuperar sua sensibilidade espiritual.

A. W. Tozer disse o seguinte: "Quem quiser conhecer sua verdadeira condição pode fazê-lo verificando quais foram os seus pensamentos nas últimas horas ou dias. Em que você pensou nestas últimas horas do dia de hoje? Em que pensou quando estava livre para pensar o que lhe agradasse? Para o que se voltou o íntimo do seu coração quando estava livre para voltar-se para onde quisesse? Quando o pássaro do pensamento foi posto em liberdade, voou para longe, como o corvo, para pousar sobre as carcaças flutuantes ou, como a pomba, circulou e voltou para a arca de Deus? É fácil realizar este teste, e se formos sinceros conosco, poderemos descobrir não só o que somos, mas também o que vamos ser. Logo seremos a suma dos nossos pensamentos voluntários".³

Temos que aprender a não separar momentos sagrados do restante da vida. Ser santo é aprender a cultivar a presença de Deus em todos os momentos. Muitas vezes

pensamos que deixamos Deus no templo. Fazemos distinção entre a batalha no cotidiano, daquele momento que experimentamos no recinto religioso. No dia a dia somos indiferentes ao que aprendemos no templo. Constata-se isso nas atitudes de muitos. O que é o relacionamento com Deus para a maioria das pessoas? É um evento que acontece no domingo à noite.

O salmista afirma ainda no Salmo 139 que ser santo consiste em cultivar a consciência da presença de Deus: "Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face?" A percepção do seu cuidado, caminhando junto a nós, traz um novo sentido à santificação. Passamos a viver cada instante de maneira contemplativa, e tudo o que fazemos, agora fazemos para a glória de Deus. Como pode alguém manter seu viver puro? Basta levar Deus para aonde for. Integre, não fragmente a sua vida. Viva na igreja como você vive no mundo, e comporte-se no mundo como se você estivesse dentro da igreja.

O que é uma virtude? É uma força que age, ou que pode agir, na busca do que é verdadeiro. A virtude de uma planta ou de um remédio, que é tratar, dá-se quando há cura. A virtude de uma faca se concretiza no corte. A do ser humano é querer e poder agir humanamente. Esses exemplos que vêm dos gregos dizem suficientemente o essencial: virtude é poder, mas poder específico. A virtude da faca não é a da enxada. A virtude do homem não é a do tigre ou a da cobra; a virtude de um ser é o que constitui o seu valor. Em outras palavras, sua excelência própria. A boa faca é a que corta bem. O bom remédio é o que cura bem. O bom veneno, é o que mata bem. O bom crente é o que é sal, e é luz aonde vai.

Portanto, não adianta ser crente dentro das quatro paredes da igreja: De nada valem os "Aleluias" intramuros, para, logo na calçada, contradizê-los com atitudes impróprias. De nada vale um culto dissociado da contingência diária. Pensar, ao final de uma reunião religiosa: "Deus, até domingo que vem" é uma incoerência com a verdadeira missão do crente. Ser santo é integrar nossa vida lá fora. E assim como o navio só navega bem longe do porto, devemos ser bom sal, fora do saleiro.

Portanto, não devemos buscar uma vida marcada por picos de sensações espirituais extraordinárias. E nem por uma carga exageradamente pesada de leis, estatutos e normas religiosas. A peregrinação do crente é marcada pela busca de querer viver humilde e sensatamente diante de Deus.

O terrível perigo da vaidade espiritual ronda de perto todos os que almejam uma vida santa. Os que se gabam afirmando: "Eu vi a Deus!" dificilmente compreenderam o que é santidade. Alguns gostam de se vangloriar alardeando que óleo ungido brota de suas mãos quando ministram. Quem necessita propagandear o seu poder, ainda não compreendeu o autêntico poder espiritual. Os genuínos buscam andar com discrição

diante do seu Deus. Vivem o que ensina Miquéias 6:8: "Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?" Caminhemos humildemente com o nosso Deus e ele operará em nós tanto o querer como o realizar, segundo o seu poder.

Há um texto de Tozer, escrito em 1959, impressionante pela sua atualidade: "Hoje, mais do que nunca, nós cristãos precisamos aprender a santificar o comum. Esta geração é uma geração cansada do prazer. As pessoas foram superestimadas, a tal ponto que os seus nervos se estafaram, e os seus gostos se corromperam. As coisas naturais foram rejeitadas para dar lugar às artificiais, o sagrado foi secularizado, o santo foi vulgarizado, e o culto converteu-se numa forma de entretenimento. Uma geração narcotizada e de coração obscurecido está constantemente à procura de algo novo, de algum novo excitação bastante poderoso para dar emoção às suas sensibilidades desgastadas e entorpecidas. Tantas maravilhas foram descobertas ou inventadas que nada na terra causa admiração, nem por pouco tempo. Tudo é comum e quase tudo é enfadonho".⁴

Na busca pela autêntica espiritualidade, deixemos de lado os códigos humanos, as leis aparentemente boas e deixemos que a vida do Senhor seja manifesta em nosso ser. Só assim seremos livres do legalismo e só assim poderemos viver justa e retamente diante do nosso Deus.

Notas

1 LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Juerp, 1984, p. 482.

2 KUSHNER, Harold. *O Quanto é Preciso Ser Bom*. Rio de Janeiro: Exodus Editora, 1997, p. 26.

3 TOZER, A. W. *O Poder de Deus*. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, p. 41.

4 TOZER, A. W. *O Poder de Deus*. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, p. 62.



